

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC - SP

Roberta Pereira da Silva

CAMPO DE TERRA, CAMPO DA VIDA:

Interfaces Das Expressões Cotidianas, As Alternativas De Resistência Popular e o Negritude  
Futebol Clube

Mestrado em Serviço Social

São Paulo

2017

Roberta Pereira da Silva

CAMPO DE TERRA, CAMPO DA VIDA:  
Interfaces das expressões cotidianas, as alternativas de resistência popular e o Negritude  
Futebol Clube

Mestrado em Serviço Social

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Serviço Social, sob a orientação da Profª. Dra. Maria Beatriz Costa Abramides.

São Paulo

2017

Banca Examinadora

---

---

---

Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

## AGRADECIMENTOS

Se os pés foram o destaque deste estudo, os meus agradecimentos serão dedicados às várias mãos que se entrelaçaram nesta empreitada e deram a sustentação necessária para sua conclusão. As pequenas mãos de Frida, que ocuparam à beira do campo, as aulas, os encontros e palestras, e que monopolizaram o controle remoto enquanto me debruçava, por horas, à frente do computador. As políglotas mãos do Rafael sempre dispostas a traduzir os resumos, e, também, a pagarem aquele sorvete tão necessário à inspiração. As mãos acolhedoras de papai e mamãe que, mesmo sem compreender ao certo do que se trata tanto livro e tanto estudo, estiveram à disposição em todos os momentos. E as mãos pacientes de Sanderson Trindade, que suportaram a montanha russa de sentimentos (angústias, alegrias, aflições) e ausências físicas e espirituais.

Como não condecorar as mãos amigas de Marcela Tavares Ferroni, os abraços fraternos, a rigidez de seus traços nas correções e nas reflexões ácidas, capazes de colocar-me no eixo e me impedir de seguir por caminhos mais fáceis, além de sua irmandade infinita sempre pronta a auxiliar. As mãos feiticeiras de Márcia Eurico, presentes desde os primeiros escritos, dividindo seu tempo tão caro e concorrido e seu templo de descanso com meus devaneios, incertezas, descobertas e lágrimas. Muitas vezes, suas pausas me diziam o necessário para prosseguir. Sou grata a sua generosidade em compartilhar, como uma velha Griot que comemora e se orgulha dos avanços dos seus iguais, tantos conhecimentos, principalmente sobre o nosso berço, o continente africano.

As mãos escribas de Maria Lucia Barroco e de Antônio Rago Filho, professores capazes de me levarem ao infinito, mestres dos magos, aparecendo no momento certo, me abandonando para o crescimento. Fornecendo inspirações, referências de leitura e propiciando dúvidas. Com eles conheci a grande e a pequena arte, não faço distinção, pois as duas me suspenderam do chão.

Nas arquibancadas, encontrei as mãos que tremulam bandeiras e que lutam contra a opressão: meu muito obrigado a Ale, Ana, Jéssica, Letícia, Marina, Pam, Patrícia e Raísa. Quero ainda apertar as mãos dos coletivos de esquerda em luta por uma Arquibancada, Ampla, Geral e Irrestrita, por propiciarem um espaço de reflexão, debate e confraternização.

De mãos dadas com Talita, Karina, Breno, Ariana, Nicole, Eliana, Natalia, Elina, Thiago e Lea caminhei entre os corredores, a rampa e as salas de aulas e os desafios só foram enfrentados pelo nosso entrelaçar de dedos e ideias. Duas mãos de apoio foram

fundamentais: Carol de Cotia, forte incentivadora e motivadora e Milena Videira, entre uma confusão e outra, sempre disposta a me defender.

Das mãos sempre trêmulas ao segurar seu eterno cigarro, as mãos que não se cansam de escrever documentos e bater em ponta de faca, meus mais carinhosos agradecimentos a Roberta Almeida Matarazzo e ao Thiaguinho, mãos tão opostas, mas que juntas me guiaram ao Núcleo de Estudos e Aprofundamentos Marxistas (Neam), e de lá nunca mais saí, meu solo acadêmico de sustentação.

Entre o barro e a grama sintética, as mãos da diretoria do Negritude F.C. e de todas e todos que o compõem, meu muito obrigado por terem me acolhido e aberto as janelas da várzea e do peito e me permitirem pesquisar, estar e compor esta linda família.

Sou grata às mãos de José Paulo Florenzano e Albério Neves Filho, por participarem da banca de qualificação.

Às mãos de Lúcia, que penetram além da alma e me fazem crer diariamente que é preciso continuar.

Finalmente, preciso exaltar a mão que somente os fios de aço e o gesso fizeram parar, mão sempre afetuosa, decidida, militante. Mão que foi torturada na ditadura, mas com a mesma intensidade acolheu e salvou vidas, mão que se manteve firme, mesmo quando injustiçada pelas mãos ungidas pela igreja. Mão que caminhou junto sobre o sol de Recife, sob vários frios da Paulista, sob a chuva do Largo da Batata. A mão que lia e corrigia, linha a linha, cada parágrafo escrito, e mesmo com o coração na mão, foi quem acolheu, incentivou, orientou e compartilhou todo seu conhecimento. Profissional, mestre e amiga, meu muito obrigada a Maria Beatriz Costa Abramides, a grandiosa Bia.

*Livremente inspirada no football association, a pelada é a matriz do futebol sul-americano e, hoje em dia mais nitidamente, do africano. É praticada, como se sabe, por moleques de pés descalços no meio da rua, em pirambeira, na linha de trem, dentro do ônibus, no mangue, na areia fofa, em qualquer terreno pouco confiável. Em suma, pelada é uma espécie de futebol que se joga apesar do chão. Nesse esporte descampado todas as linhas são imaginárias – ou flutuantes, como a linha da água no futebol de praia – e o próprio gol é coisa abstrata. O que conta mesmo é a bola e o moleque, o moleque e a bola, e por bola pode se entender um coco, uma laranja ou um ovo, pois já vi fazerem embaixada com ovo. Daí, quando o moleque encara uma bola de couro, mata a redonda no peito e faz a embaixada com um pé nas costas. E quando ele corre de testa erguida no gramado liso feito um mármore, com a passada de quem salta poças por instinto, é uma elegância. Mas se a bola de futebol pode ser considerada a sublimação do coco, ou a reabilitação do ovo, ou uma laranja em êxtase, para o peladeiro o campo oficial às vezes não passa de um retângulo chato. Por isso mesmo, nas horas de folga, nossos profissionais correm atrás dos rachas e do futevôlei, como o Garrincha largava as chuteiras no Maracanã para bater bola em Pau Grande. É a bola e o moleque, o moleque e a bola.*

Chico Buarque, 1998

SILVA, Roberta Pereira da. **Campo de terra, Campo da Vida:** Interfaces das expressões cotidianas, as alternativas de resistência popular e o Negritude Futebol Clube. 2017. 1 v. Dissertação (Mestrado) – Curso de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

## **RESUMO**

O presente estudo expõe a formação, a organização e a permanência do time de várzea Negritude Futebol Clube, no período de 1981 a 2017, pois compreende a agremiação como fonte privilegiada para a compreensão do futebol de várzea nas suas múltiplas expressões. A pesquisa procurou identificar os elementos fundamentais da organização popular e de resistência por intermédio do futebol de várzea, mas também as formas de sociabilidade e formação de vínculos em contraposição à segregação socioespacial própria da constituição de um dos maiores conjuntos habitacionais da cidade de São Paulo. Neste contexto, foi possível ainda problematizar as relações de opressão de gênero, étnico-raciais, e de violação de direitos humanos que incidem sobre a infância e que tem como objetivo a carreira de jogador de futebol.

Palavras-chave: Futebol de várzea. Opressões étnico-raciais. Opressões de gênero. Criança e adolescente.



SILVA, Roberta Pereira da. Ground field, Field of the Life: Interfaces of the daily expressions, the alternatives of popular resistance and the Negritude Futebol Clube. 2017. 1 v. Dissertação (Mestrado) – Curso de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

## **ABSTRACT**

The present study exposes the formation, organization and the permanence of the Negritude Futebol Clube, in the period from 1981 to 2017, because comprises the association as privileged source for the understanding of the *várzea* soccer in their multiple expressions. The research tried to identify the fundamental elements of the popular organization and of resistance through the *várzea* soccer, forms of sociability of the links as forms and formation of bonds in opposition to segregation space partner own the constitution of one of the housing estates in the São Paulo city. In this context it was still possible to problematize the relationships of gender oppression, ethnic-racial, and of violation of human rights that happen about the childhood that has as objective soccer player's career.

Keywords: Várzea soccer. Ethnic-racial oppressions. Gender oppressions. Child and teenager.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Primeiro logo do time .....	35
Imagem 2 – Uma das primeiras formações do time de Salão (1981) .....	35
Imagem 3 – Formação do Negritude F.C. em 1983 .....	37
Imagem 4 – Vista área do Conjunto Habitacional Padre Manoel da Nobrega (Cohab I), 1979.....	39
Imagem 5 – Time formado em 1982 .....	46
Imagem 6 – Telão da Arena Pernambuco em jogo entre Santa Cruz e Chapecoense, em 2015 .....	72
Imagem 7 – CDC Alvorada 1979 .....	78
Imagem 8 – Vista área de um campo de várzea, o fotógrafo produziu imagens dos “terrões” nos diversos Estados do país. “Serie Terrões de Cima” .....	80
Imagem 9 – Time que disputou o “Desafio ao Galo de 1986” .....	82
Imagem 10 – CDC Alvorada – 2017 .....	85
Imagem 11 – CDC Alvorada – 2017 .....	86
Imagem 12 – Lançamento da 18ª Copa Negritude 2017 Câmara dos Vereadores de São Paulo .....	87
Imagem 13 – Mulheres na prática do futebol, destaque para o “corpo” objetificado.....	96
Imagem 14 – Mulheres no futebol: objeto, desvalorização e racismo.....	96
Imagem 15 – O futebol feminino como entretenimento masculino .....	97
Imagem 16 – Sobre as jogadoras negras .....	98
Imagem 17 – Conclusão da matéria .....	99
Imagem 18 – Mulheres que compõem a organização do time Copa Negritude 2009 .....	102
Imagem 19 – Torcida Organizada Negritude F.C. ....	102
Imagem 20 – Categoria de base sub 17 Negritude Futebol Clube.....	107
Imagem 21 – Postagem do jogador Neymar Jr. no Instagram .....	116
Imagem 22 – Responsáveis pelos Adolescentes.....	125
Imagem 23 – Time sub 17 Negritude Futebol Clube disputa de pênaltis.....	126

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1 DA TERRA À GRAMA E O RETORNO AO BARRO, REFLEXÕES E RESISTÊNCIAS NO FUTEBOL BRASILEIRO .....</b>	<b>22</b>
1.1 A COPA DAS COPAS? .....	22
1.2 DA JANELA LATERAL DO QUARTO DE DORMIR .....	31
1.3 AS ORIGENS ELITISTAS DE UM ESPORTE POPULAR .....	46
1.4 EITA NEGRO, QUEM FOI QUE LHE DISSE QUE A GENTE NÃO É GENTE? .....	50
1.5 MARIO FILHO COMO REFERÊNCIA SEMPRE PRESENTE .....	60
1.6 LIMA BARRETO E ATUALIDADE DE SUA CRÍTICA .....	63
1.7 MANUTENÇÃO E ACIRRAMENTO DO RACISMO NO FUTEBOL ATUAL .....	67
<b>2 O AVESSO DO AVESSO, A VÁRZEA COMO POSSIBILIDADE DEMOCRATIZANTE .....</b>	<b>74</b>
2.1 MULHERES À BEIRA DO CAMPO, TENSÕES, BARREIRAS E ACESSOS: ENTRE A ROUPA LAVADA E A PAIXÃO PELO TIME .....	90
<b>3 CONTINUIDADE? A CATEGORIA DE BASE E OS POSSÍVEIS IMPACTOS SOBRE A INFÂNCIA .....</b>	<b>106</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>127</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>131</b>

## INTRODUÇÃO

*Quem sabe tudo não fale  
Quem não sabe nada se cale  
Se for preciso eu repito  
Porque hoje eu vou fazer  
Ao meu jeito eu vou fazer  
Um samba sobre o infinito.  
Marisa Monte*

No final da minha rua tem um campo, chão de barro, apesar de suas dimensões de campo oficial, traves altas, quase oficiais; um bar ao fundo, indispensável a um campo de várzea; muros baixos para a torcida apreciar o espetáculo. Nesse campo ocorriam partidas “oficiais”, brincadeiras de crianças, geralmente meninos, confraternizações de fim de ano, como o tradicional jogo solteiros contra casados e os festivais, motivo pelo qual, aos domingos, o bairro acordava ao som dos fogos de artifício. Ao longe, era possível ver o tremular das bandeiras e a fumaça dos sinalizadores. Os jogadores e torcedores vinham em ônibus alugados, carros abarrotados ou caminhando. Chamava a atenção tanto barulho, tamanha agitação, uma bagunça, porém organizada, local proibido às mulheres, destinado aos homens, e não a todos eles, mas aos homens apaixonados pelo futebol, que gostassem de bebida, bagunça e, claro, de competição.

O tempo passou, jamais participei de um festival, nunca assisti a um jogo. De fato, nunca soube o que ocorria naqueles “festivais”.<sup>1</sup> O principal interlocutor entre mim e o futebol foi meu pai que no seu papel de *educador* baixou o decreto “você não pode frequentar este lugar”. Intuitivamente sabia que aquelas partidas representavam muito mais do que uma confraternização efêmera de domingo. Meus 10 anos e a proibição fizeram com que eu pudesse fantasiar, criar, refletir e questionar os reais motivos de não poder estar lá. Hoje percebo, enfim, ser definitivamente impossível, morando em um bairro de periferia, não “*estar*” nesses espaços. De alguma maneira você é envolvido com o futebol, seja pelo fato dos maridos, namorados, filhos, netos, vizinhos estarem presentes, seja pelo fato de os campos de várzea representarem uma das únicas opções de lazer nas grandes periferias.

---

<sup>1</sup> Os festivais se mantêm, assim como inúmeros campeonatos de várzea. Até os anos 2000 havia dois campeonatos principais, Desafio ao Galo e Copa Kaiser, porém hoje os campeonatos são organizados pelos próprios times, inclusive, por times de mais tradição, e geralmente são financiados pelo comércio local.

Seria impensável acreditar que a população que circunda e faz uso do campo está completamente subsumida às mazelas sociais, sem qualquer tipo de protagonismo e/ou escolha. O futebol de várzea é fundamentalmente articulado e coordenado pelos moradores; neste sentido, é possível perceber que a relação desta população com o futebol está para além de uma mera reprodução dos grandes eventos oficiais, geridos pelas Federações e/ou Confederações nacionais e internacionais, até porque o futebol amador é anterior aos espetáculos oficiais. Os moradores não estão alheios a sua sociabilidade, apenas conduzidos por um processo pré-determinado pela burguesia que se utilizaria do futebol para disseminar sua ideologia. A premissa, aqui desenvolvida, considera a capacidade ontológica de fazer história, mesmo que em circunstâncias que não escolheram, ratificando assim o caráter de lazer proporcionado frente à realidade desumanizante, como bem define Chico Buarque: “Que a gente vai levando de teimoso e de pirraça e a gente vai tomando que também sem a cachaça ninguém segura esse rojão” (Caro Amigo, Chico Buarque de Holanda).

Meu pertencimento a Itaquera<sup>2</sup>, está inserido no âmbito familiar, profissional e de militância política e a Zona Leste de São Paulo é componente da minha construção histórica. Observar, circular e acessar os diversos campos de várzea seria tarefa fácil para o desenvolvimento de um futuro estudo. A curiosidade infantil transmutou-se em curiosidade de pesquisa, entretanto, o despertar para a temática estava um pouco distante dali. Em uma entrevista coletiva do então técnico da seleção brasileira, Luiz Felipe Scolari, um fato me chamou muito a atenção, o jogador Neymar<sup>3</sup> precisava retornar ao país onde é jogador profissional, devendo assim embarcar antes da delegação brasileira. Assim, entrou na coletiva no decorrer da entrevista, cumprimentou o entrevistado como se não houvesse ninguém na sala de imprensa e saiu. A cena me remeteu a várias indagações, a principal foi o quanto o “menino” possuía “autoridade” para interromper uma entrevista, despedir-se e sair: quem o autorizava? Quais as impressões expressas nesta atitude? Comecei a problematizar qual imagem estava vinculada àquele jogador, e quais seriam os impactos na infância e juventude, em especial nos meninos que desejam se tornar jogadores de futebol.

Realizei uma busca prévia na intenção de verificar estudos sobre a condição a que estão submetidas as crianças e adolescentes que aspiram à profissão de jogador de futebol. Foram elaboradas hipóteses, questionamentos e, a princípio, o objeto estava delimitado: a violação de direitos humanos, entre as crianças e adolescentes que praticam futebol. Contudo, devido à minha curiosidade anterior, o locus escolhido para a pesquisa foram os times de

---

<sup>2</sup> Bairro localizado na Zona Leste da cidade de São Paulo.

<sup>3</sup> Neymar Júnior, atual jogador do Barcelona Futebol Clube.

várzea. E o que se aparentava fácil no início, acessar os campos de várzea, passou a evidenciar alguns entraves. Visitei pelos menos três campos, e não conseguia localizar os responsáveis pelo time e/ou categoria de base. Optei por dias diferentes, horários diversos, sem sucesso. Eu me dirigi, então, à Escola Comunitária de Futebol do Botafogo de Guaianazes, localizado no mesmo espaço do Centro Educacional Unificado (CEU) Lajeado, e a administração do centro educacional afirmou que, apesar da localização do campo, sua organização era autônoma, não tendo qualquer informação das atividades. Em duas visitas havia adolescentes jogando bola, e se utilizando do campo, mas não eram integrantes do time. Busquei o *site* na internet, que relatava sobre a Escola de Futebol, mas não disponibilizava horários e demais informações.

A opção em discutir a temática futebol propicia diálogos com diversas pessoas, de diferentes idades e formação escolar/acadêmica, haja vista todos(as) brasileiros(as) “entenderem” de futebol. E, numa destas conversas, o vigilante da agência<sup>4</sup> a que sou vinculada, me levou um documentário intitulado “Várzea – A bola rolada”, dirigido pelo ativista e poeta Akins Kinte. No desenrolar do filme são intercaladas entrevistas com os sujeitos da várzea, e entre um relato e outro, um extrato da história do Negritude Futebol Clube chamou minha atenção, principalmente pelo fato do relato ter sido feito por uma mulher, atuante na diretoria do clube. De pronto iniciei minhas buscas para localizar o time, encontrei um *site* bem organizado com informações para o contato. Mensagem enviada e prontamente respondida. Marcamos uma visita ao campo para conhecer o time e apresentar a pesquisa.

Foi exatamente na primeira visita que o objeto se delimitou. Obviamente tal afirmação só pode ser feita neste momento; na ocasião ouvi os dirigentes, em meio aos batuques da torcida e um jogo em andamento, o relato dos responsáveis que me deram a certeza de estar no local certo. O objeto da pesquisa me escolhera sem que eu pudesse impedir; um misto de euforia, encantamento e possibilidades se abrira, os aspectos relatados, a organização do time, a existência de uma categoria de base e a disponibilidade em receber a pesquisa, compunham os elementos necessários para a realização do estudo.

Os impactos do futebol na infância foram saindo do foco central, e assumiram outros contornos que se fazem presentes e são caros a este estudo. Sendo assim, a organização que se configura em torno do futebol de várzea apresentou-se como centralidade tornando-se, portanto, objeto de estudos desta pesquisa.

---

<sup>4</sup> APS – Ermelino Matarazzo – Agência da Previdência Social, unidade de atendimento do Instituto Nacional de Seguro Social (INSS).

A especificidade que suscitou o interesse, haja vista a quantidade de times de várzea na cidade de São Paulo<sup>5</sup> deu-se pelo fato da “entidade” ter sido formada por cinco jovens negros, moradores de um dos maiores conjuntos habitacionais, localizado na Zona Leste da cidade de São Paulo. A partir deste ponto, delimitar a temporalidade pautando-se no ano de fundação da equipe, 1980, e a década em questão nos permitiu vincular a experiência da formação do time, com a implantação de novos conjuntos habitacionais e a constituição de uma nova configuração de ocupação do espaço urbano e seus reflexos na formação da cidade.

Em razão da característica dos fundadores, em sua maioria jovens entre 17 e 20 anos, estudantes, pertencentes a famílias inseridas nos processos produtivos fabris, suas demandas e necessidades básicas culminavam necessariamente nas reivindicações de movimentos populares periféricos potencializados neste período, que traziam à baila exigências abafadas pelo longo período de ditadura civil-militar. Mulheres, trabalhadores e uma juventude prioritariamente negra foram capazes, naquele momento, de colocar no centro do debate pautas consideradas de menor valor pelos movimentos de esquerda e partidos políticos que tinham como luta central a democratização do país e o fim da ditadura, e que, no limite, consideravam tais reivindicações como secundárias.

O clube, portanto, teve forte influência dos referidos grupos e movimentos, tanto que desde sua fundação utilizou como marca identitária referências mundiais históricas que se debruçaram no combate à opressão da população negra. Sua organização interna, assim como a realização de uma Copa da Várzea desde 1999, torna o Negritude Futebol Clube uma referência no futebol de várzea. O time completará no ano de 2017, 37 anos, motivo pelo qual a pesquisa se referenciará até o presente ano.

Deste modo, a organização possui elementos fundamentais para a problematização das relações estabelecidas no cotidiano de mulheres e homens residentes dos grandes conjuntos habitacionais de São Paulo. Contudo, estudar a formação, organização e permanência de um time de várzea, implica necessariamente, estudar uma das formas que o futebol adquiriu no Brasil e suas interseções entre a relação capital-trabalho, que entre outros fatores, produz o afastamento da classe trabalhadora das condições básicas de existência e, em contrapartida, produz as formas de resistência necessárias ao seu enfrentamento.

O primeiro capítulo apresenta uma abordagem sobre o futebol “oficial” noticiado e aclamado por jornalistas, torcedores, mídia e empresas patrocinadoras, a partir de uma breve

---

<sup>5</sup> Segundo informações da Liga Paulistana de Futebol Amador, publicadas pelo jornal *Folha de São Paulo*, em 03/04/2016, a Zona Leste contava com 480 times, de um total de 1.440 na capital paulista. Disponível em: <<http://especial.folha.uol.com.br/2016/morar/tatuape-mooca/2016/04/1756729-zona-leste-concentra-um-terco-dos-times-do-futebol-de-varzea-paulistano.shtml>>. Acesso em: 2 mar. 2017.

análise sobre a Copa do Mundo Fifa de 2014. A escolha ocorreu pelo fato da abertura da referida copa ter sido realizada no mesmo bairro onde está localizado o time Negritude F.C., o que acarretou diversas alterações no bairro para sua realização, sem consideraras reais necessidades da população local.

A análise constitui-se na tentativa de relacionar o futebol profissional<sup>6</sup> com o futebol popular, operário, varzeano, para tanto, foi necessário apresentar algumas teorizações sobre a formação do futebol do Brasil, seu início elitizado e as determinações raciais que formataram o futebol brasileiro, ao mesmo tempo que se buscou reconstituir a história do Negritude F.C.. Se a pesquisa em questão fosse realizada com o Corinthians, Santos, Flamengo etc., não seria necessária tal reconstituição, já que as histórias destes times foram quase que infinitamente contadas e recontadas, seja em publicações elaboradas pelos próprios clubes, seja por jornalistas ou mesmo em produções acadêmicas.

No que se refere aos times de várzea, muitos já se foram, e os que resistem, têm suas histórias guardadas somente na memória e nos corações dos moradores, dos jogadores e dos dirigentes. Documentar a várzea, portanto, se faz cada vez mais necessário, pois infelizmente os diversos times formados vêm sendo extintos com a mesma rapidez de sua formação, e a remonta desta história é basilar para a compreensão de uma expressão tão significativa.

Discutimos como a proibição dos trabalhadores, e principalmente trabalhadores negros, de participar da novidade modernizante, possibilitou a apropriação do esporte por parte dos segmentos segregados da prática futebolística. Embora na década de 1980, o futebol profissional já ter consolidado a participação dos negros, mesmo que apenas como jogadores, o Negritude F.C. se apresentará como uma expressão das relações racistas que se estabeleceram no Brasil, uma vez que as relações étnico-raciais se expressam de maneira diversa no futebol, inclusive no futebol de várzea. No futebol estão presentes tanto mediações que garantem a possibilidade de suspensão do cotidiano, quanto diversas reproduções das relações sociais mais perversas e violentas. O racismo, portanto, configura-se como uma dessas expressões, e sua presença diária<sup>7</sup>, se constituirá como base fundante de análise. As

---

<sup>6</sup> O futebol profissional refere-se à prática esportiva e é considerado por alguns autores como futebol-espetáculo; apresenta como característica principal o *autorrendimento*, em razão das relações comerciais financeiras que envolvem mídia, clube e patrocinadores. Suas regras, organização e todas as relações financeiras são elaboradas e monopolizadas pela Federação Internacional de Futebol (Fifa), havendo uma submissão e hierarquização entre esta e as Confederações Nacionais e Federações Regionais. Esta modalidade apresenta-se hegemônica no que se refere a divulgação e estudos. A divisão do trabalho expressa nesta modalidade, condiciona seus agentes a funções pré-determinadas sem mobilidades possíveis (DAMO, 2003)

<sup>7</sup> Ver: Relatórios Anuais da Discriminação Racial no Futebol – 2014/2015. Disponível em: <<http://observatorioracialfutebol.com.br/relatorio-anual-no-combate-ao-racismo-e-lancado/>>. Acesso em: 17 jul. 2016.



fundamentações teóricas e definições de racismo, discriminação e relações étnico-raciais desta pesquisa estão ancoradas na interrelação capital-trabalho e tem a teoria marxiana como método de análise, os autores Clóvis Moura e Angela Davis, são fundamentais para a tarefa apresentada. Certo que há diversas polêmicas neste campo, ora por parte da academia, ao não reconhecer a teoria marxiana como capaz de compreender as diversas especificidades das questões étnico-raciais, ora pelo fato de uma parte dos autores que se dedicam ao estudo de Karl Marx, desconsiderarem a centralidade de tal discussão como válida. Contudo nos balizaremos em autores que vêm abrindo o caminho para que tal tarefa seja realizada, a exemplo de Silvio Luiz de Almeida, Alessandra Devulksy, Denis de Oliveira, Marcia Eurico, entre outros.

No segundo capítulo estão presentes reflexões sobre a formação do futebol de várzea que, mesmo de maneira não consciente, representa contestação e insubordinação, demonstrando sua capacidade de ocupar o espaço público e imprimir novas formas de sociabilidade. A contradição em jogo refletiu no modo de torcer, mas também na formação de alternativas de organização. Para Diana Silva<sup>8</sup>, é fundamental, num estudo sobre o futebol popular, reconhecer esta prática nos seus elementos próprios e diferenciá-las como formas de apropriação do esporte e de sociabilidades estabelecidas para além de uma mera imitação do futebol profissional, mesmo reconhecendo suas conexões. Além do mais, a prática varzeana guarda os elementos constitutivos que a separa da lógica lucrativa que acaba, de certa maneira, por deformar as protoformas amadoras do futebol.

Em razão do Negritude F.C. ter tido, desde o seu início, mulheres constituindo a diretoria do clube, optamos por desenvolver uma análise no que se refere a questões da mulher, pois o futebol é espelho que expõe de forma singular as diversas discriminações, entre elas o machismo.

No futebol de várzea a presença da mulher está plasmada nos rígidos papéis sociais reproduzidos ao longo da história, porém, as vivências em campo e as necessidades objetivas diárias confluem para certa mobilidade e algumas variações considerando os times profissionais. Pensar a atuação das mulheres num time de várzea requer demonstrar quais contornosem que esta participação se desenvolveu e quais seus impactos na diminuição e/ou problematização dos papéis sociais definidos na sociedade.

---

<sup>8</sup>SILVA, Diana Mendes Machado da. A Associação Atlética Anhanguera e o futebol de várzea na cidade de São Paulo (1928-1950). 2013. 210 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Cabe, ainda, fazer um último questionamento diretamente ligado, tanto às relações étnico-raciais, quanto às relações de gênero e opressão: um time, organizado prioritariamente por trabalhadores e trabalhadoras, em torno de uma necessidade básica (esporte e lazer), pode reproduzir a ideologia que considera o futebol como forma de ascensão social, na organização da categoria de base? Categoria responsável pela formação de crianças e adolescentes, para a possível profissão de jogador de futebol, e para compor o time da categoria principal nominada “esporte”, assunto a ser debatido no terceiro capítulo, que apresentará a categoria de base, as possíveis relações com a lógica de mercantilização da infância, a violação de direitos a ideologia da ascensão social.

A tarefa que aqui, *a priori*, se delineia é apropriar-se do fenômeno da prática do futebol como atividade presente no cotidiano, “entendida” como prática comum; negá-la, no sentido que essa prática pode conter elementos contrários ao que aparenta, por exemplo, na violação de direitos fundamentais e, a partir da crítica ontológica, possibilitar síntese, propondo novas práticas cotidianas superadoras das formas perversas de sociabilidade:

O conhecimento pode partir do senso comum, mas tem que ir além dele. Há que se incorporar este conhecimento, porém, analisá-lo criticamente, negá-lo (o que significa dizer que há mais coisas sobre o objeto do que estamos supondo) e elevá-lo a um novo patamar, o que significa agregar conhecimentos novos, às vezes, abrir mão de velhos preconceitos. A nova síntese permite que o processo se renove através de novo questionamento, cujo resultado tende a ser o aprofundamento do conhecimento sobre o objeto estudado. (GUERRA, 2009, p.6).

Para tanto, lançar mão da pesquisa qualitativa possibilitou identificar os sentidos e significados que os participantes do futebol de várzea imputam ao futebol, e como a lógica mistificadora-ideológica contribui para a formação do ideário infantil, juvenil e adulto.

As interações sociais estabelecidas e suas experiências cotidianas na ocupação dos campos de várzea no ir e vir entre futebol e realidade, realidade e futebol assumirão centralidade na pesquisa. A singularidade mais marcante do futebol de várzea é a participação coletiva, as linhas são tênues, que separam jogadores, dirigentes, torcida, os papéis se entrelaçam e, por vezes, a única característica que difere as funções é a idade. Dito isto, seria impensável realizar a pesquisa, fora do campo, distante da vivência das partidas e das confraternizações<sup>9</sup> e, no transcurso da pesquisa, assistir partidas das diversas categorias fortaleceram impressões e propiciaram novos questionamentos. Os cenários do campo

---

<sup>9</sup> Em função do caráter “social” assumido pelo grupo que organiza o Negritude F.C. são comuns a realização de diversas festividades na sede e no campo (CDC) como: 12 de outubro (dia das crianças), domingo de Páscoa, com distribuição de ovos e a tradicional comemoração do aniversário do time, entre outras confraternizações.

alteravam a cada visita, novas personagens eram apresentadas e a presença contínua facilitou a compreensão de elementos presentes nas entrevistas<sup>10</sup>.

Em razão da privacidade e acústica do campo, utilizou-se da sede do time para a realização das entrevistas as quais ocorreram concomitante com os jogos do Negritude F.C.<sup>11</sup> e de outros times que fazem uso do Clube da Comunidade (CDC) Alvorada. O procedimento proporcionou vivenciar as atividades internas de organização, suas dificuldades, avanços, aflições e conflitos reconhecendo definitivamente os(as) organizadores(as) da várzea como sujeitos ativos de sua história.

Foram entrevistados dois fundadores do time que compõem a diretoria até os dias atuais, o que significou a possibilidade do resgate histórico, bem como verificar como está atualmente o time. Entrevistamos, ainda, a ex-presidente do time, na perspectiva de compreender os aspectos da opressão de gênero e da possibilidade de superação desta opressão presente na memória de uma participante ativa no processo de formação e manutenção do time.

Num segundo momento, fizemos um levantamento sobre os dados da categoria de base, tais como: quando iniciou a categoria, a quantidade de crianças e adolescentes que a compõem, os critérios de ingresso e permanência, e demais informações necessárias para a composição da pesquisa. Para tanto, entrevistamos o responsável pela categoria de base, também componente dos primórdios do clube. As entrevistas com os adolescentes que fazem parte da base foram necessárias tanto para verificar a relação das categorias de base com os fundadores e a possibilidade de continuidade do time, quanto também identificar se, de fato, estavam presentes as marcas da ideologia da ascensão social via futebol. Adotou-se para este procedimento entrevistas estruturadas e foram feitas as mesmas perguntas. As entrevistas se deram no momento do treino<sup>12</sup> e a idade dos adolescentes foi delimitada em 14 a 17 anos. A presença dos responsáveis pelos adolescentes é constante e estes são ativos nas atividades desenvolvidas pelo time.

---

<sup>10</sup> Com o apoio de gravador digital valemo-nos de entrevistas semiestruturadas, garantido uma fala livre e aberta, contudo voltada para o foco da pesquisa: a história do time inter-relacionada com a história pessoal.

<sup>11</sup> Os dirigentes fundadores são, em sua maioria, empregados do mercado formal, mesmo já estando aposentados e possuem diversas atividades concorrentes com a organização do time; esta última ainda se configura com voluntária sem qualquer fim lucrativo, portanto, a disponibilidade para as entrevistas coincidia com o momento das atividades do clube. Uma dificuldade presente foi a necessidade de retornar algumas vezes para realizar a entrevista, pois de acordo com as demandas nem sempre era possível dispensar atenção à pesquisa. O procedimento adotado foi fundamental para conhecer a dinâmica do futebol de várzea. Por vezes, até o barulho da torcida e dos fogos impediram a entrevista.

<sup>12</sup> Os treinos ocorrem às quintas-feiras, no período das 20h às 22h, e os jogos realizados aos sábados, tanto no CDC Alvorada, quanto em campos da região.

A escolha dos nomes para identificação dos dirigentes e fundadores entrevistados partiu da iniciativa da pesquisadora em utilizar nomes de jogadores que tiveram, na história do futebol brasileiro, papel de destaque dentro de campo, mas também como personagens que denunciaram as contradições postas no futebol, e tiveram atuações decisivas no que se refere ao racismo, discriminação e função social do futebol. São eles: José Reinaldo de Lima (Reinaldo), ídolo do futebol mineiro e nacional, importante expoente contestatário; Paulo Cesar Lima (Caju) revelado no Rio de Janeiro, morador do morro, que iniciou sua carreira no Botafogo e sempre foi crítico das situações de racismo presentes no futebol; Moacir Barbosa Nascimento (Barbosa), goleiro da seleção brasileira de 1950, considerado um dos culpados pela derrota para o Uruguai e, especificamente neste caso, levou-se em consideração a incidência violenta do racismo sofrida pelo jogador. No que se refere à ex-presidente, optamos em nomeá-la como Angela, em referência à teórica norte-americana Angela Davis, expoente histórica do movimento negro.

Quanto à identificação dos adolescentes, ao final de cada entrevista foi questionado qual o jogador de admiração e/ou em quem eles se espelhavam ou gostariam de “ser”; o jogador escolhido foi a forma como serão identificados nesta pesquisa.

A pesquisa em Serviço Social fundamenta-se principalmente na concepção do ser humano como ser prático social que, a partir das suas objetivações, produz e reproduz relações sociais complexas. Capaz não só de transformar a natureza a partir da ação teleológica (trabalho), também se transformar por meio dela enquanto ser social, produzindo novas realidades complexas. Reconhece-se, assim, sujeito como parte fundante das relações estabelecidas e sua interação com a sociedade no eterno transformar/transformar-se. Neste sentido, a recomposição das histórias e as impressões e aspirações colhidas nas entrevistas contribuíram para compreender as relações complexas estabelecidas, em que pese as contradições determinadas pelo enredamento da sociedade capitalista. A dimensão ontológica proporcionou o entendimento das relações sociais constituídas, em que a reprodução da mistificação acompanha necessariamente alternativas frutíferas de sua superação e seus protagonistas são fundamentalmente os sujeitos.

Além disso, a popularidade do futebol no Brasil propicia fontes inesgotáveis para análise; sendo assim, utilizamos como fonte primária as bibliografias (livros, teses, artigos), e como fonte secundária, publicações jornalísticas, filmes, documentários, *blog* e *sites* esportivos, além de programas televisivos dedicados ao esporte.

Com isso, resgatar a história do Negritude F.C., propiciou o aprofundamento das questões tão caras presentes nesta pesquisa: as consequências da ideologia dominante, mas também a possibilidade de suspensão do cotidiano a partir da organização popular e o debate e formas de superação da opressão de gênero e do racismo.

Por fim, porém não menos importante, a premissa da utilização da categoria cotidiano, tornou-se fundamental no campo de reflexão. Incorrer em análises falaciosas quanto ao “futebol” é mais fácil do que parece, pois sua presença infinita no cotidiano e a emoção e paixão que desperta nos amantes das diversas idades, gêneros e etnias, pode inebriar o prisma de análise. Além de ser próprio do cotidiano a imediatividade e as respostas quase que prontas para os fatos apresentados pode-se, inclusive, partir apenas do aparente para definir um determinado tema ou situação.

Para uma conceituação, partimos de Heller:

A vida cotidiana é, em grande medida, heterogênea; e isso sob vários aspectos, sobretudo no que se refere ao conteúdo e à significação ou importância de nossos tipos de atividade. São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres, e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação. (HELLER, 1970, p. 18).

O cotidiano apresenta três determinações fundamentais: a heterogeneidade, a imediatividade e a superficialidade. A análise, contudo, deve-se balizar pelo fundamento ontológico em que o cotidiano não pode ser anulado, nenhuma existência individual cancela a cotidianidade (NETTO, 2012). A vida cotidiana é, portanto, ineliminável e inultrapassável, e essa condição não significa essencialmente que não sejam possíveis outras formas de sociabilidade, também não significa que será em outro lugar e não no cotidiano que estarão postas as formas de superação, ao contrário, será no cotidiano que as possibilidades de superação serão gestadas. O indivíduo realiza um comportamento de respostas imediatas, conduzindo suas forças para variadas respostas, postas na heterogeneidade da vida, fazendo análises superficiais, impedindo, com isso, seu acesso à consciência humano-genérica, seu vínculo fundamental, que propicia a humanização, o enriquecimento e ampliação do ser social:

Ora, o acesso à consciência humano-genérica não se realiza neste comportamento: só se dá quando o indivíduo pode superar a singularidade, quando ascende ao comportamento no qual joga toda a sua força numa objetivação duradoura (menos instrumental, menos imediata), trata-se então, de uma mobilização anímica que suspende a heterogeneidade da vida cotidiana – que homogeneiza todas as faculdades do indivíduo e as direciona num projeto em que ele transcende a sua singularidade numa objetivação na qual se reconhece como portador da consciência humano-genérica. Nesta suspensão (da heterogeneidade) da cotidianidade, o

indivíduo se instaura como *particularidade*, espaço de mediação entre o singular e o universal, e comporta-se como *inteiramente homem*. (NETTO, 2012, p. 69-70).

Dito isso, este estudo, partirá do entendimento de que o futebol está fundado na dupla determinação: 1) como possibilidade de reprodução da sociedade, contribuindo significativamente com a ideologia dominante que sustenta e corrobora com a disseminação de preconceitos e discriminações, por meio das repetições e desumanizações presentes, e como indústria lucrativa que por meio da apropriação da força de trabalho de milhares de jogadores, obtém altos rendimentos e acúmulo de capital, tanto pela via direta (times) e/ou por meio indireto (transmissões dos jogos e a publicidade gerada pelo esporte); 2) como possibilidade de questionamento e de acesso à consciência humano-genérica, a partir de uma atividade superadora do trivial, do imediato, propiciando a seus participantes uma objetivação duradoura. A organização dos times de várzea, formados exclusivamente por moradores das favelas, morros, anarquistas, operários, negros e mulheres pode denotar a assertiva.

## CAPÍTULO I

### 1 DA TERRA À GRAMA E O RETORNO AO BARRO, REFLEXÕES E RESISTÊNCIAS NO FUTEBOL BRASILEIRO

#### 1. 1 A Copa das Copas?

*Aqui na terra tão jogando futebol  
tem muito samba muito choro e rock in roll,  
uns dias chovem noutros dias bate sol,  
mas o que eu quero lhe dizer...*  
Chico Buarque de Holanda

Em Itaquera, no ano de 2014, ocorria uma das principais partidas de um dos megaeventos<sup>13</sup> mais populares do mundo. O bairro, localizado na zona Leste da Cidade de São Paulo, recebeu a abertura e alguns jogos da Copa do Mundo organizada pela Federação Internacional de Futebol (Fifa). A Federação foi fundada em Paris, em 1904, por sete países europeus. Sediada na Suíça, 10 anos após a sua fundação, já contava com 32 países membros, de todos os continentes, inclusive o Brasil. A Inglaterra, por sua vez, já possuía uma federação própria (Federação Inglesa) fundada em 1863 e, com isso, somente em 1906 passou a compor a Fifa, retirando-se do organismo em 1920, por não aceitar estar associada a países vencidos na Primeira Guerra, além de discordar do posicionamento sobre o amadorismo. Retornou em 1924, retirou-se novamente em 1928, somente retornando, de forma definitiva, em 1946.

Os fundadores da Fifa tinham como objetivo a organização de campeonatos internacionais e, além disso, já percebiam o potencial do futebol como esporte das massas. Franco observa, que:

O progresso do futebol e dos meios de comunicação aumentava o interesse por partidas internacionais, cuja organização foi uma das maiores motivações para a fundação da Fifa. No segundo congresso da entidade, em 1905, esboçou-se mesmo uma Copa do Mundo, que teria quinze seleções nacionais e seria jogada no ano

---

<sup>13</sup> A concepção de “megaevento” considera a transformação da prática esportiva, no caso o futebol, como mercadoria, e a ocupação do espaço urbano como forma rentável, de produção e reprodução do capital. Os locais onde são realizados são subsumidos aos ditames dos organizadores, isso quer dizer que, se for necessário a desapropriação de famílias, a militarização dos bairros, e a repressão aos movimentos sociais, não serão medidos esforços para que o megaevento ocorra. Veja-se a copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016, projetos políticos para os espaços (CAJAZEIRA, 2010).

seguinte, na Suíça. Mas era projeto precoce. Nem o Comitê Olímpico Internacional, mais antigo e bem estruturado, conseguia organizar bons torneios de futebol. (FRANCO, 2007, p. 48).

Vale lembrar que a Copa do Mundo de 1905 não ocorreu por diversos entraves organizativos, sendo que a primeira competição de futebol entre os países, organizada pela federação, somente ocorreria em 1930, com o Uruguai<sup>14</sup> como país sede. A realização da primeira Copa fazia-se extremamente necessária uma vez que o estatuto da Fifa a declarava como “a única que tem direito a organizar um campeonato internacional” (FRANCO, 2007, p. 49). Esta exclusividade, em seu estatuto, significou no decorrer dos anos, não somente a organização das partidas, mas também a prerrogativa de decidir sobre todos os regulamentos e funcionamentos do futebol. Considerando-se assim, quase que caricatamente, a “dona” do futebol. A entidade foi capaz, em que pese o futebol “oficial”, de monopolizar uma das atividades mais praticadas no mundo. Pode-se fazer esta afirmativa no que se refere às regras, os financiamentos, as arrecadações, e imposição de um padrão único de jogar bola.

Pensar a entidade Fifa como organizadora do esporte, requer adentrar, mesmo que forma superficial – já que o estudo que se segue não tem como objetivo estudar tal entidade – nos interesses econômicos que a circundam, pois é evidente que a organização de uma Copa do Mundo, nos dias atuais, significa uma rentabilidade econômica exorbitante (OLIVEIRA, 2014). Ela elabora de forma singular o viés rentável do esporte, a partir das categorias que fundamentaram o esporte amador e que se cristalizaram com a profissionalização. Mesmo que o esporte amador constituísse uma aparência sofisticada de “amadores” do futebol, os homens praticantes teriam que necessariamente dispor de condições econômicas e sociais para praticá-lo, dando-lhe um caráter fundamentalmente elitista. Contudo, as formas de rendimento e sua interligação com acúmulo de capital só foi explicitada muito recentemente, gerando por muitos anos uma ambiguidade entre amor ao esporte e finanças. Apenas para exemplificar os ganhos com uma Copa do Mundo, Oliveira evidencia:

Adotando práticas que diferem em alguns aspectos das do COI, a Fifa chegou ao final da Copa do Mundo de 2010, na África do Sul, com resultados financeiros igualmente sólidos. Com um faturamento de aproximadamente US\$ 4,2 bilhões no quadriênio 2007-2010, a Fifa também concentra sua principal receita na venda dos direitos de transmissão e de marketing. (OLIVEIRA, 2014, p. 29).

---

<sup>14</sup> Em 1914, a Fifa reconheceu a competição de futebol dos Jogos Olímpicos, como competição mundial, sendo então a responsável por sua organização. Os Jogos Olímpicos somente aceitavam jogadores amadores, enquanto na Copa do Mundo não havia impedimento de participarem jogadores profissionais. De 1930 até a presente data, só não houve a competição no período da Segunda Guerra Mundial.



Itaquera passou a contar com uma “arena” que no seu projeto deveria ter o padrão Fifa<sup>15</sup>. O referido padrão transformou os estádios já existentes e os construídos exclusivamente para a Copa em “arenas”, o que não se refere somente a uma mudança semântica, mas a uma lógica que inclui em definitivo as partidas de futebol no circuito do espetáculo elitizado. Com características quase que exclusivas de atividade rentável e com consequências perversas, entre elas, a segregação e exclusão de uma parcela significativa dos amantes do futebol, dissociando o caráter organizativo e agregador próprios do futebol. Cria-se um muro com variadas arquiteturas, mas que no seu bojo está inserida a marca da barreira ao acesso.

Significa dizer que a partir da lógica mercadológica imposta, o esporte passa ser mais um entretenimento rentável, desconsiderando a cultura dos estádios e as formas de torcer desenvolvidas ao longo da história do futebol no país e no mundo. Os torcedores tornam-se tão somente consumidores, que serão selecionados por sua condição socioeconômica, uma vez que os preços dos ingressos atingem valores inacessíveis à camada dos que vivem do seu trabalho.

A justificativa para o aumento dos valores refere-se à estrutura que as arenas oferecem: às arquibancadas e demais setores que contam com cadeiras numeradas, às lanchonetes de diferentes segmentos alimentícios, que não necessariamente fazem parte do cotidiano dos torcedores “comuns”, aos setores organizados como “*lounges*” climatizados e *buffet*<sup>16</sup>. A “Arena Itaquera”, por exemplo, tem quase a totalidade das áreas internas revestida de mármore, os banheiros possuem telas de “led”, acopladas aos espelhos com transmissão simultânea dos jogos, o que demonstra uma concepção elitizada do torcer, e mesmo que muitas das “arenas” estejam localizadas nas periferias das grandes capitais, o acesso dos torcedores “comuns” está diminuindo significativamente.

É imprescindível assinalar a condição de muitos estádios localizados pelo Brasil, que não contam sequer com esquema organizado de saída de emergência, ou seja, ao questionar o suposto “contorno” e organização das “arenas”, não se pretende fazer apologia a estádios sem infraestrutura; e sim, ressaltar tão somente as barreiras, e segregações que este tipo de espaço

---

<sup>15</sup> A expressão “padrão Fifa” foi largamente utilizada para definir quais as exigências que a Fifa faria ao país sede da Copa do Mundo. Contraditoriamente, também foi utilizada pelos movimentos sociais que exigiam “escolas padrão Fifa, hospitais padrão Fifa”.

<sup>16</sup> O estádio Governador Magalhães Filho, conhecido como “Mineirão”, adotou no mês de abril/2017 um espaço destinado a cachorros. Os torcedores que optam pelo ingresso no camarote, agora contam com acesso aos seus mascotes e o preço médio do ingresso para este setor é de R\$ 350,00. Disponível em: <<http://extra.globo.com/esporte/mineirao-inaugura-arcaobancada-primeiro-espaco-para-cachorros-em-estadios-do-brasil-21234876.html>>. Acesso em: 21 abr. 2017. Sobre o assunto ver também: <<http://abolaquepariu.com.br/2017/04/o-caso-da-arcaobancada-no-mineirao/>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

vem proporcionando. O espetáculo da torcida com bandeiras, fumaça, cânticos, pulos e coreografias dá lugar aos *cappuccinos* no intervalo e aos torcedores de *self*<sup>17</sup>.

Pode-se dizer, sem constrangimentos, que há uma ideologia da “arena” que, em última análise, se utiliza da popularização do futebol como forma privilegiada de obtenção de lucro e, em consequência, desconsidera o torcedor da classe trabalhadora, que será apartado de mais um espaço público.

Implodido espacialmente, o sistema trespassa para o corpo a mesma normatização espacial que, apoiada na especulação imobiliária, evoca o conceito de ‘arena’ para os estádios: espaços segregados, controlados, disciplinados e extremamente funcionalizados. A cada nova forma, uma incidência ainda mais forte da norma, acentuando mais e mais o descompasso entre os conteúdos da vida social e os espaços do jogar e do torcer, escrevendo e inscrevendo no corpo o discurso mediador do espetáculo, e da mercadoria, do espetáculo-mercadoria, da mercadoria-espetáculo. Neste sentido, as ‘arenas’, ou os estádios multifuncionalizados, são na verdade antiarenas: no lugar da paixão, do inesperado, do confronto sem regras e sem escrúpulos entre o homem e a fera, está o consumidor padrão, o cidadão civilizado. (CAJAZEIRA, 2010, p. 29).

O caso mais emblemático, no que se refere a mudança na característica do torcedor comum, ocorreu com os “geraldinos”<sup>18</sup>, eternizados na história do futebol brasileiro, por lotarem a geral do Maracanã. Eram considerados os torcedores mais fanáticos pelo clube, assistiam ao jogo em pé, fantasiados, realizavam rituais e todo tipo de superstição que garantisse a vitória de seu time. Os geraldinos foram literalmente expulsos, após a transformação do Estádio do Maracanã em “arena”, uma vez que a geral foi extinta. Da mesma forma, as demais “arenas” não contam com setores com preços mais acessíveis.

Deve-se considerar que foram utilizados recursos públicos seja para a construção das “arenas”, seja para a construção de acessibilidade do entorno, visto que suas edificações estão ancoradas num projeto, articulado entre a Fifa e os países-sede, acrescido da lógica de superexploração e compreensão do espaço urbano, de um empreendedorismo, nas palavras de Harvey (2005, p. 163): a cidade é organizada numa feitura “que é tanto produto quanto condição dos processos sociais de transformação em andamento na fase mais recente do desenvolvimento capitalista”. Ou seja, Harvey afirma que sobre a apropriação privada da Cidade e sua capacidade de rentabilidade. O Estado portanto administra e fomenta a construção de infraestrutura e do reordenamento da cidade. Neste ponto, há que se considerar o direcionamento do fundo público e elaborações de leis que facilitem a implantação das “arenas” bem como seu acesso facilitado.

<sup>17</sup> Termo utilizado pelo jornalista do canal ESPN, Mauro Cezar, no documentário “Adeus Geral”, com direção de Gustavo Altman, Martina Alzugaray, Pedro Arakaki, Matheus Bosco e Pedro Junqueira. São Paulo, 2015.

<sup>18</sup> “Os Geraldinos”, direção de Pedro Asberg e Renato Martins, Rio de Janeiro, 2016.

Nota-se frequentemente que as “arenas” construídas para a Copa do Mundo, em diversos países-sede, tornam-se quase sempre verdadeiros elefantes brancos. Em Cape Town (África do Sul) cogitou-se a possibilidade de implosão da “arena”, pois o que jaz não é um projeto de cidade que possibilite entre outras coisas a criação de um espaço público de desenvolvimento do esporte, mas sim, a construção de um palco para realização do espetáculo-mercadoria futebolístico mais assistido no mundo. No Brasil, algumas “arenas” foram construídas em cidades que não possuem “tradição” no futebol, e em que as equipes existentes não figuram nos campeonatos de primeira divisão como é o caso Manaus (AM), Brasília (DF) e Cuiabá (MT), sendo, portanto, inviável, inclusive financeiramente, que se mantenham ativos para a realização de campeonatos locais:

O Mané Garrincha, estádio que custou R\$ 1,9 bilhão, teve um resultado operacional de R\$ 1,371 milhão no primeiro ano de funcionamento. Nesse ritmo, levaria mais de mil anos para recuperar o valor investido. O campeonato amazonense de 2014 teve um total de 37.862 pagantes, número que seria insuficiente para lotar a Arena Amazônia, que comporta 42.300 pessoas. Já a Arena Pantanal, sediada em Cuiabá, deve ter jogos do campeonato mato-grossense de 2015, mas só porque haverá subsídio do Estado. ( Apud portal UOL - FORTES, 2015, p. 43).

A “Arena Itaquera” está localizada às margens do conjunto habitacional conhecido como Cohab I; em frente há uma linha de metrô intitulada, não por acaso, Corinthians Itaquera<sup>19</sup>. Nas imediações são visíveis ocupações populares, terrenos vazios, um *shopping center*, uma entidade organizada e financiada pela Igreja Católica etc. Na invisibilidade de olhos, apressados ou inebriados pela vida dura, existem pequenas cracolândias.<sup>20</sup> O passar apressado das lotações (transporte público utilizado pelos moradores da região para acessar o metrô) pode disfarçar por alguns segundos a aparência das casas de madeira, amontoadas entre as ruas de terra e o correr das crianças soltando suas pipas. Não há espaço de lazer apropriado, assim, a diversão ocorre na rua mesmo, com risco de acidentes com os carros e os fios elétricos.

Os arredores da “arena” teve que se modificar, no que se refere a sua aparência, pois seria fundamental que os torcedores “de fora”, a imprensa, as autoridades nacionais e internacionais assistissem aos jogos sem maiores transtornos. Não poderia haver imprevistos,

---

<sup>19</sup> A estação de metrô fica em frente a um terreno baldio, que na gestão do Presidente do Corinthians Vicente Matheus, foi designado a ser o estádio do Corinthians. Na parte superior do terreno, ocorriam os treinos do time profissional principal e sempre foi chamado de terraço.

<sup>20</sup> Local utilizado por pessoas que fazem uso abusivo de crack, o local é utilizado também como moradia. O termo cracolândia, por sua vez, apesar de popular e dizer em tese do que se trata, expressa também um conceito pejorativo e estigmatizante, com que não se reconhece as pessoas que fazem uso dependente de substâncias psicoativas como sujeitos de direitos e de acesso aos serviços de que necessitem.

o espetáculo da bola teria de ser pleno e majestoso para que ao final da partida os noticiários tivessem como principal pauta a eficiência brasileira em realizar a Copa das Copas!

Assim, desde o anúncio oficial de que o Brasil sediaria o megaevento, passou-se a divulgar diversas ações estatais e privadas intituladas como o “legado da Copa do Mundo”. Propostas de infraestrutura de toda ordem, desde recapeamento de avenidas até a construção de um “Trem Bala”, que ligaria as cidades de São Paulo ao Rio de Janeiro, nas palavras de Oliveira:

Facilitada pelo discurso de um suposto legado, a estratégia adotada é a transferência de responsabilidade financeira para cidades e países-sede, através de rigoroso controle político e jurídico sobre esses territórios. É exatamente nesse ponto que a produção do espetáculo esportivo e a da cidade neoliberal convergem. Na busca de agentes capazes de bancar as condições materiais de realização do megaevento, as instituições promotoras encontram máquinas burocráticas sedentas por realizar tal proeza em troca de exposição midiática e legitimação para projetos nababescos e de dificuldades de aprovação em circunstâncias normais. (OLIVEIRA, 2014, p. 32).

Pode-se afirmar que o entorno “ganhou” um sistema viário mais eficiente, com alargamentos de ruas e avenidas que circundam a “arena”; foram construídos viadutos de interligação dos bairros, além da construção de uma passarela iluminada, que dá acesso à “arena”. Os muros e as faixadas dos prédios que beiram a Avenida Radial Leste foram contemplados com cores vibrantes, inúmeros grafites tomaram a paisagem, no entanto, talvez por terem sido custeados pelo refrigerante internacional à base de coca, não apresentem qualquer tipo de crítica ou questionamento ao megaevento, o que destoia da origem contestatória, marca central da expressão artística em questão, que compõe o movimento Hip Hop.

É fundamental dizer que as alterações foram tão somente epidérmicas; o bairro com sua população de mais de meio milhão de habitantes<sup>21</sup>, manteve-se alheia<sup>22</sup> não somente ao processo organizativo do megaevento, como permaneceu alijada das políticas públicas básicas à sobrevivência e reprodução humana.

Carregado de um discurso ideológico, o “legado” apresenta-se como algo mistificado, desenvolvido e organizado de forma única sem distinção organizativa. Com isso, por algum

---

<sup>21</sup> Segundo a Prefeitura Municipal de São Paulo, em 2010, a população de Itaquera era de 523.848, e a população de Arthur Alvin, bairro adjacente, onde está localizada a Cohab I, era de 105.269. Disponível em: <[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados\\_demograficos/](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados_demograficos/)>. Acesso em: 6 set. 2015.

<sup>22</sup> A constante trajetória tem sido a permanente exclusão dos trabalhadores urbanos e rurais das decisões do Estado e ao arbítrio do poder privado dos chefes políticos locais e regionais. A contrapartida da força, do arbítrio, da anulação da cidadania dos trabalhadores tem sido o caráter explosivo das lutas sociais, assim como a presença da violência no cotidiano das classes subalternas, manifesta nas mais triviais situações. (MELLO FRANCO, in IAMAMOTO, 2008, p. 138).

momento, partidos moradores acreditou que as exigências da Fifa atenderiam as demandas reivindicadas há décadas pela população que circundava os estádios sedes, todavia o que ocorreu foi o inverso e durante todo processo de preparação para a Copa e sua realização, constatou-se desapropriações, controle policial, políticas higienistas, além de mortes dos trabalhadores responsáveis pela construção das “arenas”.<sup>23</sup>

A ausência de ações públicas que beneficiassem a população brasileira, principalmente as populações residentes nas cidades sedes, a saber: Fortaleza, São Paulo, Cuiabá, Porto Alegre, Manaus, Salvador, Belo Horizonte, Curitiba, Natal, Recife, Brasília, Rio de Janeiro foi evidente, como aponta Campos:

O legado de desenvolvimento desses megaeventos, baseado na potencialização turística, na dinamização de serviços e negócios e na melhoria dos transportes públicos das cidades envolvidas, era evidentemente falacioso diante dos gastos na construção das arenas esportivas e dos resultados limitados em termos de infraestrutura. (CAMPOS, 2014, p. 32).

A discussão nesse sentido não está diretamente ligada à crença de que o Estado através de políticas públicas seja capaz de garantir as “necessidades básicas” da população, tampouco na crença de que uma boa administração pública garantiria a subsistência de todos os habitantes, visto que o funcionamento do Estado está visceralmente atrelado à lógica do capital. Sua origem e consequentemente sua estrutura deve garantir a manutenção do *status quo*, ou seja, os reais beneficiários da política estatal será necessariamente a classe que detém os meios de produção da vida. Este estrato terá garantida, por via de ações estatais, a manutenção da propriedade privada destes meios e, para tanto, serão utilizados mecanismos ideológicos, como também mecanismos de força.

A concepção de política pública aqui refletida reconhece seu caráter contraditório, pois se apresenta como a concretização dos direitos sociais básicos, conquistados a duras penas pelos diversos movimentos sociais da classe trabalhadora. Pode-se, inclusive, elaborar inúmeros parágrafos com exemplos de mobilizações populares que se insurgiram na Zona Leste de São Paulo, com destaque, por exemplo, à experiência do movimento popular de saúde, como um dos mais expressivos, que culminou na promulgação da lei 8080/90 – Sistema Único de Saúde.

---

<sup>23</sup> Ocorreram duas mortes durante a construção da “Arena Itaquera” que sediou a abertura da Copa do Mundo de 2014. E mais de oito mortes, se considerarmos as demais obras para a realização da Copa do mundo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/11/acidente-nas-obras-do-estadio-do-corinthians-mobiliza-bombeiros.htm>> e <<http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/03/29/obras-da-copa-no-brasil-ja-matam-4-vezes-mais-que-na-africa-do-sul.htm#fotoNav=15>>. Acesso em: 17 jul. 2016.

Obviamente, como bem nos perturba Carlos Drummond de Andrade<sup>24</sup>, “As leis não bastam, os lírios não nascem das leis [...]”, apesar disso, o movimento proporcionou a criação de um sistema de saúde ancorado no princípio da universalidade, integralidade, equidade, além da brilhante compreensão da saúde como síntese de múltiplas determinações. É necessário, portanto, mais que médicos e “postos de saúde” (que a princípio eram as principais reivindicações), mas um conjunto articulado de condições objetivas, entre elas, o acesso ao emprego, além de ações articuladas de políticas públicas.

É fundamental destacar, entretanto, o caráter contraditório das políticas públicas e sua interconexão com a política econômica, ao contribuírem para a reprodução do capital e o controle, limitando as diversas formas organizativas desta mesma classe. Os avanços expressos na Constituição Federal de 1988, e a pressão dos movimentos sociais, as políticas públicas assumiram:

Uma trajetória profundamente conectada à política econômica monetarista e de duro ajuste fiscal, enveredou pelos caminhos da privatização para os que podem pagar, da focalização/seletividade e políticas pobres para os pobres, e da descentralização, vista como desconcentração e desresponsabilização do Estado, apesar das inovações de 1988. (BEHRING; BOSCHETTI, 2007, p. 184).

Nossa “vingança” foi que a Copa das Copas contou com uma partida de semifinal que ficará marcada na memória de todos que acompanham futebol: a derrota da seleção brasileira para a Alemanha, por 7 a 1. O “sete a um” representou o grito que se manteve exaltado quando levou milhares de jovens às ruas das principais capitais do Brasil, com cânticos “Não Vai ter Copa”, e que, por vezes, foi abafado brutalmente com spray de pimenta, cassetetes e bombas de efeito moral. Somente na primeira semana da Copa, mais de 180 jovens foram presos<sup>25</sup>; no dia da abertura dos jogos, a principal avenida de acesso à “Arena Itaquera” foi interditada por movimentos e coletivos juvenis. O ônibus das delegações foi desviado para outra rota de acesso à “arena”, o ato foi violentamente dispersado e dois jovens foram presos.

A derrota representou também a redenção de Barbosa, goleiro da seleção de 1950, que por sua cor, por ser negro, como também de Juvenal e Bigode, os quais foram considerados culpados pela derrota da seleção brasileira para a uruguaia. O julgamento racista partiu de vários segmentos da sociedade e foi amplamente divulgado nos noticiários esportivos da

---

<sup>24</sup> Disponível em: <<http://www.poesiaspoemaseversos.com.br/nosso-tempo-drummond/>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

<sup>25</sup> Ocorreram mais de 20 protestos, todos dispersados com as formas mais truculentas possíveis. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/06/com-mais-de-20-protestos-1-semana-de-copa-tem-180-detidos-em-atos.html>>. Acesso em: 17 jul. 2016.

época<sup>26</sup>. De tal modo, o 7 a 1 ultrapassou as quatro linhas, as análises técnicas, a escalação, a qualidade dos jogadores, e pode servir como desvelamento das questões que já estavam presentes desde o dia em que foi oficializado que o Brasil seria a sede da Copa do Mundo 2014, quando era sabido que, mais uma vez, seria priorizada a acumulação de capital em detrimento da superação das condições sociais que incidem diretamente nas condições materiais dos trabalhadores<sup>27</sup>.

Foram elencados diversos motivos que teriam causado a derrota, contraditoriamente, entre eles estaria o abandono das categorias de base como forma estruturante do futebol, bem como maneira efetiva de reposição de quadros. Era como ressaltar como prejuízo, a negação do futebol que surgiu na rua, nos terrenos baldios, nas favelas, nos morros, ou seja, entre a classe trabalhadora. Seria necessário rever a organização do futebol no Brasil, (re)pensar a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), porém, essas questões foram discutidas de maneira superficial, sem os aprofundamentos devidos, como a política pública de esporte no país, a garantia de direitos básicos, os custos públicos para construção de “arenas”, em detrimento da destinação de recursos para a garantia das necessidades básicas. Ao fim, não se ouviu que o título “Copa das Copas” seria tão somente um eufemismo, que demonstraria não a incapacidade do país em sediar uma Copa do Mundo, mas as desigualdades latentes postas no cotidiano e que afetam diretamente o esporte.

Portanto, a tarefa está posta, necessita-se, neste ponto, suplantando os fatos epidérmicos e as análises superficiais, reconhecendo-as como substratos privilegiados do real, e a partir da postura de negação, fundamentar a pesquisa que se segue.

Se levarmos em consideração o real na sua manifestação mais radicalizada, podemos ratificar que a entidade magnânima do futebol não é capaz de monopolizar a prática do futebol, considerando que nos locais mais ermos, com um objeto redondo, algumas pessoas e um simulacro de trave se fez e faz-se futebol. Além disso, a Copa, por mais representativa e elucidativa que possa se apresentar, além de ser um evento da Fifa e não do conjunto dos produtores do futebol, ocorre a cada quatro anos, enquanto que *o futebol*, é diário, seja na escola, nos campeonatos oficiais e/ou de várzea, nas quadras alugadas, e será este futebol discutido daqui para frente.

---

<sup>26</sup> *O Estado de São Paulo* (1954): [...] Causas talvez raciais, talvez morais, talvez sentimentais, que possam ter influído para tal estado de coisas [...]. (FRANCO, 2007 p. 93).

<sup>27</sup> As exigências do pagamento dos serviços da dívida, aliadas às elevadas taxas de juros, geram escassez de recursos para investimento e custeio. Os investimentos especulativos são favorecidos em detrimento da produção, o que se encontra na raiz da redução dos níveis de emprego, do agravamento da *questão social* e da regressão das políticas sociais públicas. (IAMAMOTO, 2008, p. 143).

## 1.2 Da janela lateral do quarto de dormir<sup>28</sup>

É dá janela lateral do quarto de dormir dos idênticos prédios residenciais da Cohab I que se pode observar um time de várzea, utilizando um espaço composto por dois campos de terra, uma arquibancada tomada pelo mato alto, uma sede em construção, uma quadra de cimento, encobertos pela sombra da “arena” e dos recém-construídos viadutos. Pode-se ouvir o estampido dos fogos de artifício, que tentam ser abafados pelas diversas premissas que consideram a população pobre e preta incapaz de uma auto-organização e do desenvolvimento de uma sociabilidade fundada no respeito e na interação. Um time que pode nos revelar, a partir das particularidades, uma intersecção com o universal, uma vez reconhecendo que os pressupostos metodológicos aqui seguidos podem:

[...] esclarecer a forma concreta de sua relação, caso por caso, em uma determinada situação social, com respeito a uma determinada relação da estrutura econômica, como também – o que é decisivo – de descobrir em que medida e em que direção as transformações históricas modificam esta dialética. De uma similar análise concreta, surge sempre e por toda parte a relativização dialética do universal e do particular; em determinadas situações concretas, eles se convertem um no outro, em determinadas situações concretas o universal se especifica, em uma determinada relação ele se torna particular, mas pode também ocorrer que o universal se dilate e anule a particularidade, ou que um anterior particular se desenvolva até a universalidade ou vice-versa. (LUKÁCS in SANTOS, 2015, p. 29).

Um time que pode nos dar pistas de como a lógica mercadológica do futebol, ainda encontra resistência. Em 1980, cinco jovens negros recém-chegados à Cohab I, igualmente aos demais moradores do bairro, depararam-se com diferentes dificuldades em mudar para um lugar formado de maneira artificial. Sem considerar as diversas necessidades dos moradores, os conjuntos habitacionais eram, e são desenvolvidos com pouca infraestrutura básica, localizados em locais distantes dos centros urbanos, não contam com transporte público de qualidade e em quantidade suficiente, são raros os equipamentos de saúde, geralmente existem apenas unidades básicas de saúde, que são responsáveis apenas pela atenção básica. E os equipamentos de educação são incapazes de ofertar serviços que contemplem as variadas demandas locais. No que se refere a locais de lazer, cultura e de esporte, pode-se considerar que estas áreas são tratadas como necessidades excessivas, não integrando a lista de necessidades básicas ao desenvolvimento desta população. Em 1979, ano em que se inaugurou o Conjunto Habitacional Padre Manoel da Nobrega, doravante nominado Cohab

---

<sup>28</sup> Trecho da música “Paisagem da Janela” (1972), do compositor Lô Borges.



I, famílias de distintas regiões passaram a compor o bairro. A fala de uma moradora e irmã de um dos cinco jovens é exemplar:

Era muito peculiar, porque quando montaram o conjunto era como se todas as pessoas que morassem naquele conjunto fizessem parte do mesmo condomínio. Porém, com muitos prédios, muitas casas e poucas possibilidades de lazer. Então, o que tinha na ocasião era a igreja que estava em construção e tinha as escolas, que tinham quadras, tinha uma quadra poliesportiva, tinha um campo de futebol, mas basicamente era isso. (ANGELA).

Tal constatação, elaborada pela moradora, consubstancia a forma repetitiva da organização dos conjuntos habitacionais espalhados pelo Brasil. As histórias e formas de vivência dos moradores são totalmente desconsideradas e eles devem prontamente se adaptar ao novo modo de morar.

O conjunto era bem grande, na época era um dos maiores, antes da Cohab II, todo dia tinha gente chegando caminhões de mudanças chegando e eu como já jogava futebol, você vai procurar onde tinha um campo de futebol. (REINALDO).

A quadra era um dos únicos espaços de lazer não somente para os cinco jovens, mas havia muitas pessoas para utilizá-la, configurando a utilização do espaço: eram dez minutos em quadra ou 10 gols; quem perdia dava espaço para o “próximo”<sup>29</sup>, e o próximo time em questão seria o Negritude Futebol Clube. Porém, os cinco jovens não sabiam, sequer se conheciam, estavam ali à espera de uma partida de futebol. A atividade se iniciava cedo, por volta das 7 horas da manhã. Do mesmo modo que os demais garotos ali presentes, eles aguardavam ansiosos a sua vez de jogar, pois como havia muitos outros garotos em busca da mesma diversão, era comum formar de 20 a 30 times. E, quando o volume de pessoas era muito grande, utilizava-se a quadra da escola do bairro. A formação do time foi aleatória, sem qualquer tipo de escolha, não o fizeram por qualidade técnica ou por amizade: simplesmente montaram o time, cinco jogadores (Zé Roberto, Jair, Bidula, Agnaldo e Osvaldo), e como não havia goleiro, eles se revezaram no gol.

A integração deu-se quase que de maneira automática, jogaram muitas partidas, e, ao final, ficou acordado que voltariam a jogar juntos. Todos os finais de semana, o time se apresentava e, com tamanho entrosamento, decidiram participar dos campeonatos escolares. Na ocasião havia duas escolas que compunham o conjunto habitacional, eram comuns os

---

<sup>29</sup> É comum nos campos e quadras de futebol, independentemente de onde estejam localizados, o time que substituirá o perdedor ser chamado de próximo, isto também pode ocorrer individualmente quando se altera apenas um jogador.

campeonatos intitulados “interCohabs”, que acabaram por se configurar como forma privilegiada de integração entre os moradores.

No primeiro campeonato disputado, os jogadores tiveram que pedir emprestado os uniformes. Foram campeões, e existiu a necessidade de ter seu próprio fardamento, não obstante as condições objetivas que os impediam de comprá-lo:

Eu tinha 17 para 18 anos de idade, todos né na ocasião, Reinaldo na farmácia depois foi para o Itaú, meu cunhado trabalhava na Ford...que vamos fazer? Fomos à loja, na época, a gente não tinha cheque né, tinha que deixar o cheque lá, o único que tinha cheque era o Marrom, aí né. Marrom, a gente se conhece há pouco tempo, mas pode ficar tranquilo que a gente vai honrar com os compromissos. O legal é que foram 12 cheques, todo último sábado do mês nós íamos na loja e resgatávamos o cheque. (CAJU).

A camisa e o short eram brancos; no centro da camisa foi escolhida a imagem de um homem com cabelo black power<sup>30</sup>, referência que tinha por inspiração outro time, o Black Power, do Ipiranga. Além das referências norte-americanas comuns naquele período entre a juventude negra.

O nome Negritude F.C. foi anterior ao fardamento. Numa reunião entre os integrantes do grupo foi feita a discussão de que denominação teria a ver com a sua identidade: Alvinegro, Raça Negra, Poder Negro. Estas foram algumas sugestões, até que foi cogitado o nome Negritude (negro + juventude) e todos concordaram.

O nome Negritude conjugava com precisão o contexto histórico, no qual, de um lado, eclodiam diversas organizações e movimentos sociais que combinavam as necessidades básicas eminentes com a luta pela democracia, e de outro, era um período em que a subsunção dos moradores negros da cidade de São Paulo se acirrava. A escolha do nome e a identificação étnico-racial são de importância valiosa num contexto em que a maioria da população brasileira se identificava abstratamente com uma cor distante de sua identidade negra:

No recenseamento de 1980, por exemplo, os não brancos brasileiros, ao serem inquiridos pelos pesquisadores do IBGE sobre a sua cor, responderam que ela era: acastanhada, agalegada, alva, alva-escuro, alvarenta, alva-rosada, alvinha, amarelada [...] burro-quando-foge, cabocla, cabo verde, café [...] verde, vermelha, além de outros que não declaram a cor. O total de cento e trinta e seis cores bem demonstra como o brasileiro foge da sua realidade étnica, da sua identidade, procurando,

---

<sup>30</sup> O “modelo” de corte de cabelo, onde os negros e negras, não utilizam produtos cosméticos para alisar o cabelo. A expressão black power, está para além de um penteado, trata-se de uma expressão do movimento negro formado na década de 1960 pela juventude negra norte-americana que reivindicava direitos civis. Não alisar o cabelo representava naquele momento uma das formas de resistência. O movimento black power influenciou a juventude negra no aspecto estético e musical, a referência também foi utilizada por movimentos negros revolucionários, como autoafirmação identitária.

através de simbolismos de fuga, situar-se o mais próximo possível do modelo tido como superior. (MOURA in DAOLIO, 2005, p. 63).

O grupo que se constituiu para a formação do Negritude F.C., conseguiu, a partir do futebol, dar consistência a sua identidade étnico-racial, diferenciando-se da maioria da população que constituiu o conjunto habitacional. A identidade negra escamoteada e considerada inferior deu lugar a uma nova significação, presente no nome, no uniforme, nas frases utilizadas nas camisetas, no logo do time, nas formas de confraternização e principalmente nos relacionamentos afetivos.

Nós vivíamos dentro do Brasil, em plena luta por *diretas já*, por liberdade de expressão, mas eramos negros lutando por liberdade, nós tínhamos uma particularidade, que era o racismo, predominando de uma forma muito forte, muito marcante sobre nós. Então, tudo que fosse para valorizar nossa cultura étnica, a gente procurava cultivar. Então, o nosso visual era étnico, as nossas escolhas de baile eram étnicas, as nossas atividades do dia eram étnicas. (ANGELA)

A referência étnico-racial, naquele momento, fazia alusões a grupos não nacionais, e a identificação destes jovens era diretamente ligada a experiências vindas de fora. A formação do Negritude F.C. apresenta semelhanças com as organizações negras na cidade de São Paulo criadas no mesmo período histórico, como fundamenta Moura:

O negro organiza-se através de uma série de vínculos ideológicos com movimentos de outros países, mantém contato direto ou simbólico com eles, assimila os seus valores e propostas musicais e até mesmo imita elementos de estética africana ou norte-americana black. Consome livros sobre o problema negro internacional, assimila músicas negras internacionais e as recria nacionalmente. (MOURA, 2014, p. 296).

A assertiva teórica conflui de forma magistral com as determinações apresentadas na fala da dirigente:

Na ocasião, 1980, a gente vinha, ainda do fim da ditadura, ainda tinha resquício da ditadura, a gente não tinha liberdade de expressão completa. Até por isso não permitiram que a gente usasse esse nome. E nós buscávamos modelos de fora, pra formar, para constituir nossa identidade social, por exemplo, no nosso grupo todo mundo usava black power, era o modelo que vinha, é... dos Estados Unidos, as músicas, que a gente ouvia eram músicas americanas, porque lá o andamento da consciência negra, já estava avançado, vê como eram as coisas, (né), você está num contexto, e vive um subcontexto. (ANGELA).



Imagem 1 -Primeiro logo do time

Fonte: Acervo do Negritude F.C.



Imagem 2 - Uma das primeiras formações do time de Salão (1981)

Fonte: Acervo do Negritude F.C.

Os jogos ocorreram de maneira sistemática e o time passou a ter moradores acompanhando-os como torcida. A visibilidade foi tomando forma e uma ação quase que espontânea começa a tomar corpo. Na ocasião, não estavam evidenciadas pretensões de se tornarem um time de futebol, que reivindicasse uma identidade negra e/ou utilizar a estratégia organizativa do futebol para estabelecer vínculos comunitários e organizar os demais jovens residentes do bairro. Todavia, a apreensão da realidade e a necessidade de combate ao racismo, fortaleceram o time e deram configuração que o diferenciou do restante dos times

de várzea e talvez tenha sido o componente agregador e de manutenção do time até os dias atuais.

Com a visibilidade, um conjunto de camisas e uma torcida disposta a acompanhar o Negritude F. C, foram os germens de possibilidade de expansão, de compor novos quadros, de jogar em outros locais da cidade e de formar um time de campo:

O negócio começou a crescer o salão ficou pequeno, o pessoal viu o nome que tava tomando. Aí o pessoal do rachão<sup>31</sup> viu que estava crescendo, aí meu irmão falou: porque a gente não monta um time de campo? Mas time de campo vai dar muito trabalho é muita gente... a gente vê aí o rachão, vai ser muita gente, vai ter muita dificuldade para poder ser organizar levar o pessoal; a gente não tem carro, é complicado, mas vamos montar o time de campo.(CAJU).

O clube da Companhia Metropolitana de Transportes (CMTC) organizava um campeonato de futebol e um dos fundadores do Negritude era funcionário da companhia desde 1977, o que facilitou a participação do time. O clube contava com uma seleção da CMTC, formado exclusivamente por funcionários de várias garagens, e se concentrava aos sábados para a realização dos jogos. Às sextas feiras, as partidas eram realizadas no campo da Vigor<sup>32</sup>. Para os primeiros jogos, novamente não havia fardamento suficiente para onze jogadores, já que agora o time se aventurava pelos campos e não mais pelas quadras escolares. Segundo um dos fundadores, o time da Vigor, estava sem perder aproximadamente há uma década, mas com a base do time de futebol de salão, mais alguns jogadores escolhidos a dedo, o Negritude F.C saiu vitorioso. Esta vitória fortaleceu o time de salão a se configurar como time de campo; estavam dadas as bases do Negritude F.C., time de várzea da cidade de São Paulo.

Uma partida, em especial, marcaria definitivamente a formação do Negritude F.C.: o pai de um dos fundadores, morador desde a década de 1950 do bairro Arthur Alvim coordenava o time de várzea “Associação Atlética Artur Alvin” fundado em 07/09/1937. Seria uma prova de fogo jogar contra um time de várzea tradicional. A partida ocorreu no dia 7 de setembro, combinada com a comemoração do aniversário do time e acabou com o placar de 4x1 para os visitantes. Na ocasião, o Negritude F.C. era organizado a partir de uma espécie de autogestão, os jogadores eram quem realizavam todas as atividades extracampo, inclusive os treinos, já que não contavam com um treinador. Após a partida, o responsável pelo Arthur

---

<sup>31</sup> Trata-se de uma expressão largamente utilizada para denominar partidas de futebol, com regras mais livres definidas pelos participantes (tempo, número de gol, quantidade de jogadores nos times), não há preocupações com tipo ou tamanho de campo. A formação dos times é feita na hora das partidas, os uniformes são dispensados e a identificação do time é definida por seus participantes.

<sup>32</sup> Local financiado pela empresa Vigor de produtos alimentícios derivados do leite.

Alvim (pai de um dos jogadores), ficou impressionado com a qualidade técnica do time, e aceitou o convite para ser responsável e treinador do Negritude F.C, e assim, Sr. Ivan tornou-se o primeiro presidente do clube.

Um fator determinante para a afirmação do time na comunidade foram as vitórias, em outras regiões de São Paulo, como a Copa Black, organizada pelo Black Power do Ipiranga, zona sul. Neste momento, o time não possuía sede, ou campo para os jogos em “casa” o que é bastante comum.



Imagem 3 - Formação do Negritude F.C. em 1983

Fonte: Acervo do Negritude F.C.

Os times de várzea, em sua maioria, ocupavam terrenos com chão de terra e os transformavam em campos de futebol, portanto, não havia qualquer tipo de estrutura para a organização, reuniões e/ou qualquer tipo de acerto sobre o time e demais atividades que tinham que ser realizadas nos estabelecimentos comerciais, salas improvisadas e até mesmo nas beiradas do campo. A sede atual do time era utilizada, na ocasião, para atividades comunitárias. O contrassenso se coloca na medida que a auto-organização dos jovens em

torno de um time de futebol de várzea não era considerada como “atividade comunitária”, o que impedia a liberação do espaço pela Cohab. Segundo Caju, neste período, os encontros se davam em uma padaria do bairro, chamada “Padaria Líder”, além de utilizarem o entorno do campo:

Todo churrasco que a gente fazia aqui, aquela árvore que tem ali é um símbolo, uma das duas árvores que tem ali, na primeira a gente fazia churrasco ali, embaixo daquela árvore, eu olhava para aquele espaço ali, quando a gente vai tentar vai conseguir um espaço desse. (CAJU).

Porque depois que a gente voltava do jogo, a gente se reunia ou na padaria ou na nossa sede que a gente tinha uma salinha né, pra beber, pra comer, pra falar sobre o jogo, ou pra falar sobre a semana e, então, tudo se desdobrava num convívio social, onde o futebol era uma das atividades. (ANGELA).

A ocupação de uma das salas da quadra poliesportiva do “Matraca”<sup>33</sup> foi uma das soluções encontrada pelo grupo para dar continuidade ao time, e pensar as demais atividades comunitárias. É de suma importância destacar a forma associativa que se estabeleceu no Negritude F.C. como expressão de resistência frente às ausências apresentadas no cotidiano, ou seja, a juventude organizada contribuiu significativamente para pensar e executar atividades que o conjunto habitacional não disponibilizava.

Destacamos, inclusive, que a concentração da população negra na Cohab reforça a assertiva de que a aquisição da moradia significava um direito assegurado, porém, sua lógica de construção e definição dos locais onde seriam implantados os conjuntos habitacionais e sua forma de gestão são expressões discriminatórias de segregação socioespacial, o que denota a importância da organização e resistência deste grupo.

O imperativo de renda para aquisição de um imóvel no conjunto habitacional é perceptível e compatível ao processo higienista instaurado desde os finais do século XIX em que o:

Desenvolvimento urbano de São Paulo, por outro lado, tal como se verificou, não beneficiou o segmento negro. Ao contrário. Por uma série de mecanismos discriminadores, ele foi jogado para a periferia do sistema social, cultural e econômico, criando-se ao mesmo tempo, uma série de barreiras ideológicas, da qual a mais abrangente e permanente é o preconceito racial. (MOURA, 2014, p. 280).

A política habitacional no Brasil configura-se como uma estratégia, fundada no pressuposto de sustentação e recuperação da iniciativa privada, principalmente em momentos de crise, alicerçada na premissa político-ideológica do “problema” da moradia. Distante da

---

<sup>33</sup> Espaço público construído pela Cohab e o apelido “Matraca” deu-se devido ao grupo musical de mesmo nome que organizava festas no local aos finais de semana.



proposta de garantia de direito à moradia, e não de uma perspectiva de direito à cidade, a política habitacional conjugava o “sonho da casa” própria aos interesses do grande capital e sua necessidade de rentabilidade infinita.



Imagem 4 - Vista área do Conjunto Habitacional Padre Manoel da Nobrega (Cohab I), 1979  
Fonte: Acervo do Negritude F.C.

A Cohab estava inserida num plano mais amplo de política habitacional, gestado nos primeiros anos da ditadura burguesa-militar, quando foi criado, em 1964, o Banco Nacional de Habitação (BNH), o que, com clara motivação política, apresentava o governo ditatorial como realizador de ações que garantiam à população a resolução das expressões da questão social, entre elas a ausência de moradia. A garantia da casa própria seria importante para a consolidação ideológica do governo ditador, como também, poderia a longo prazo transformar os possíveis contestadores em aliados ao governo.

Acrescido ao banco nacional foi criado o Sistema Financeiro de Habitação, que acoplava fundos compulsórios, como Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) e fundos voluntários, como fontes estáveis e permanentes de financiamento. A princípio, foram criadas agências públicas e privadas para o desenvolvimento da política habitacional, contudo:

A expansão deste aparelho institucional teve como consequência a transformação progressiva do BNH em um verdadeiro banco de desenvolvimento urbano, através da agregação das atividades de saneamento básico, financiamento de materiais de construção, transporte, pesquisa etc. O custo desta transformação foi a ‘exportação’ de concepção e modos de ação empresariais para estes novos serviços. (AZEVEDO, 1988, p.110).



Consubstanciada na ideia de proporcionar acesso às populações de baixa renda, foram criados diversos mecanismos de financiamento e subsídios para a compra das moradias populares. Neste sentido, foi criada a Cohab, como agente privilegiada na organização e implantação das moradias populares:

As Cohab, empresas mistas sob o controle acionário dos governos estaduais e/ou municipais, desempenham, na promoção pública de construção de moradias para os setores de baixa renda, um papel análogo ao dos incorporadores imobiliários na produção de residências para as camadas de renda alta. À Cohab compete coordenar e supervisionar o trabalho das diferentes agências públicas e privadas que participam da edificação das casas populares, reduzindo o preço das unidades produzidas. (AZEVEDO, 1988, p. 111).

Contudo, as condições de acesso às referidas unidades consistiam em extrema exclusão da maior parte dos interessados, pois eram necessários rendimentos familiares de um a cinco salários mínimos, dificultando o acesso das famílias em situação de desemprego. Outro critério destoante com as necessidades postas era a exigência de ser morador da cidade de São Paulo há mais de cinco anos. Ou seja, a massa de pessoas vindas de vários lugares do Brasil estava definitivamente fora do acesso à moradia. Além disso, as dimensões das unidades habitacionais, por sua vez, não comportavam famílias extensas e, por esse motivo, um dos critérios era que as famílias tivessem até cinco membros.

A padronização e uniformização das construções fazia com que os conjuntos habitacionais se tornassem verdadeiros labirintos, inclusive, por algumas ruas não terem saída. Construções com este padrão eram extremamente necessárias para a maior acumulação e retorno financeiro.<sup>34</sup> A implantação dos conjuntos habitacionais na cidade de São Paulo, concentrava-se quase que exclusivamente nas periféricas e zonas metropolitanas, proporcionando uma segregação socioespacial, que se referia não somente ao local de trabalho, mas também à concentração de bens e serviços culturais e de lazer. Para se ter uma ideia, com a infraestrutura disponível nos dias atuais, com transporte de pequeno porte, que leva os moradores até o metrô, e o aumento de trens disponíveis, gasta-se num domingo sem trânsito, 56 minutos da Cohab I à Praça da Sé. Lembrando que as operações do metrô Arthur Alvim iniciaram em 1988, e que na implementação da Cohab I (1979) existia apenas duas linhas de ônibus, com trajeto Cohab – Terminal Parque Dom Pedro e Cohab – Sé, imagina-se a dificuldade de transporte naqueles tempos.

---

<sup>34</sup> Com relação aos índices de produtividade da Cohab-SP, desde sua fundação em 1965 até o ano de 1999, a companhia construiu 55 conjuntos habitacionais, totalizando 130.574 unidades habitacionais para atender uma população estimada em mais de 650 mil pessoas na cidade de São Paulo e na região metropolitana, o que demonstra a enorme capacidade de produção de moradia popular dessa companhia e sua influência no setor de financiamento habitacional. (CASTILHO, 2015, p. 3).

O cotidiano, em suas repetições e reproduções heterogêneas, quase sem cálculos no que se refere às causalidades e probabilidades de ação, também é composto de mediações, e formado por um conjunto de complexos. Nessa trama de relações, os indivíduos possuem diversas alternativas de escolhas e de possibilidades, mesmo nos espaços mais hostis e dificultadores do desenvolvimento das capacidades humanas: “A vida cotidiana não se mostra, então, como o espaço por excelência da vida alienada, mas ao contrário, como um campo de disputa entre a alienação e a desalienação”(ANTUNES, 2009, p. 159), ou seja, independente da organização arquitetônica e das propostas institucionais dos agentes contratados pela companhia, os moradores, em sua sociabilidade, desenvolveram estratégias e formas de se apropriarem da região.

Como destacado anteriormente, a ausência de infraestrutura, inclusive de transporte, apresentou-se nesta conjuntura como facilitador da organização. Os(as) trabalhadores(as) se encontravam diariamente eo convívio no transporte público configurava-se no momento ideal para os preparativos das atividades que ocorreriam nos finais de semana, que incluíam bailes, festas e o futebol aos domingos. No que se refere às propostas institucionais, a Cohab contava com assistentes sociais que atuavam no Centro Comunitário e a proposta interventiva perpassava a organização popular e o desenvolvimento de atividades diversas, com protagonismo dos moradores:

Então elas incentivavam que a gente montasse grupos, por exemplo, elas pegavam as lideranças, que elas consideravam lideranças e falava assim: – Monta grupo. Por exemplo, a ideia delas era que a gente montasse grupo de artesanato, grupo de música, grupo de não sei o que, para integrar, para dar mais opções de lazer para as pessoas. (ANGELA).

Cabe aqui, apenas no sentido ilustrativo, uma vez que não é foco deste trabalho, a elaboração reflexiva sobre as atuações profissionais desenvolvidas pelo Serviço Social neste período, sobretudo nos anos 1980, que foram caracterizados como um período onde a profissão apresentava uma inserção contundente nos movimentos sociais principalmente os ligados ao direito à moradia. A concepção que se apresentava concebia que os movimentos sociais eram locus privilegiado de atuação profissional, em que seria possível o desenvolvimento pleno dos preceitos estabelecidos no código de ética profissional, e uma ruptura com o conservadorismo.

O projeto ético-político, portanto, passava a ter uma hegemonia dos pressupostos teórico-metodológicos ancorados na teoria de Karl Marx e demais autores críticos ao modo de

produção capitalista, não somente no que se refere ao cotidiano profissional, mas também nas produções acadêmicas que se desenvolveram no período.

O acúmulo das diversas discussões e seminários construídos na categoria, acrescido as lutas contra a ditadura burguesa-militar, quando muitas profissionais se envolveram ativamente, contribuíram para um arcabouço teórico-operativo que proporcionou a virada da profissão, num congresso significativo, que ficou exatamente conhecido como “Congresso da Virada”, realizado em 1979. Nele se pode verificar como as bases do Serviço Social estavam num processo frutífero de transformação. Segundo Netto, a ruptura com uma deletéria alienação, referindo-se ao silenciamento e a suposta neutralidade exercida por parte da categoria no período ditatorial brasileiro, é a:

Significação essencial do III Congresso – ruptura que justifica sua caracterização como ‘Congresso da Virada’. Não é nenhum exagero assinalar a sua simetria, no quadro do Serviço Social, à reinserção da classe operária na arena brasileira, o III Congresso operou uma decisiva transformação na dinâmica profissional do país... O III Congresso quebrou o monopólio conservador nas instâncias e fóruns da categoria profissional e, em ambos os casos, as consequências foram muito além do marco estritamente político. (NETTO, 2009, p. 31).

O Serviço Social, portanto, nesta perspectiva, era identificado pelos moradores, a partir de uma concepção que surgia no interior da categoria de estar vinculada aos interesses da classe trabalhadora.

As assistentes sociais incentivavam a se unir por uma identificação e a nossa identificação era étnica, nós é que tivemos a curiosidade e o desejo de procurar o MNU, de promover, de sentar, a gente ia na casa uns dos outros, (entendeu?), marcávamos reunião..., na época a gente chegou a montar um grupo que chamava Jovens Unidos Desenvolvendo a Cultura Social (Judacs) –, que a nossa ideia era juntar tudo, futebol, consciência negra, lazer e.... Mas foi um grupo que não se desenvolveu, nesse propósito porque era multifacetário, e a gente não tinha perna para tudo, o que ficou de fato realmente mais forte, mais consistente foi o esporte o futebol. (ANGELA).

Como não poderia deixar de ser, os participantes em questão decidiram montar um grupo voltado a discutir a consciência negra. O grupo era formado pelos cinco jogadores do Negritude F. C., familiares dos jogadores e demais pessoas que, de uma maneira ou de outra, acompanhavam o time nas disputas escolares, amistosas e demais eventos esportivos. Já se manifestava neste momento a necessidade de discutir e pensar as questões étnico-raciais e o Negritude F.C., na ocasião, possuía uma proximidade significativa com o Movimento Negro

Unificado (MNU)<sup>35</sup>, o que favoreceu a curiosidade e o interesse dos participantes pela temática.

Afastados do centro de São Paulo, geográfica e culturalmente, este tipo de organização favorecia de maneira significativa a sobrevivência de seus membros, se levarmos em consideração a alienação que as longas jornadas de trabalho acrescidas do tempo gasto no transporte público, acarretavam no corpo e na mente dos trabalhadores. Tal constatação advém do entendimento de que o trabalho, enquanto categoria fundante, constitui a formação do ser humano, uma vez que este, ao transformar a natureza para o suprimento de suas necessidades básicas, transforma a si mesmo, sendo a possibilidade verdadeira de exteriorização e objetivação. Nas palavras de Lessa:

A totalidade da pessoa do trabalhador é envolvida no trabalho (sua ‘consciência’, sua ‘imaginação’, sua ‘vontade’ e sua ‘corporalidade’), a sua sensibilidade, sua capacidade sensível, também se desenvolve. Na medida que melhor pensamos o mundo melhor o sentimos e vice-versa. (LESSA, 2015, p. 471)

É preciso destacar, entretanto, que numa sociedade de organização capitalista, onde a riqueza produzida e monopolizada somente pela classe que possui a propriedade privada dos meios de produção da vida, o trabalho irá se configurar numa atividade alienada em dois sentidos:

1) o trabalhador não possui os meios de produção do seu trabalho, apenas possui força de trabalho, ou seja, seu corpo e mente estarão voltados a uma produção que não irá lhe pertencer;

2) as formas de organização do trabalho e sua compartimentalização farão como que o conjunto dos trabalhadores não reconheça naquela atividade de trabalho, onde o produto produzido lhe retorna como algo estranho a sua humanidade, as mercadorias, portanto, ganham *status* fantasmagórico e humano, enquanto o trabalhador aparece como apêndice das máquinas e dos processos.

Marx enfatiza que a mercadoria enquanto produção humana, e a utilização de recursos naturais para sua confecção e sua utilidade, não possui necessariamente qualquer caráter místico, haja vista que o produto em si, mantém-se como a configuração de trabalho.

---

<sup>35</sup> Segundo estudos de Moura, o Movimento Negro Unificado apresentava características que destoavam dos movimentos e/ou organizações formadas até então. No começo apresentava-se “com o nome de Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, que apresentou inicialmente a proposta mais radical em termos de mudança social, isto é, de dinamização da nossa estrutura incluindo e enfatizando ou priorizando as modificações radicais nas relações raciais e sociais. Fundado em 18 de junho de 1978, em São Paulo, num ato público nas escadarias do Teatro Municipal, reuniu mais de três mil negros e membros de entidades democráticas”. (MOURA, 2014).

Contudo, a mercadoria assume o fetiche:

Simplemente pelo fato de que ela reflete aos homens os caracteres sociais de seu próprio trabalho como caracteres objetivos dos próprios produtos do trabalho, como propriedades sociais que são naturais a essas coisas e por isso, reflete também a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social entre os objetos, existente à margem dos produtores. É por meio desse quiproquó que os produtos do trabalho se tornam mercadorias, coisas sensíveis-suprassensíveis ou sociais. (MARX, 2015, p. 365).

Num mundo onde as relações sociais se dão entre “coisas” e não entre pessoas vivas e ativas, o trabalhador se transforma numa mercadoria tão barata quanto a que produz, e em vez da atividade trabalho lhe proporcionar a condição de humanidade, que o transformou do “macaco” em homem, faz justamente o seu inverso:

Com a valorização do mundo das coisas (*Sachenwelt*) aumenta em proporção direta a *desvalorização* do mundo dos homens (*Menschenwelt*). O trabalho não produz somente mercadoria; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral. (MARX, 2004, p. 80).

Evidencia-se, aqui, o quanto o trabalho explorado, ou seja, a exploração da força de trabalho, para a acumulação de riqueza, determina as formas de relações estabelecidas socialmente, uma vez que a efetivação própria do trabalho, numa sociedade capitalista, apresenta-se como “desefetivação, como estranhamento, como alienação” (MARX, 2015).

Esta desefetivação, inclusive, pode ser levada ao limite de desefetivação da própria existência. Os moradores, e sujeitos desta pesquisa tinham, mesmo que nas condições antes apresentadas, duas condições objetivas que favorecem a organização pelo direito ao lazer e ao esporte. Suas famílias, como evidenciado, possuíam um rendimento suficiente para aquisição de uma unidade habitacional e a maioria dos participantes ativos da formação do Negritude F.C. estavam empregados.

É de fundamental importância afirmar que as barreiras estabelecidas ao trabalhador são diversificadas e acirradas quanto se refere aos trabalhadores negros, e aprofundadas no que se refere às mulheres negras. Isso posto, a formação de um time e/ou organização que condensava quase que exclusivamente homens e mulheres negras jovens apresentava-se, naquele momento, como possibilidade de mediação e enfrentamento de uma sociabilidade perversa e são muito semelhantes às organizações formadas em todo período de escravização e pós-libertação:

Mas, sem possibilidade de o negro frequentar as entidades brancas, todas elas impermeáveis ou quase à sua presença, ele tinha de continuar a se organizar – num

fenômeno que era apenas, em muitos aspectos, repetição do que já existia antes da Abolição, quando o negro escravo, para não ser extinto social e mesmo biologicamente, organizou-se de diversas formas: confrarias, cantos, entidades de auxílio-mútuo para compra de alforria, quilombos etc., mantendo, com isso, uma série de valores e patamares de defesa interligando-se positivamente. (MOURA, 2014, p. 280).

Na efervescência da organização, variadas atividades esportivas passaram a utilizar o nome Negritude na sua realização, vôlei e atletismo estiveram presentes, e algumas pessoas solicitaram a utilização do nome para manter o time de futebol de salão, contudo, toda a formalização inclusive jurídica sempre se deu como time de futebol:

[...]a gente tinha meninas que eram filhas do Sr. Ivan, que é pai do Caju, que montaram um time de vôlei, outras que montaram um time de handebol, teve gente que veio para competir com o nome do Negritude na área de maratona, atletismo, então, a gente acaba que ... Teve gente que veio quando a gente se tornou um time de futebol de campo, teve gente que veio pra usar o nome do Negritude pra continuar como futebol de salão. (ANGELA)

Podemos fazer um paralelo da formação histórica, do considerado futebol “oficial” com a formação do Negritude F.C., no que se refere ao gosto pela prática do esporte, e aos objetivos assemelhados, ou seja, na constituição de um espaço de sociabilidade e de prática esportiva (futebol) como atividade de lazer. Como em outras áreas da vida, a historiografia tem privilegiado a história “oficial” do futebol, as diversas janelas laterais que foram e são, por muitos momentos, desconsideradas, contudo, devido à área de pesquisa em que este estudo é desenvolvido, na qual não há tradição de estudos sobre futebol, é de fundamental importância que sejam destinados mesmo que de forma breve, alguns parágrafos sobre a formação “oficial” do futebol, para que possamos não só fazer as interconexões com o futebol de várzea, como também apresentar como os grupos historicamente oprimidos foram apartados do futebol “oficial”.



Imagem 5 - Time formado em 1982

Fonte: Acervo do Negritude F.C.

### 1.3 As origens elitistas de um esporte popular

Diversos autores, historiadores, sociólogos, especialistas em futebol, debatem sobre as origens do futebol, no Brasil e no mundo. A tese mais aceita e tida como oficial faz referência a Charles Miller: “Jovem paulistano, filho de um engenheiro escocês aqui radicado. Enviado à Inglaterra com nove anos para completar seus estudos, Miller retornou em 1884 trazendo na bagagem um verdadeiro arsenal litúrgico” (FRANCO, 2007, p. 60).

Segundo o autor, Charles Miller seria responsável por trazer em uma mala duas bolas, dois conjuntos de uniformes, um par de chuteiras, uma bomba de ar e um livro de regras. O jovem seria responsável pela divulgação do futebol entre os jovens da elite paulistana e principal organizador da primeira partida de futebol realizada nos solos brasileiros, em 14 de abril de 1895. Três anos após o jogo, seriam formados os primeiros times de futebol, exclusivos da elite paulistana, sendo que, em alguns casos, a prática de futebol foi inserida nas demais práticas já existentes nos clubes aristocráticos e, em outros, formaram-se mesmo times

de futebol.<sup>36</sup>

Partindo da elaboração marxiana, pode-se concordar que:

As ideias da classe dominante são em cada época, as ideias dominantes, isto é a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios de produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios de produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal. (MARX in NETTO, 2012, p. 156).

Outorgar a formação do futebol a um único homem, e este homem, branco e pertencente à classe burguesa, demonstra a reprodução da ideologia que considera a classe dominante como portadora da universalidade da vida e que, por isso, possui os atributos necessários para a construção da sociedade em seus diversos ramos, sendo a “classe” detentora das ideias necessárias ao total dos homens e mulheres. Desconsidera-se, assim, que a sociedade é formada pelas relações sócio-históricas entre homens e mulheres vivos e ativos, que objetivam suas finalidades, produzindo dessa maneira sua própria história. Numa elaboração aproximativa do que agora se expõe, Franco faz o seguinte apontamento:

Uma certa visão oficial – felizmente já combatida – privilegiou as elites como protagonistas da história brasileira e apegou-se à ficção da concessão de direitos promovida pelos setores dominantes. A emancipação política teria sido obra da coragem rebelde do jovem D. Pedro I, a abolição da escravidão expressão da bondade da princesa Izabel, a proclamação da República manifestação do espírito enérgico e patriótico do marechal Deodoro.(FRANCO, 2007, p. 61).

Nesta mesma perspectiva, pode-se conceber a formação do futebol brasileiro. O autor fundamenta seus argumentos, apontando inclusive que, anterior ao retorno de Charles Miller, o futebol, ou algo que se assemelhasse a essa prática futebolística, era praticada entre os jesuítas, por volta de 1880 e 1890, nos colégios confessionais e laicos, localizados em São Paulo e Rio Grande do Sul. Nascimento (2013), por sua vez, assinala em seus escritos, que a principal fomentadora do futebol no Brasil foi a industrialização ocorrida nas grandes capitais, com a instalação de empresas britânicas, em especial, as ferrovias a partir da segunda metade do século XIX.

Tal entendimento consubstancia a ligação do futebol com as elites, no entanto, traz um novo prisma sobre a história do futebol no Brasil, que é a conexão direta do futebol com os trabalhadores:

---

<sup>36</sup> Associação Atlética Mackenzie College(1898); o Sport Club Germânia e o Club Atlético Paulistano (1899) e Associação Atlética das Palmeiras (1902).



Após realizar minucioso levantamento dos clubes ferroviários, em atividade ou não, de norte a sul do país, o jornalista paranaense Ernani Buchamann conclui que ‘nenhum outro segmento da sociedade brasileira criou tantos clubes, em tantos lugares, nem o comércio, a indústria, os operários. Mais que os ferroviários não houve’. O protagonismo na difusão do futebol no país vai além das serras de Paranapiacaba. (NASCIMENTO, 2013, p. 39).

O destaque do autor está na formação da Vila de Paranapiacaba por onde passou o primeiro trecho ferroviário, localizado no Grande ABC paulista. A região, conhecida como Vila Inglesa, era local de moradia dos trabalhadores ingleses, o que possibilitou o início das práticas de futebol.

Contudo, a Vila Inglesa, por sua anterioridade, parece ter sido palco das primeiras práticas organizadas do genuíno *football association*, no país, como resultado dos lazeres dos engenheiros e técnicos que estavam instalados longe da civilização. (NASCIMENTO, 2013, p. 40).

Requer salientar que o futebol entre a elite significava a prática de lazer e esportiva. Os estudantes já praticavam outros esportes, frequentavam os clubes e tinham garantido o que podemos considerar como o “direito” ao lazer e ao esporte. As condições objetivas destes jovens permitiam não só a prática esportiva, como a compra dos equipamentos necessários, já que no início do século as bolas e demais equipamentos eram importados. O tempo livre era outro fator propiciador do futebol. Não havia um compromisso com o jogo, no sentido profissional, o futebol era amado. Se considerarmos a etimologia da palavra, *amador* vem do latim, *amare*, (amar, gostar, de), um *amador* por definição escolhe por gosto, por amor, determinada ação, assim, ser jogador *amador* não significava o contrário de jogador profissional, mas sim, uma *escolha*, como mais uma das várias atividades a que os jovens da classe burguesa poderiam optar. Jogar futebol era puro divertimento.

Mario Filho (2010) intitulou o primeiro capítulo de seu clássico sobre o futebol, o elucidativo *Raízes do Saudosismo*, e fez de que, anterior à massificação e popularização, o futebol branco de elite, formado por times grandes, trazia em seu bojo a grandeza, a beleza, o *amador*. Esta seria a defesa dos contrários à profissionalização do futebol no Brasil. A argumentação também se refere à defesa da não participação dos operários, nos times:

O futebol tornara-se um novo item da modernidade europeia que não podia faltar aos anseios de atualização da elite brasileira e que devia por isso ser praticado por pessoas de igual condição social e racial. Numa verdadeira profissão de fé o primeiro número de um novo periódico lançado no Rio de Janeiro declarava solenemente que o ‘futebol é um esporte que só pode ser praticado por pessoas da mesma educação e cultivo’. [Se formos] obrigados a jogar com um operário [...] a prática do esporte torna-se um suplício, um sacrifício, mas nunca uma diversão. (FRANCO, 2007, p. 63).

Mario Filho era um entusiasta do crescimento do futebol, da sua institucionalização e profissionalização, tornando-se uma das principais vozes favoráveis ao profissionalismo e da participação do negro como jogador de futebol, por motivos distantes dos defendidos nesta pesquisa. No entanto, aprofundaremos tais argumentações mais adiante. A insistência neste ponto está no fato de que o futebol praticado pela elite brasileira, numa tentativa de aproximação da cultura europeia, tinha suas fundamentações naquilo que se expressava na sociedade brasileira: o reforço da eugenia como modelo a ser seguido e a subsunção dos trabalhadores e principalmente dos trabalhadores negros.

Em 1902, iniciaram-se as formações das ligas<sup>37</sup> e consequentemente dos campeonatos paulista e carioca. Havia partidas de paulistas contra cariocas que eram as disputas e os jogos com maior carga de seriedade. Neste período, a situação dos homens negros apresentava uma condição contraditória latente e se, por um lado, se desenvolviam teorias eugênicas que os desqualificavam e barravam o seu acesso social, por outro lado, alguns times desde a sua origem possuíam jogadores negros nos seus quadros, havendo uma dissociação entre o discurso empregado e a necessidade do jogador no esporte. A habilidade nos pés mascarava por momentos sua cor. Há registros, portanto, da participação de operários e negros desde as origens do futebol. Contudo, nem todos os times estavam dispostos a receber jogadores negros e operários, e se esforçavam para manter as características “brancas” do esporte. O campeonato ocorrido em 1906 expressou as marcas contraditórias de um esporte que queria manter-se de elite, enquanto incorporava jogadores de outra classe social. Times se retiraram da competição por não aceitarem a presença de jogadores negros, mas, por outro lado, outros times da mesma liga tinham entre os seus escalados estes jogadores. Em 1912 ocorreram dois campeonatos paralelos devido a estes conflitos:

Com a entrada na liga do time mais popular, o Corinthians, pela contratação de jogadores profissionais uruguaios. [...] Desde então seriam disputados dois torneios paralelos. Gradativamente, clubes tradicionais abandonavam a Liga Paulista de Football(LPF). (FRANCO, 2007, p. 67).

O que importa, neste momento, são os conflitos postos, ancorados, na ideologia desenvolvida principalmente nos grandes centros, a eugenia e desqualificação dos subalternos. Este segmento subalternizado tinha habilidade suficiente para o esporte da elite, fazendo com que sua presença fosse fundamental às vitórias. Todas as formas de barrar a

---

<sup>37</sup> A criação das ligas de futebol que agregavam os clubes de elite (Liga Paulista de Football, 1902; Liga Metropolitana de Football, no Rio de Janeiro, em 1905) obedecia tanto à lógica daqueles que se identificavam como legítimos herdeiros do futebol inglês quanto à lógica da excludente estrutura política nacional. (FRANCO, 2007, p. 63).

presença dos “populares” sustentavam-se nos ditames da época, e não partia do racismo individual deste ou daquele clube. A mídia crescente na ocasião, que passava a divulgar o esporte, se utilizava dos mesmos artifícios para desqualificar os praticantes operários e negros:

Diante do crescente prestígio do futebol popular, órgãos da imprensa brasileira passaram a denegrir aquilo que classificavam como práticas selvagens das ‘canelas negras’, em nada comparáveis aos aristocráticos gestos dos *sportmen*. Considerações, aliás, muito semelhantes àquelas veiculadas pelos jornais ao noticiarem a ‘loucura mística’ de Antônio Conselheiro entre 1896 e 1897, a ignorância e imundice dos moradores dos cortiços cariocas (o que justificou a reforma urbana do Rio de Janeiro que culminaria na Revolta da Vacina, em 1904) e a subversão e desordem das organizações proletárias de acordo com uma visão policialesca. Selvagens, bárbaros, inferiores eram denominações proferidas por integrantes das elites brasileiras desde o século XIX em referência aos escravos, libertos, operários, imigrantes e sertanejos. A desqualificação era o campo privilegiado no qual a população brasileira era definida por sua elite. Os jogadores do futebol popular não escapavam a esse tipo de avaliação. (FRANCO, 2007, p. 65).

Nos estádios, era comum torcedores assistirem as partidas do lado de fora, e em alguns estádios havia separação física entre os torcedores ricos e os torcedores pobres.

A discriminação e a segregação da maioria da população, da prática dos pés, não impediram a organização de outras formas de jogar eo crescimento cada vez mais acentuado do futebol favoreceu que a população jogasse, discutisse e pensasse no esporte. A tentativa de exclusividade da prática de futebol não obteve êxito. Com isso, os demais componentes das cidades, seja nos morros, nas vilas, seja nos mais diferentes espaços iniciaram a prática do futebol. E os negros estiveram presentes nos times “oficiais” desde o início, porém, em circunstâncias discriminatórias e opressivas.

#### **1.4 Eita negro, quem foi que lhe disse que a gente não é gente?<sup>38</sup>**

*Foi negro, sul-americano e o pobre, o primeiro ídolo  
internacional do futebol.  
Eduardo Galeano*

O Negritude F.C. já possuía uma torcida organizada, contava com um técnico experiente, camisas em quantidade suficiente, o que permitia sua participação em competições

---

<sup>38</sup> Poema “Conversa” de Solano Trindade. Disponível em:  
<[http://www.antoniomiranda.com.br/poesia\\_brasis/pernambuco/solano\\_trindade.html](http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/pernambuco/solano_trindade.html)>. Acesso em: 20 jul. 2016.

oficiais da várzea, contudo, era preciso a oficialização do time. Assim, em 1983, foi solicitada à Federação Paulista e à Secretaria Municipal de Esportes, o registro como Negritude F. C., no entanto, o registro foi barrado, as instituições justificaram que tal denominação poderia trazer conflitos étnicos e, como saída, os jovens solicitaram o registro como Alvinegro Futebol Clube, permanecendo com esta denominação até 1986.

E na ocasião o que aconteceu quando foi para ir ao Desafio ao Galo, o nome Negritude tinha conotação racista, o nome Negritude não poderia entrar né para disputar o Desafio ao Galo. E a gente correu atrás para colocar um outro nome que foi o Alvinegro na época. Aí, puta, mas como a gente não pode entrar como Negritude, aí fez toda a documentação como alvinegro e tal [...]. A gente vai ter que ir lá, a gente vai entrar como Negritude, não pode, está desde 80 com o nome de Negritude, agora vai ter que entrar no Desafio ao Galo como Alvinegro? Em 86. E aí alguém falou: nós vamos lá na secretaria, a gente vai entrar com o nome Negritude. Eu não lembro se foi o Felix ou seu Orestes que hoje são falecidos né, seu Orestes era o presidente na época, o Felix era secretário, ou foi meu pai, não lembro exatamente quem foi, foi lá na secretaria com a documentação, com a nossa ata de registro, e conseguiu a liberação pra entrar com o nome Negritude. Mas até então antes de entrar, acho que um mês antes, mais ou menos que veio o né...o convite para disputar o Desafio ao Galo, a gente não podia entrar com o nome Negritude. (CAJU).

Para além da proibição do nome, várias foram as situações de racismo e discriminação étnico-racial vivenciadas pelo time, tanto no que se refere aos xingamentos, ofensas verbais, quanto em outras áreas do cotidiano:

Nós fomos jogar uma vez, n Mooca, né contra o Tabajara, e a região da Mooca, é uma região que né... assim, são descendentes de italianos, a questão monetária também, lá favorece também, quem tem um poder aquisitivo melhor, só que eu vim direto de outro evento, não lembro que que era, e o Negritude veio de ônibus depois, aí eu estava aguardando lá, e aí teve n piadinhas, né, mencionando o Negritude, acho que eles não repararam que eu estava lá, eu estava sozinho, e fizeram várias piadinhas, sobre o time: – Ah, vai vir um monte de.... (pausa). A África vai descer aqui e tal. Quando viram o time, soltaram aquelas piadinhas, normais, a gente encarava... hoje você ficaria até mais ofendido, naquela época o racismo era muito mais agressivo, e nós rotulávamos como brincadeira. (REINALDO).

A forma como o futebol de várzea se organiza pressupõe a organização da classe trabalhadora de maneira abrangente, porque extrapola as relações estabelecidas dentro do campo no momento do jogo. Há uma interação entre diversos sujeitos que coletivamente criam um espaço de contestação aos padrões pré-estabelecidos. Diferente da formação dos times oficiais, na várzea, há um espaço de autonomia e de questionamento do real, que no caso do Negritude F. C. permitiu questionar o preconceito e a discriminação racial. Contudo, as contradições apareceram no modo como o grupo enfrentou as situações de discriminação étnico-racial. A maneira como o racismo opera no Brasil, via de regra, exige dos jogadores negros que “enfrentem” o racismo provando sua competência. Tal atitude visa diluir as

expressões do racismo, expressa na fala dos dirigentes que, em sua maioria, compreendem as atitudes como brincadeiras e fatos corriqueiros no futebol.

Toda vez que os participantes do time fugiam à regra de manter-se no lugar inferiorizado, eram considerados “metidos” em relação aos demais jogadores da várzea da região, outros times os consideravam “nariz-empinado”, e pessoas de difícil acesso, sendo que esta é outra forma de manifestação cotidiana do racismo:

Na verdade, é assim, o pessoal sempre achava que a gente era metidinho, que era neguinho doce, e na verdade não era nada disso, porque a gente sempre gostou das coisas certas, das coisas corretas, de andar sempre...pra você ter uma base, ninguém fumava e até hoje, 99% aqui do time, ninguém fuma, a cervejinha a gente toma com certeza. Então, a gente sempre foi, assim, pessoas bem estruturadas, eu pessoal falava pô, para entrar no Negritude lá é complicado; não era complicado, nunca foi complicado nunca foi, e até hoje. Na verdade, a gente chegava para jogar bola, não era de qualquer jeito (risos). E era interessante que quando um chegava com uma roupa diferente, um emprestava para o outro. Nossa! vou para tal festa, dá para emprestar essa calça, dá pra emprestar aquele sapato. E a gente, todo lugar que a gente ia – chegou os neguinhos metidos da Cohab, os neguinhos do negritude –. Mas, em nenhum momento da nossa história, a gente fechou as portas para ninguém (CAJU).

A reveladora fala do dirigente é carregada de diversas compreensões sobre a postura do negro no Brasil. Ser considerado “metidinho” pode significar o imaginário constituído sobre a condição e postura a ser assumida pelo negro. Se, ao longo dos quase 400 anos de escravidão, a população negra foi considerada objeto e/ou mercadoria de troca, destituída de humanidade, parece óbvio que o negro que não segue o padrão previamente constituído seja de alguma forma rotulado. Por outro lado, o próprio dirigente traz arraigada a imagem negativa sobre o negro e tenta se autovalorizar, ao reforçar questões diferentes, não fumam e bebem apenas “socialmente”, distanciando-se daquele ser negro ligado a práticas desautorizadas pela sociedade. Se pensarmos ainda no acesso precário à riqueza socialmente produzida, apresentar-se nos espaços públicos com roupas e calçados de melhor qualidade era interpretado como uma atitude esnobe.

O racismo se constitui como mecanismo prático-ideológico, que diferencia os seres humanos por sua condição étnica. De acordo com Guimarães *apud* Eurico (2013), “o racismo ocorre quando grupos humanos considerados raças ou identificados por traços raciais ou racializados (como a cor) são tratados de modo desigual do ponto de vista econômico, político, social e cultural”.

A fala de Caju nos faz refletir que o racismo no Brasil é cotidiano e contínuo, sem pausa e está presente, objetivamente, em todas as esferas da vida. O processo de

desenvolvimento e continuidade da cultura racista deu-se também pela ação dos aparelhos ideológicos (culturais, sociais e jurídicos, inclusive, coercitivas e violentas). A objetivação do racismo é percebida pela população, mesmo a que é diretamente atingida, contudo, a responsabilidade pelo racismo está sempre no outro:

O certo é que depois de quatrocentos anos de lavagem cerebral, o brasileiro médio tem um subconsciente racista. O preconceito de cor faz parte do seu cotidiano. Pesquisa realizada pelo jornal *Folha de S. Paulo*, em março de 1984, sobre o preconceito de cor constatou que 73% dos paulistanos consideram o negro marginalizado no Brasil, e 60,9% dizem conhecer pessoas e instituições que discriminam o negro. (MOURA, 1988, p. 99).

Se 73% dos entrevistados, à época, reconheciam que o negro era marginalizado, não é de se espantar que os jovens do Negritude fossem rotulados como metidos, pois sua postura destoava da imagem do jovem negro presente no imaginário social.

Em outra passagem, o entrevistado fornece exemplos substanciais acerca dessa afirmação, pois nos primeiros campeonatos e/ou festivais, o time se utilizava do transporte público para o deslocamento e neste meio de transporte tão popular e ocupado quase exclusivamente pela classe que vive do trabalho, eram comuns as situações de preconceito:

Olha só o constrangimento, na copa no CMTC Clube, quando nós pegávamos o ônibus com sacola, aquela negrada que já era tudo alto na época, o pessoal entrava assim olhava, mas já se distanciava, entendeu, e a gente sempre né manteve a nossa postura, independentemente de qualquer coisa, até mesmo no CMTC Clube quando a gente foi jogar – nossa senhora! – o pessoal torcia tudo contra, torcia contra porque todos nós éramos negros na época. (CAJU).

Talvez caiba aqui, uma abordagem do “nós éramos negros na época”, já que a colocação pode denotar uma situação bastante comum, que se refere à ideia do branqueamento simbólico. O fortalecimento da identidade negra no decorrer dos anos de existência do Negritude F.C. pode ter tido alterações a partir da consolidação do time, como se o fato dos dirigentes e demais organizadores terem construído um time tão organizado, destoasse do padrão de capacidade idealizado para os negros. Dito de outro modo: é comum no futebol que os negros estejam apenas em funções operacionais (jogadores) e não se encontrem em funções diretivas. Tal condição advém do racismo cotidiano que compreende a população negra como incapaz de assumir cargos que exijam a racionalidade.

Faz-se o destaque, pois a ideologia perpassa todos os segmentos e não somente os brancos, sendo comum a assimilação do negro dos ditames racistas, e no futebol, o chamado “negro de alma branca” está presente cotidianamente, haja vista a capacidade do futebol, em

algumas situações, contribuir significativamente para ascensão social do negro. Ao alterar seus rendimentos mensais, o jogador negro tornar-se-ia branco.

Tonini (2010, p. 365), em sua dissertação, entrevista jogadores de futebol negros que ascenderam socialmente e, em sua análise, considera que: “Está implícito o embranquecimento do negro através do futebol. Quanto mais reconhecidos na sociedade e subiam às camadas sociais, menos negros se tornavam e por menos situações discriminatórias passavam”. Por outro lado, é salutar que no decorrer da entrevista, o dirigente explique que na ocasião dos primeiros times do Negritude F.C., havia apenas um jogador branco; neste sentido, a frase estaria denotando objetivamente a formação do time, “todos éramos negros”.

Como time de várzea, o Negritude depende de doações, contribuições dos associados e patrocínios e o fato de estampar Negritude F.C., líderes negros e frases que fazem referência a resistências do povo negro, acaba por dificultar o acesso aos patrocínios. Entretanto, as situações de racismo mais frequentes ocorrem durante as partidas, independentemente da categoria esportiva, e são comuns brigas e desentendimentos dentro e fora do campo, após a identificação do racismo:

Esses dias atrás aí, a gente, categoria de base nossa foi jogar um... amistoso no Corinthians no Parque São Jorge e quase saiu uma confusão lá, uns torcedores deles o pai de algum moleque lá chamou nosso garoto ‘Vai, seu macaco’. Nossa! Foi terrível, uma confusão só, isso eu estou falando, foi ano passado. (CAJU).

Que é assim então, às vezes, a gente tá lá assistindo o jogo e a gente ouve assim, olha aquele negão lá, só dá pra enxergar o dente. Ou você ouve assim, que que foi, meu, tá com medo do negão, vai pra cima dele, a conotação que dá é pela etnia, é pela cor, não é por conta da habilidade do cara, entendeu? (ANGELA).

No Brasil, os contornos e configurações do racismo têm sua fundamentação na forma de produção que se utilizou do modo escravista para estabelecer suas bases de acumulação. Para manter um contingente populacional sobre a égide da escravidão era necessário, entre outras ações institucionais, a disseminação de uma ideologia que sustentasse a premissa de considerar o negro escravizado como coisa.

O escravizado circulava como mercadoria. Segundo Moura (2014), “esta mercadoria não era diferente dos sacos de café produzidos, portanto, os negros eram socialmente coisificados. Não possuíam seu corpo, diferente do trabalhador explorado que embora venda sua força de trabalho, porém, o corpo ainda lhe pertence. Na situação de escravizado, o outro é que lhe possui, obrigando-o a toda e qualquer ação de seu desejo; a propriedade sobre o escravo, portanto, é absoluta”.

No período de pós-abolição, mantiveram-se os mecanismos de reprodução das ideologias que inferiorizavam a população negra, entre eles, as teorizações acadêmicas eugênicas, de classificação das raças, que justificavam a “necessidade” de branqueamento da população brasileira, e assumiram um papel decisivo e influenciaram, em certa medida, alguns autores que hoje são considerados clássicos em matéria de futebol.

O Estado, por sua vez, a partir da força pública (polícia) e de legislações criminalizava qualquer tipo de atividade realizada pela população negra, fosse ela no âmbito das artes, dos esportes, da educação, assim como a simples presença de negros nas praças e logradouros etc. Um período quando se incentivou a imigração europeia para a formação de uma classe operária branca, fato, portanto, decisivo no que se refere à reprodução da vida da população negra, uma vez que parte destaseria alijada da atividade vital, do trabalho, mesmo este sendo explorado e alienado.

É imperioso ressaltar que este processo não ocorreu sem resistência e articulações políticas observadas na luta travada contra a opressão étnico-racial, como no caso da Revolta dos Males, na formação dos Quilombos, nas estratégias individuais de sobrevivência, nas fugas, que contribuíram significativamente para a formação do movimento negro e de esquerda no Brasil.

Portanto, é fundamental discutir a estreita relação das configurações étnico-raciais postas no Brasil desde a escravidão, e seus rebatimentos na configuração do futebol brasileiro. Isso não quer dizer que outros autores já não se debruçaram sobre a temática, até porque, como bem define Ianni (1996, p. 23), “todos os que se preocupam em compreender as peculiaridades da sociedade brasileira, em diferentes momentos da sua história, se defrontam com a problemática racial”.

No entanto, o exercício a ser feito aqui é elaborar uma análise crítica de como a participação do negro no futebol foi negada ou reforçada pelos estudiosos da temática. Se analisarmos as práticas consideradas oficiais, presentes na historiografia, o preconceito e a discriminação em suas inúmeras vertentes, ora explícitas ora veladas, estão presentes desde sua constituição enquanto esporte.

No que se refere precisamente ao racismo, há uma lacuna nas produções acadêmicas<sup>39</sup>,

---

<sup>39</sup> O estudo realizado por Giglio e Spaggiari (2010), quanto à produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil, evidenciam que as produções e debates acerca do tema “relações étnico-raciais” principalmente no que se refere à inserção do negro no futebol, configuram-se como tema de análise. Os autores indicam que houve publicações de revistas científicas, principalmente nas décadas de 1990 e 2000, tendo como centralidade as relações étnico-raciais. Ao analisar as décadas anteriores, os autores relatam que as primeiras produções



geralmente a participação do negro no futebol e as formas de racismo, aparecem como algo passado, e/ou pontual e, muitas vezes, são utilizadas referências bibliográficas que na sua constituição representam a reprodução do racismo e não sua problematização.<sup>40</sup>

Perceber as condições reais e concretas a que está subsumida a população negra brasileira não recebe a necessária importância que deveria, reflexo também do desenvolvimento do racismo no Brasil. O aprofundamento das relações racistas presentes no cotidiano de negros e negras brasileiros não assume importância ou centralidade nas sociologizações e tentativas de explicação sobre o “fenômeno” futebol. São encontradas na maioria dos estudos descrições da presença negra na formação histórica do futebol, porém, desde Mario Filho, o que aprofundaremos mais adiante, aos mais eruditos estudiosos do esporte dos pés, a sua participação está plasmada em dois períodos determinados: o primeiro refere-se ao início da participação dos jogadores negros nos times; o segundo, que não está separado do primeiro – e aqui faz-se essa distinção apenas no sentido pedagógico – está na formação do estilo de jogar do brasileiro, chamado de futebol “arte”. Os autores afirmam que a malandragem, a ginga, a improvisação e a irracionalidade são construtos genéticos do negro e essas características deram forma ao estilo brasileiro de jogar.

No início do século XX, como dito anteriormente, os clubes aristocráticos passam a incluir a modalidade futebol como uma das atividades de lazer. Alguns times formaram-se independentemente dos clubes, entretanto, o atributo mais comum nesta época entre os times eram as características dos jogadores, todos eram pertencentes à elite branca brasileira, estudantes de engenharia, medicina, direito, que dividiam seu tempo entre os estudos e a prática do futebol. No entanto, no Rio de Janeiro, o Bangu Atlético Clube, diferenciava-se, por ser um time formado pelos funcionários da Fábrica Bangu:

O que distinguia o Bangu do Botafogo, do Fluminense, era o operário. O Bangu, clube de fábrica, botava no time em pé de igualdade com os mestres ingleses. O Botafogo e o Fluminense, não, nem brincando, só gente fina. Foi a primeira distinção que se fez, entre clube grande e pequeno, um, o clube dos grandes, o outro o clube dos pequenos. (FILHO, 2010, p. 43).

---

científicas sobre futebol tratavam da temática, porém, o artigo não aprofunda de que maneira o tratamento das relações étnico-raciais está posto nestes estudos. Como anexo, o artigo apresenta uma tabela com toda a produção acadêmica sobre o futebol entre 1990 e 2009 e, a partir deste levantamento, realizamos uma análise apenas quantitativa pelos títulos dos trabalhos. Foram contabilizadas, onze produções sobre o racismo e as relações étnico-raciais, e destas, duas tratam especificamente sobre a questão indígena, entre 332 produções.

<sup>40</sup> Cabe o destaque ao autor Marcel Diogo Tonini, que produziu sua dissertação de mestrado e tese de doutorado exclusivamente sobre o racismo no futebol, obras fundamentais para subsidiar tanto pesquisas sobre futebol, quanto a outras áreas do conhecimento, pelo seu amplo debate e fundamentação sobre as expressões do racismo no Brasil. Outro autor que se debruçou sobre o tema foi José Paulo Florenzano, que em seus estudos coloca a questão étnico-racial como forma privilegiada de análise. Os dois autores, portanto, destoam da afirmação proferida anteriormente.

O terreno cedido pela Companhia Progresso Indústria do Brasil facilitava que as partidas e os treinos ocorressem ao lado das oficinas de trabalho. Mas o Bangu A.C., era uma exceção, se pensarmos os times paulistas e cariocas da época. Não só foi exceção quanto assumiu uma postura crítica, frente ao posicionamento racista da liga que organizou o campeonato carioca em 1907:

A diretoria do Bangu recusou-se a aceitar o regulamento que proibia a inscrição de jogadores ‘de cor’. Contando com associados de origem operária com jogador negro Francisco Carregal, o clube retirou-se da liga sob protestos, só retornando cinco anos depois. (FRANCO, 2007, p. 67).

Tal atitude mostra a possibilidade de ruptura com as formas de organização pré-estabelecidas a postura ética denota exatamente a suspensão do cotidiano, na medida em que os times “oficiais” corroboravam com práticas racistas consubstanciadas pelo cotidiano repetitivo de subsunção da população negra. O Bangu A.C. subverteu a lógica, tão defendida até então. Já identificamos aqui a presença do negro em um dos primeiros times de futebol, porém, não reconhecido como sujeito histórico e sua presença, todavia, não trará igualdade em relação ao jogador branco, ao contrário, ele estará exposto a diversas situações de preconceito e discriminação.

Lembramos que a facilidade da prática do futebol, ou seja, um esporte que não necessita de equipamentos caros, ou espaços específicos, tornou sua popularização inevitável. A prática “oficial” do futebol divulgada e estimulada estava monopolizada pela classe burguesa, no entanto, era impossível manter o monopólio. Nesse sentido, a participação do trabalhador e do trabalhador negro no futebol pode ser datada desde o início do futebol no Brasil.

Os times da elite contavam desde o começo com jogadores negros; no Fluminense Football Club, por exemplo, ocorreu uma das histórias mais emblemáticas de racismo e discriminação. Com a utilização de “pó de arroz”, pelo jogador Carlos Alberto, havia uma tentativa de disfarçar a cor da pele, porém, em uma partida entre Fluminense e América, a torcida não poupou o jogador, com gritos “pó de arroz”, denunciando sua presença em campo. Por mais que o site oficial<sup>41</sup> negue a situação de racismo e afirme que o pó era utilizado pelo jogador como tratamento pós-barba, o fato é que entre os jogadores negros que compunham os times de elite, a prática de utilizar “pó de arroz” e/ou instrumentos que alisassem o cabelo era comum; caso fosse diferente e o cosmético fosse apenas para tratar a pele não teria sentido

---

<sup>41</sup> Disponível em: <<http://www.fluminense.com.br/site/futebol/2015/05/13/conheca-a-verdadeira-historia-sobre-a-origem-do-po-de-arroz/>>. Acesso em: 7 jul. 2017.

a torcida gritar “pó de arroz”, como forma de ofensa. Outro ponto a ser considerado, é que no próprio Fluminense, além do pó de arroz, os jogadores negros, considerados funcionários, eram proibidos de frequentar a sede social do clube bem como todas as atividades oficiais para além dos gramados:

Hércules de Miranda, que por volta de 1930 até 1940, foi reiterada vezes campeão brasileiro. [...] Convidado pelo Fluminense, foi para o Rio, fechou um contrato de 15.000 mil-réis, além de um salário mensal de 1000 mil-réis, alojamento assistência e os prêmios usuais. Ao lado disso, trabalhava no escritório de um diretor do Fluminense (salário: 600 mil-réis, naquele tempo uma situação esplêndida). Em 1939, casou-se (sua esposa é branca e era naquela época sócia do Fluminense) mas como funcionário do clube, no entanto, ele não tinha acesso às reuniões sociais. (ROSENFELD, 1993, p. 92-93).

As tentativas de esconder os traços étnico-raciais não eram privilégio de Carlos Alberto: o jogador Friedenreich era sempre o último a entrar nas partidas por passar horas a alisar o cabelo com ferro quente:

Friedenreich, de olhos verdes, um leve tom de azeitona no rosto moreno, podia passar se não fosse o cabelo. O cabelo farto, mas duro, rebelde. Friedenreich levava, pelo menos, meia hora amassando o cabelo. Levava tempo. Embora principiasse quanto estava jogando o segundo time, só terminava quase meia hora da saída do jogo do primeiro time. O juiz impaciente, ameaçando começar a partida sem Friedenreich, e Friedenreich lá dentro, no vestiário, a toalha amarrada na cabeça, esperando, ainda desconfiado de que não chegara a hora de tirar o turbante. (FILHO, 2010, p. 61).

Arthur Friedenreich jogou em vários times paulistas; filho de uma empregada doméstica negra e de um alemão, tinha a pele clara e os olhos verdes, no entanto, seu fenótipo não o impedia de ser identificado como negro, mesmo com o processo cosmético de alisamento, sua identidade étnico-racial era negra. Vale lembrar que a tentativa de alteração estética não é de inteira responsabilidade dos jogadores negros, e sim, reflexo da disseminação ideológica que considerava, inclusive biologicamente, a inferioridade negra. A contradição entre a não aceitação do negro nos times e sua efetiva presença era latente, em São Paulo, por exemplo, no ano de 1911: “O clube campeão do ano anterior, o A.A. das Palmeiras, retirou-se da disputa alegando que o Germânia escalara um jogador de forma irregular e recusou-se a entregar o troféu ao São Paulo Athletic Club, o novo campeão”. (FRANCO, 2007, p. 66).

Havia neste momento uma mistura, entre a proibição de jogadores negros e a proibição de jogadores que recebessem algum tipo de gratificação para jogar, o que descaracterizaria a condição de esporte amador. As duas condições se misturavam, pois, na maioria das vezes, os jogadores negros eram quem recebiam as remunerações para participar das partidas. É

possível enumerar diversas situações em que as ligas com suas equipes de fiscalização, dirigiam-se às fábricas para confirmar se o jogador realmente trabalhava, pois não era permitido ter jogadores que não estivessem no mercado formal de trabalho. O Vasco da Gama, por exemplo, era o time que mais tinha negros e operários e se utilizava dos comércios dos portugueses que compunham o clube para forjar fichas de emprego. Os mesmos comércios “pagavam” os jogadores, após as vitórias com porcos, galinhas, bois e pode ter vindo daí a expressão “bicho” presente até os dias atuais.<sup>42</sup>

Outra regra que se misturava entre racismo e profissionalização era a exigência de que os jogadores fossem alfabetizados, assim, em muitos clubes os jogadores treinavam à exaustão a assinatura do nome, pois no início de cada partida os jogadores eram obrigados a assinarem a súmula da partida:

Uma das barreiras mais importantes que dificultou a ‘ascensão’ (para a divisão superior) dos círculos proletários e de cor foi seu analfabetismo. Muitos clubes viram-se forçados a contratar professores para ensinar o á-bê-cê a seus jogadores. [...]. Logo impuseram-se também visitas de controle nas firmas, onde segundo informação do clube, os jogadores X e Y estariam empregados. (ROSENFELD, 1993, p. 83-84).

Devemos ressaltar, por ora, que as contradições postas na sociedade pós-escravocrata, fez com que estas expressões aparecessem com diversas justificativas menos como a constatação do racismo. Podemos considerar, portanto que o racismo no futebol brasileiro não se configura como fato isolado. O não reconhecimento do negro como legítimo jogador, e parte constituinte do futebol como sujeito histórico, estava consubstanciado pelas relações étnico-raciais presentes na sociedade brasileira.

É importante destacar, então, que as formas de racismo presentes não eram meros caprichos e/ou irracionalidades dos diretores, dos times ou das ligas, tampouco os insultos ecoados pelos torcedores nas arquibancadas, significavam tão somente o calor do jogo, mas sim, expressavam uma postura racista e de classe, que tinha apoio e fundamentação legal, jurídica e teórica.

Quanto às fundamentações teóricas, havia uma tentativa de justificar a questão social que se impunha aos negros e negras. A ideologia eugênica fundamentava os escritos da época, e a defesa do branqueamento e da miscigenação estavam presentes como solução para a identidade nacional. Moura (1989) assevera que os estudos sobre os negros nos seus diversos aspectos: “Está comprometido por uma ideologia racista racionalizada, que representa os

---

<sup>42</sup>O bicho refere-se à quantidade de dinheiro oferecido aos jogadores, quando ganham uma partida decisiva e/ou campeonato (FRANCO, 2007, p. 72).

resíduos da superestrutura escravista, e ao mesmo tempo, sua continuação, na dinâmica ideológica da sociedade competitiva que a sucedeu”.

As formulações teóricas que defendem a inferioridade biológica do negro irão fundamentar o pensamento e as ações racistas, referentes ao jogador negro, além de ser referência das primeiras teorizações sobre a participação do negro do futebol.

No que se refere às determinações jurídicas e/ou políticas, temos como exemplo a ordem do então presidente da república, Sr. Epitácio Pessoa, que após reunião decidiu que não poderia haver jogadores negros no selecionado brasileiro que iria representar o Brasil na Argentina, em 1920. Os negros não eram considerados sujeitos, mas o real dava provas contundentes do seu contrário, seja na resistência permanente da produção negra, seja no próprio futebol, onde a habilidade no jogo dos pés tornava ídolos os jogadores negros.

### **1.5 Mario Filho como referência sempre presente**

Mario Filho é considerado o primeiro teórico sobre o futebol, entretanto, a disseminação de seus escritos fez com que pesquisadores elaborassem críticas contundentes, questionando inclusive sua veracidade. O autor foi um dos precursores do jornalismo esportivo e sua produção se faz presente na quase totalidade das pesquisas sobre futebol.

Filho de Mario Rodrigues, proprietário do jornal *A manhã*, iniciou sua carreira como repórter. Tempos depois, a família perdeu a propriedade desse jornal, porém, lançou o periódico intitulado *A Crítica*. Com o falecimento do irmão e do pai, Mario Filho assumiu o jornal e passou a publicar a cobertura das partidas de futebol carioca. Com o fechamento do jornal, Mario Filho criou o *Mundo Esportivo* composto por páginas e páginas destinadas a comentar, discutir, divulgar o futebol. Influente na área, defendeu o profissionalismo e teve papel fundamental na defesa da construção do estádio Maracanã, que leva seu nome, para a realização da Copa do Mundo de 1950.

O que nos interessa, aqui, é o fato de sua produção jornalística e acadêmica atravessar os anos e contribuir significativamente para as elucubrações sobre o futebol, a partir da reprodução ideológica do racismo. Sua elaboração teórica tem como principal expoente o livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, publicado em 1947, prefaciado por Gilberto Freyre,

fato-chave para sua análise. Freyre ressaltou o mérito da obra ao defender a importância do futebol no Brasil:

[...] creio não dizer novidade nenhuma repetindo que por trás da instituição considerável que o futebol tornou-se em nosso país se condensam e se acumulam, há anos, velhas energias psíquicas e impulsos irracionais do homem brasileiro em busca de sublimação. (FREYRE apud FILHO, 2010, p. 10).

Mais adiante, o autor vai detalhar a referida irracionalidade do homem brasileiro, denominando esta que poderia ser substituída sem qualquer prejuízo de alteração do significado por: *homem negro*. E prossegue: “...principalmente mestiços ou de cor, mais transbordantes de energias animais ou de impulsos irracionais. Dessas energias e desses impulsos, alguns eram no sentido sadista, outros masoquistas” (p. 9).

Outra afirmação seria a possibilidade do negro, principalmente o homem negro, de realizar uma atividade de aceitação social, e não atividades “criminosas” e proibidas pelo Estado:

[...] as cavalgadas, as corridas atrás de bois, as caçadas, as pessoas, as noites inteiras de samba ou de dança extenuante, as largas caminhadas pelos sertões, a caça aos índios ou negros fugidos, a fuga dos negros aos feitores ou à melancolia da rotina agrária dos engenhos e fazendas – não se degradam moral ou socialmente em proezas como as do cangaço ou nos rabos-de-arraia da capoeiragem, célebres na história da sociedade brasileira. Espécies de esportes inteiramente irracionais. (FREYRE apud FILHO, 2010, p. 9).

A explicação vai se adensando ao longo do prefácio para concluir que o desenvolvimento do futebol, como uma “instituição nacional” teria a função social de condicionar os impulsos “irracionais” e garantir que principalmente a capoeiragem e o cangaço não viessem a se tornar, nas palavras de Freyre, num “gangsterismo urbano”:

Sublimando tanto do que é mais primitivo, mais jovem, mais elementar, nossa cultura, era natural que o futebol, no Brasil, ao engendrar-se em instituição nacional, engrandecesse também o negro, o descendente do negro, o mulato, o cafuso, o mestiço. E entre os meios mais recentes – isto é, dos últimos vinte ou trinta anos – de ascensão social do negro ou do mulato ou do cafuso no Brasil, nenhum excede, em importância o futebol. (apud FILHO, 2010, p. 8).

Estão aí postas algumas bases que fundamentam a literatura sobre o futebol, uma vez que a ginga e malandragem presentes no samba e na capoeira se transmutariam na habilidade de jogar futebol, e este seria, portanto, a “salvação” para a população negra.

Trata-se de uma elaboração ancorada na premissa de que os negros seriam irracionais, e suas atividades seriam moral e socialmente condenáveis por trazer prejuízo à sociedade

brasileira. A ginga e a malandragem, atribuídas como características natas da população negra darão origem ao futebol “arte”. Contribuindo assim para a formação do estereótipo que se configura na impossibilidade do(a) negro(a) realizar qualquer outro tipo de atividade a não ser o futebol e depois o carnaval.

Permeada por relatos de jogadores, técnicos, cartolas entre outras pessoas envolvidas diretamente com o futebol, Filho irá descrever com detalhes fatos ocorridos nos primórdios do futebol brasileiro, principalmente nas décadas de 1930 e 1940. Contudo, tais descrições não são despretensiosas e sem um objetivo previamente ideado, os fatos explanados carregam em si a fundamentação do prefaciador. Dois capítulos são emblemáticos: *A ascensão do negro e A vez do preto*, os escritos certos por linhas retas, trazem em seu bojo situações de racismo, mas que na forma apresentada não constitui necessariamente a condição real e objetiva da população negra, pós-processo de escravidão.

Longe de ter a pretensão de aprofundar o tema racismo, tampouco suas relações no Brasil, o autor em tela trata de listar situações ocorridas no futebol que remetem ao leitor uma apreensão de que o racismo não é racismo, e sim, atitudes originadas quando os dirigentes dos times não alcançavam seu objetivo, ou os torcedores quando viam seus times derrotados. Assim, quando um dirigente acusava um jogador de “negro sujo”, isso não queria dizer necessariamente que estava sendo racista e, sim, que estaria “irritado” com a atitude do jogador em não aceitar jogar no escrete, como ilustra o trecho a seguir:

O América chegava a se esquecer de que tinha negros no time. Procurava uma maneira de ofender Leônidas, e lá vinha a cor. Moleque, preto sem-vergonha, negro sujo. E a consolação filosófica do ditado: negro quando não suja na entrada suja na saída. E os pretos do América? Os pretos do América não se ofendiam, sabiam que não era com eles. A prova de que não era com eles: o América não os mandava embora, estava satisfeito com eles. Se Leônidas estivesse no América não seria moleque, preto, sem-vergonha, negro sujo. Era tudo isso porque ficara no Bonsucesso, não fora para o América. (FILHO, 2010, p. 188).

O autor faz crer que o futebol é ferramenta fundamental para a união de negros e brancos, pobres e ricos. Ele não utiliza, em seus escritos, a denominação “democracia racial”, mas utiliza-se de alguns eventos emblemáticos, onde negros estavam junto com brancos, para dizer sem dizer. Sua obra é uma afirmação de que os times exerceriam a feliz capacidade de integração étnico-racial.

Com que Mario Filho não contava era que a Copa de 1950 traria os elementos necessários para que sua teorização fosse considerada incapaz de explicar a situação social do

negro no futebol. O Brasil perdeu para o Uruguai na partida final e a culpa da derrota caiu sobre três jogadores negros: Juvenal, Bigode e Barbosa:

Vejam o coro da torcida [...]que esbravejavam, batendo no peito, apontando para o campo, uns acusavam Flávio Costa. Mas quase todos se viravam era contra os pretos do escrete. – O culpado é o Bigode, o culpado é o Barbosa. – Enquanto dependermos do negro vai ser assim. Bigode e Barbosa tiveram de sair quase escondidos do Maracanã. (FILHO, 2010, p. 102).

Nessa época, Leônidas da Silva já havia se consagrado como ídolo brasileiro, considerado o melhor jogador da Copa de 1938, era o principal garoto propaganda da época<sup>43</sup>, tinha inúmeras posses, casas de aluguel e uma fortuna acumulada. O que só reforça que a ascensão defendida pelos autores citados diz respeito apenas a alguns jogadores e, no máximo, a suas famílias, e que tal ascensão financeira é incapaz de alterar o movimento da história, uma vez que se trata de uma possibilidade individual. As relações racistas cotidianas ultrageneralizadas não se alteraram com sua “ascensão” ao contrário, suas expressões estavam cada vez mais perversas e foram expostas na final de 1950.

A exaltação de Mario Filho, como principal autor sobre o futebol, revela a expressão da ideologia dominante, o conservadorismo e o trato do real de forma fenomênica e puramente abstrata. Porém, não podemos desconsiderar a obra produzida por Mario Filho, e seu estudo é fundamental para compreender algumas construções teóricas largamente divulgadas, e que no limite consideram o fim do racismo no futebol. Contudo há iniciativas e produções teóricas que se contrapõem a tal assertiva e que ao longo dos anos, têm contribuído para a denúncia do racismo e propondo alternativas para sua superação.

Em contraposição aos escritos de Mario Filho, outro autor bastante citado nas produções acadêmicas e que contribuiu significativamente com as temáticas propostas nesta pesquisa é Lima Barreto, vastamente citado em trabalhos destinados ao futebol. Entretanto, há certo tom pejorativo ou descrente de sua cientificidade, talvez pela acidez de sua crítica ao esporte e seu posicionamento contra o futebol.

## **1.6 Lima Barreto e atualidade de sua crítica**

Lima Barreto é comumente citado como autor contrário ao futebol. E contra essa

---

<sup>43</sup> O chocolate “Diamante Negro” foi uma homenagem a Leônidas da Silva, considerado o melhor jogador da Copa de 1938. Seu apelido, no auge da carreira, era “Diamante Negro”.



afirmação não há argumentos, tanto assim que, em 1919, fundou a “Liga contra o Football”. Lima não estava sozinho nessa empreitada, contava com o apoio de Mario de Lima Valverde, Antônio Noronha Santos e Coelho Cavalcanti. A liga seria responsável por elaborar o que podemos chamar de uma contraideologia, frente às fundamentações que as elites articuladas ao Estado vinham propagando. Pretendia-se fazer um contraponto da divulgação do futebol enquanto possibilidade, frente à questão social posta: “não é só aqui no Rio que o maravilhoso jogo vai nos fazer derrotar todos os nossos inimigos, inclusive a carestia da vida”<sup>44</sup>

É salutar destacar que as produções de Lima Barreto enfrentavam resistência nos círculos acadêmicos, e não seria diferente com as produções sobre o futebol. Inspirado em Dostoiévski, e se autointitulando um “snob anarquista”<sup>45</sup> tinha como palco de sua obra o “subúrbio carioca” e a crítica realista misturava ficção e realidade:

As separações canônicas entre ficção e não ficção, realidade e imaginação, são muitas vezes fugidias, e tal perfil fica ainda mais claro no caso dos ‘contos’ de Lima Barreto, que na obra do autor misturam-se [...]. Por outro lado, ainda em vida, o autor foi criticado ou considerado pouco ‘criativo’, uma vez que estabelecia constantes paralelos com o momento em que viveu ou com sua biografia. (SCHWARCZ, 2010, p.23).

O livro *Feiras e Mafuás* é emblemático no que se refere à narrativa do cotidiano, e suas experiências são o caldo da sua produção literária. A desavença com a Academia não tem relação exclusiva com a técnica de escrita empregada pelo literato, mas, pelo seu conteúdo ácido e incisivo contra as elites e as formas subservientes do Estado na manutenção da ordem estabelecida. Enquanto a Academia, ancorada nas teorias europeias, divulgava a superioridade dos brancos, Lima foi pioneiro em produzir obras capazes de dignificarem a população negra. Os negros e negras passaram a ter centralidade como personagens ficcionais e como seres humanos na sua individualidade (MOURA, 1989, p. 21). Podemos considerá-lo, portanto:

Não como ‘testemunho’, no sentido de só dizer ‘verdades’ sobre seu contexto, mas antes como ‘um termômetro em temperatura elevada’. Ele denunciou como poucos as falácias da modernidade, a violência das práticas policiais, os costumes importados, as modas fúteis e os processos acelerados de exclusão social. (SCHWARCZ, 2012, p. 68).

Dito isso, o futebol não poderia estar de fora de suas elaborações, por se constituir já

---

<sup>44</sup>Vidas Urbanas Biblioteca Nacional. Disponível em:

<[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=2171](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2171)>. Acesso em: 7 ago. 2015.

<sup>45</sup> Crônica publicada no livro *Feiras e Mafuás*, com o título *Palavras de um snob anarquista*, o fulcro da crônica são as comemorações do 1 de Maio, e a posição do jornalista frente a luta dos trabalhadores. Lima Barreto, intitulava-se anarquista e justifica: *As condições, portanto, da civilização do Brasil, quer as econômicas, quer as morais, quer as de território, justificam que haja quem desinteressadamente, brasileiro ou não, seja anarquista.* (BARRETO, 1953, p. 220).

nas primeiras décadas do século XX, como atividade capaz de mobilizar os trabalhadores, e sua institucionalização não estaria fora do cotidiano, tampouco desconectada da questão social:

Nestes dias de centenário festejados faustosamente em meio da maior miséria, há que concluir que este nosso Rio de Janeiro não é o paraíso do jogo do bicho, a retorta monstruosa da politicagem, a terra dos despautérios municipais e de poetas. Concluirá que é um imenso campo de football. (BARRETO, em *Vidas Urbanas*).<sup>46</sup>

Ou seja, para compreender a crítica de Lima Barreto sobre futebol, faz-se necessário compreender o conjunto de sua obra, sua capacidade de abstrair da eminência do cotidiano as categorias fundamentais de análise.

Em entrevista concedida ao *Rio-Jornal*, Lima Barreto expôs os pilares de sustentação da liga, e consequentemente da sua crítica em relação ao futebol. É nítido que as argumentações não são destinadas à prática esportiva isolada de seu contexto, mas suas implicações no que se refere aos praticantes, e quanto a sua institucionalização como algo exclusivamente benéfico. Sobre a discriminação de classe e raça impressa nos clubes de elite:

Os grandes clubes daqui aqueles que têm para cerimoniais o caucásico Coelho Neto, são portadores de uma pretensão absurda, de classe, de raça etc., você não pode negar isto!

[...]

Está aí uma grande desvantagem social do nosso football. Nos nossos dias em que, para maior felicidade dos homens, todos os pensadores procuram apagar essas diferenças acidentais entre eles, no intuito de obter um mútuo e profundo entendimento entre as várias partes da humanidade, o jogo do pontapé propaga a separação e o governo subvenciona (BARRETO, 1998, p. 306).

Na crônica “Bendito Futebol” o autor trata especificamente do racismo, sua exposição parte do discurso oficial de políticos e teóricos, que apresentava o futebol como responsável pela integração nacional e coesão moral. Era comum o reforço da capacidade do futebol em unir a população brasileira, independentemente da classe social ou raça, no entanto, como já referido, a participação de jogadores negros no selecionado brasileiro, que representaria o Brasil num campeonato disputado contra a Argentina foi oficialmente barrada, pelo então Presidente da República, o que escancarava a falácia da integração via o esporte:

S. Excia. que está habituado a resolver questões mais difíceis como sejam a cor das calças com que os convidados devem comparecer às recepções de palácio; as regras de precedência, que convém sejam observadas nos cumprimentos a pessoas reais e principescas, não teve dúvida em solucionar a grave questão. Foi sua solução que gente tão ordinária e comprometedora não devia figurar nas exportáveis turmas de jogadores; lá fora, acrescentou, não se precisava saber que tínhamos no Brasil

---

<sup>46</sup>*Ibid.*, p. 220.

semelhante esterco humano. (BARRETO, *Vidas Urbanas*).<sup>47</sup>

A crítica ao racismo elaborada pelo autor consubstancia nossa argumentação nesta pesquisa que compreende que o racismo, presente no futebol, está diametralmente relacionado com a forma como está estruturado o racismo na sociedade. Inclusive, é possível perceber como o autor identifica as teorias eugênicas da época na fundamentação do racismo no futebol. Na obra *Cemitério dos Vivos* estão descritas as formas como é tratada a população negra: “tudo é negro, por conta da pigmentação negra de uma grande parte dos doentes... Negro é a cor mais cortante, mais impressionante... esses eram meus tristes companheiros de isolamento e de segregação social”(BARRETO, 2010, p.74).

Aqui se faz presente não somente a crítica no que se refere ao tratamento propriamente dito, mas também à lógica de segregação social à qual era submetida a população negra, uma vez que era uma estratégia de controle a internação compulsória de negros presentes nos logradouros e espaços públicos. Iniciavam-se os estigmas de que a população negra seria biologicamente propensa ao alcoolismo, ao transtorno mental e à vadiagem. Outra contribuição que podemos elucidar são as argumentações referentes às subvenções do Estado, aos clubes de futebol, e as isenções fiscais concedidas em detrimento do investimento às produções artísticas, culturais, educacionais etc.:

Os nossos edis, tendo em conta esse aspecto de beleza do nosso football, isentaram-lhe de impostos, enquanto sobrecarregam os outros divertimentos de ônus asfixiantes, entretanto, uma função de football rende às mais das vezes, uma fortuna, sem despesa alguma, enquanto diversões outras...

[...]Ele se esquece de estimular os poetas, os músicos, os artistas naturais ou filhos adotivos da cidade que representa; mas em compensação, das ‘arras’ de sua admiração pelos exímios ‘pontapedistas’ de toda a parte do mundo. É mesmo essa função de uma municipalidade. (BARRETO, *Vidas Urbanas*).<sup>48</sup>

Eu tratarei da minha, no que tenho apoio de todos, pois nenhum de nós está disposto a admitir que o Brasil pague impostos para o governo obter dinheiro e ele venha dar um pouco desse dinheiro à sociedade dos que cavam a separação, não só das divisões políticas da nação, mas entre os próprios indivíduos desta nação. Você pode dizer que nós não estamos dispostos a consentir que se forme à custa dos contribuintes, uma aristocracia, que se baseia nas habilidades dos pés... Representaremos ao Congresso. (BARRETO, 1998, p. 307).

Outra vertente, presente nas crônicas destinadas ao futebol, alude a esse esporte como forma privilegiada de boa saúde e vitalidade do corpo do que, em consequência, a mente seria beneficiada:

---

<sup>47</sup>*Ibid.*, p. 220.

<sup>48</sup>*Ibid.*, p. 220.

Não é só aqui no Rio que o maravilhoso jogo que vai nos fazer derrotar todos os nossos inimigos, inclusive a carestia da vida, manifesta a sua capacidade de dar saúde e robustez à nossa mocidade.

Diabo! Uma alimentação sadia, uma habitação higiênica, um bom clima agem tão eficazmente sobre o nosso organismo como umas marradas ou uns pontapés dominicais, debaixo de um Sol ardente – não acham? E o dinheiro, dado para isto é mais empregado naquilo – penso eu. (BARRETO, *Vidas Urbanas*).<sup>49</sup>

Em alguns momentos o autor se utiliza de notícias quanto à morte e contusões físicas de praticantes do futebol sejam eles pertencentes a times oficiais ou meros praticantes ocasionais, para justificar os malefícios à saúde. Tais questionamentos, assim como nas críticas anteriores, se relacionam com a questão social e um incentivo ao esporte em detrimento da superação das necessidades básicas postas.

As argumentações não se mantiveram em razão de sua morte precoce, em 1922, aos 41 anos, porém a atualidade das questões apresentadas nos dá pistas quanto à necessidade de silenciar e estigmatizar sua obra. No que se refere às subvenções públicas e ao racismo, Lima Barreto foi capaz de antever o que se perpetuaria por toda a história do futebol. Os breves apontamentos aqui expostos não são capazes, contudo, de representar a grandeza do pensamento e o aprofundamento teórico que compõem sua obra, mas traz à baila questões importantes nem sempre consideradas quando se questiona o posicionamento do autor quanto ao futebol. O valor de Lima Barreto está, portanto:

De um lado, por se situar, com uma intencionalidade acirrada pelas circunstâncias, o centro das trocas entre literatura e vida – em autoexposição que se expandiu do texto para as ruas onde apresentou, a um Rio de Janeiro paroquial, a crítica ao diaadia da cidade e do país e o desaprumo do corpo após a longa ronda pelos bares; de outro, por não apenas protagonizar mas contar, com raro detalhamento narrativo, o pontodevista do perdedor no conflito entre arte e mercado. (BARRETO, 1998, p. 15).

### **1.7 Manutenção e acirramento do racismo no futebol atual**

Partimos da seguinte afirmação: *No futebol não mais existe racismo*. A constatação está presente tanto no senso comum quanto em grande parte das produções acadêmicas que pretendem explicar a prática lúdica. Teses e dissertações das mais variadas áreas do conhecimento, livros, revistas científicas, mesmo as que colocam o racismo como

---

<sup>49</sup>*Ibid*, p. 220.

centralidade da análise, e se posicionam favoráveis ao enfrentamento em suas várias expressões, são enfáticos em concluir que o futebol proporciona a integração racial e de classe, representa a democracia racial e, no limite, seria uma exemplar escola da democracia. A partir da articulação de conhecimentos “científicos” e “acontecimentos” cotidianos, constroem-se conceitos teóricos que eliminam, ao menos nas páginas, o racismo no futebol. As citações a seguir podem exemplificar com maior precisão:

A chamada ‘integração racial’ no futebol não aconteceu sem resistências. Foram registradas várias práticas ostensivas de racismo e ódio de classe no curso de sua história. Essas práticas foram banidas apenas na medida em que os times da elite e da alta sociedade tiveram que se curvar aos talentos extraordinários de jogadores não brancos.(NASCIMENTO, 2013, p. 47).

[...]A importância política, econômica e social da projeção social de jogadores de origem pobre, negros e mestiços, como Friedenreich, Leônidas, Domingos da Guia, Garrincha, Pelé e Ronaldo, conhecidos como lendas vivas do futebol mundial constitui fato altamente relevante no país que só aboliu legalmente o trabalho escravo em 1888 e no qual grande parte da população, pobre e mestiça, ainda hoje sofre discriminação. (NASCIMENTO, 2013, p.47).

Mostrando mais uma vez a existência do racismo, agora comprovado documentalmente, um ofício assinado pelo presidente da Amea, declarando publicamente que se negava a participar da nova entidade. Esse documento histórico, transcrito abaixo, teria dado origem à extinção do racismo no futebol. (SILVA, 2009, p. 89).

As argumentações de Nascimento e de Silva partem do pressuposto de que o racismo esteve presente na história do futebol, no entanto, considera que tais práticas foram abolidas. Os dois autores podem ser classificados como críticos do racismo e que, no limite, realizam alguns questionamentos à organização atual do futebol brasileiro, enquanto produto capitalista de consumo.

Na primeira citação, por exemplo, o verbo está conjugado no passado, “*foram registradas*”, desse modo, não se registram mais, pois afinal as “*práticas ostensivas*” foram “*banidas*”. O autor explica que a conjugação no tempo passado se justifica pelo fato dos times terem se curvado ao “extraordinário talento dos jogadores não brancos”, assim, a capacidade individual de cada jogador foi capaz de extirpar as relações racistas. Ou seja, a não aceitação dos negros nos times se dava exclusivamente ou pelo fato de não existirem negros “extraordinários” ou pelo fato dos dirigentes estarem distraídos para os referidos talentos.

A inserção e aceitação dos negros nos times “aristocráticos” possibilitaram a “ascensão social”<sup>50</sup> de alguns poucos negros, sendo que essa ascensão nem sempre se manteve por toda a vida do jogador, mas para Nascimento (2013) constitui enorme relevância e importância econômica, política e social.

Sem aprofundar quais seriam as rupturas objetivas dessa ascensão social, pode-se inferir que a participação dos jogadores negros no futebol e sua ascensão são os fundamentos que explicam o fim do racismo, mesmo para autores que pretendem analisar a situação da população negra no Brasil, como é o caso de Martiniano José Silva citado anteriormente. Por diversas vezes, e de formas variadas, no capítulo intitulado “Racismo disseminado no esporte (futebol)”, apresenta a ruptura do racismo no futebol, referindo-se principalmente à experiência do Vasco da Gama. O autor desenvolverá sua teorização valendo-se, mas não só, de um documento elaborado pelo referido clube, que se declarava contrário à liga de futebol carioca que na ocasião não aceitava jogadores negros.

Neste caso, o racismo estaria “extinto” pela ação dos dirigentes não racistas. Não cabe aqui desconsiderar a importância histórica de tal documento, como possibilidade de mediação ética, na medida em que se contesta uma normativa, e assume-se uma postura política em não contribuir para disseminação do racismo, no entanto, imaginar que esse único ato foi fator determinante para extinção do racismo no futebol é, no mínimo, uma ingenuidade.

O autor continua seu capítulo dando ênfase às situações de ofensas criminosas, ocorridas atualmente com diversos jogadores negros. Para tanto, as classifica como “racismo inesperado”, e está correto, se considerarmos a lógica de sua argumentação uma vez que parte da premissa de que não existe racismo no futebol, assim, qualquer ação que se considere racismo seria “inesperada”. Ou seja, ocupa-se de conceituações que só expressam a superficialidade do real, sem considerar os determinantes fundamentais da formação do racismo e sua inter-relação com a forma de organização da sociedade de classes. O autor finaliza o capítulo com a constatação de que no futebol o que existe, é uma “linguagem racista” e não o racismo propriamente dito. Cabe reforçar que o racismo esteve, como já problematizado até aqui, como ainda está presente cotidianamente nas práticas esportivas entre elas o futebol.<sup>51</sup> Hoje, as práticas racistas foram reatualizadas e mantêm-se tanto nas

---

<sup>50</sup> Considera-se aqui “ascensão social” como acesso aos bens de consumo. Já que nesse período os negros que jogavam no Botafogo ou Fluminense não podiam frequentar o clube social, relacionar-se com as sócias (brancas) do clube, ou qualquer outra atividade “livre” para os jogadores brancos.

<sup>51</sup> Cabe reforçar que o aumento da discussão sobre o racismo na sociedade facilitou a construção de vários artigos e teses sobre o racismo no futebol. Foram encontrados no decorrer desta pesquisa algumas que dão centralidade à temática étnico-racial, como também aprofundando a questão.

explicitações mais divulgadas tais como: xingamentos, insultos, apelidos, quanto em situações que de tão reproduzidas já não são consideradas como racismo.

Os xingamentos são exemplos que elucidam os estudos realizados por (FANON,2008) que considera a centralidade do racismo nas formulações elaboradas pelos iluministas. Estes,ao questionarem o que seria o “homem” e suas determinações em detrimento da centralidade divina, colocaram como modelo e formatação de humanidadeo *homem branco europeu*. Ao desenvolverem a referida tese que fundamentaria a ideologia difundida em todo o planeta, desconsiderando inclusive toda formação histórica, política e social produzida pelos povos asiáticos, egípcios e africanos, (re)alocaram a compreensão, colocando o “homem negro” como o “não ser”. Passando de um estado humano para a situação de coisa e ou animal. Desconfigurado da forma humana, o corpo negro apresenta-se como desprovido de razão, havendo uma dissociação entre razão e emoção, inclusive com valorações distintas. A razão ligada ao humano e a emoção ligada ao “não ser” negro. Contudo, a vivência da desumanização perpassa pelos dois segmentos que o autor irá designar como alienação colonial:

A alienação colonial, como forma específica de exploração capitalista, marca indiscutivelmente a configuração da sociedade moderna fazendo com que brancos (colonizadores) e negros (colonizados), vivenciem cada qual a seu modo, a negação de sua humanidade. A criação e racialização do Outro, bem como o estranhamento daí resultante, retiram do colonizado a possibilidade de ser visto (e, consequentemente, de se ver) como expressão universal do gênero humano.<sup>52</sup>

A população negra estará subsumida à lógica desumanizante e de negação da sua humanidade, de forma constante e cotidiana, nas diversas estruturas e formações sociais. Sua imagem não será refletida, impedindo seu reconhecimento e interpelação entre o Eu e o Outro. Portanto, quando um jogador é xingado e relacionado a um animal, desprovido de racionalidade, manifesta-se a expressão desta desconfiguração, ou seja, o jogador negro está presente no time como um corpo negro, e ao falhar na sua tarefa imediatamente o Outro remonta o seu “ser”, afirmando de forma violenta sua condição de desumanidade.

O movimento é reiterado, nas abordagens policiais, nos espaços acadêmicos, profissionais, de lazer,dentre outros. Por outro lado, o homem branco também se desconfigura ao ser reconhecido com a superioridade hegemônica, sendo incapaz de se reconhecer no

---

<sup>52</sup> FAUSTINO, Deivison Mendes. **Colonialismo, racismo e luta de classes:** a atualidade de Frantz Fanon. In: V SIMPÓSIO INTERNACIONAL LUTAS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA, 2013, Londrina. 2013.

Outro, e a razão embutida em seu ideário também o impede de perceber suas contradições que são prontamente direcionadas ao negro.

Por exemplo, quando um jogador branco erra, seu erro é deslocado para sujeitos subsumidos na sociedade, inferiorizados e o seu pertencimento étnico-racial não está posto em questão; geralmente as explicações para as falhas são: “faltou força, jogou como mulherzinha, você é uma bicha que não sabe de futebol”, ou seja, as referências são femininas e/ou homossexuais, por estes dois grupos serem considerados não só inferiores como despossuídos de conhecimento sobre o futebol. Com isso, basta retornar a sua identidade de homem branco superior e plenamente capaz, para assumir as jogadas e voltar a “acertar”. Por outro lado, quando o jogador negro falha, a culpa é atribuída à inferioridade étnico-racial, sua condição de “não ser”, não há deslocamento. Se não há deslocamento, não há para onde voltar e cabe a este jogador assumir uma postura de contestação e denúncia, o que transformaria a discriminação sofrida em um momento de reconhecimento de sua condição identitária, como sujeito capaz de enfrentamento e ruptura como padrões estabelecidos. Contudo, a ideologia presente na sociedade e a constante afirmação da animalidade faz com que jogadores negros, muitas vezes, assumam a postura que lhes foi imposta, numa tentativa de aproximação do ideal humano (branco) como se assim pudessem suprir sua condição de suposta inferioridadeno embranquecimento.

O Observatório do Racismo no Futebol, desde 2014, dedica-se ao monitoramento de situações de racismo ocorridas no Brasil, e no exterior contra jogadores brasileiros. No Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol - 2014 constam dados significativos quanto ao racismo praticado em campo: foram 20 casos de racismo no Brasil, e 8 no exterior e cabe ressaltar que a metodologia utilizada pelos organizadores do relatório se utiliza de situações que pudessem ser monitoradas desde a ação até o seu desfecho. Para a coleta de dados, foi utilizada a mídia nacional e internacional, ou seja, podemos inferir que o número de casos de racismo é bem superior, se consideramos os casos não divulgados, denunciados e cotidianos nos mais diversos espaços do futebol. O aumento significativo de casos vem despertando nas autoridades do futebol ações de combate ao racismo, pelo mal-estar causado, em razão da publicização negativa de um espetáculo que se apresenta como impermeável às mazelas cotidianas. Não é preciso análises mais aprofundadas para constatar que tais ações mais reforçam o racismo, do que o seu contrário.





Imagem 6 - Telão da Arena Pernambuco em jogo entre Santa Cruz e Chapecoense, em 2015  
Fonte: Acervo de Roberta Pereira da Silva.

Outra forma de explicitação do racismo, pouco discutida entre os especialistas está na escalação dos jogadores. Giulianotti afirma que as posições que necessitem de habilidades intelectuais são destinadas aos jogadores brancos, já posições que necessitam de força e habilidade são destinadas aos jogadores negros:

[...]os jogadores negros tendem a ser empilhados nessas posições periféricas, devido às crenças raciais dos técnicos de que eles não possuem a capacidade de tomar decisões nem a consciência dos jogadores brancos. Dessa forma, os técnicos e a mídia tendem a concluir que os jogadores negros possuem qualidades erráticas (habilidade natural), enquanto os jogadores brancos têm habilidades controladas. (GUILIANOTTI, 2002, p. 159)

No que se refere ao trabalho intelectual, nas produções acadêmicas, no jornalismo<sup>53</sup> esportivo, no gerenciamento dos clubes, como técnicos dos times, são raras a presença de negros. No Campeonato Brasileiro de 2015, dos 20 times em disputa, há apenas dois treinadores negros, sendo que um deles foi demitido no meio do campeonato sob acusações racistas.<sup>54</sup>

<sup>53</sup> Em estudo realizado pelo Grupo de Estudos Multidisciplinar de Ações Afirmativas (GEMAA) da Universidade do Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) os colunistas negros constituem apenas 10%. *O Globo* conta com 9%, a *Folha de São Paulo* com 4% e o *Estado de São Paulo* com 1%. Se considerarmos a questão gênero e raça, a situação torna-se mais acirrada: a *Folha de São Paulo*, por exemplo, não conta com mulheres negras como colunistas, *O Globo* com 4% e o *Estado de São Paulo* com 1%, valor semelhante ao masculino. Disponível em: <<http://gemaa.iesp.uerj.br/publicacoes/infografico/infografico7.html>>. Acesso em: 6 ago. 2016.

<sup>54</sup> Cristóvão, atual técnico do Corinthians (2016) informou em entrevista ao canal ESPN Brasil, que era comum ouvir nos corredores do Flamengo “que escolheram um técnico do pelourinho” Disponível em: <[http://espn.uol.com.br/noticia/534670\\_cristovao-confirma-componentes-racistas-em-criticas-foi-citado-que-escolheram-um-tecnico-do-pelourinho](http://espn.uol.com.br/noticia/534670_cristovao-confirma-componentes-racistas-em-criticas-foi-citado-que-escolheram-um-tecnico-do-pelourinho)>. Acesso em: 10 fev. 2016.

A teorização do “não racismo no futebol” aparece, assim, como ideologia que apazigua os conflitos latentes, e os teóricos nacionais que difundiram à época e que são constantemente seguidos até os nossos dias são exemplos substanciais de que:

Ideologias pressupõem estruturas sociais, nas quais distintos grupos e interesses antagônicos atuam e almejam impor esses interesses à sociedade como um todo como seu interesse geral. Em síntese: o surgimento e a disseminação de ideologias se manifestam como a marca registrada geral das sociedades de classes. (LUKÁCS, 2012, p.472).

A “integração racial” defendida é consubstanciada como uma categoria universal a toda a sociedade, voltada exclusivamente ao interesse comum, e que projeta a estabilidade da ordem estabelecida. Mesmo que já tenham sido feitas inúmeras pesquisas científicas, inclusive, de cunho biológico e que desvendam a falácia do racismo, este ainda apresenta uma função social, pressuposto fundamental para que se exista a ideologia. Contudo, é primordial entender que a ideologia não se trata de uma “mentira” ou falsa consciência, mas sim, de um construto social:

Porque tanto objetivações como alienação têm, como todas as categorias sociais importantes um caráter duplo: por um lado elas determinam todas as manifestações vitais de modo universal e por isso, generalizantes; por outro lado e simultaneamente, elas constituem a sua singularidade especificamente social. (LUKÁCS, 2012, p.469)

O destaque constante da participação do negro no futebolassevera seu contrário, ao condicionar a população negra, no caso, o homem negro, a um espaço pré-estabelecido, e esta positivação somente reforça o corpo negro desumanizado, além de disseminar a ideia de que o lugar do negro é no futebol, no carnaval e/ou no samba e sua possibilidade de ascensão estaria nestas áreas. A ideologia de que o futebol é uma “dramatização” da integração, da harmonia étnico-racial, bem como local privilegiado de ascensão social contribui para a disseminação do racismo e, conseqüentemente, para a reprodução da ideologia dominante.

## CAPÍTULO II

### 2 O avesso do avesso, a Várzea como possibilidade democratizante

*O morro não tem vez  
e o que ele fez já foi demais,  
mas olhem bem vocês quando derem vez ao morro toda  
cidade vai cantar.*

Vinícius de Moraes e Tom Jobim

Contraditoriamente ao pensamento da elite, os demais componentes das cidades, apropriaram-se do futebol e essa confluência de estilos produziu um futebol carregado de características próprias do Brasil e o diferenciou definitivamente do modo de jogar europeu, como ressalta Franco:

Sem equipamentos adequados e jogando com bolas desgastadas e mesmo improvisadas, em terrenos ainda não ocupados pelo processo de urbanização, o futebol dos grupos subalternos tornava-se um modo de representação da existência negada em outros campos sociais. E alastrava-se pelos subúrbios proletários. Em pouco tempo, uma série de equipes e clubes foi constituída por iniciativas de pequenos comerciantes, operários, artesãos das grandes cidades (Internacional, 1909; Corinthians, 1910). (FRANCO, 2007, p. 63-64).

Ou seja, o futebol se inseriu definitivamente no cotidiano:

Toda a gente, hoje, nesta boa terra carioca, se não fica com os pés ferrados, ao menos com a cabeça cheia de chumbo, joga o tal *sport* ou esporte bretão, como eles lá dizem. Não há rico nem pobre, nem velho nem moço, nem branco nem preto, nem moleque nem almofadinha que não pertença virtualmente, pelo menos, a um *club* destinado a aperfeiçoar os homens na arte de servir-se dos pés. (BARRETO, 2015).

A crônica produzida em 1922, por Lima Barreto, expressa a popularização do futebol, e o seu caráter de agradar aos homens e mulheres de distintas classes sociais; o esporte dos pés assumia um caráter democrático no sentido de não diferenciar seus praticantes. Da liga Canelas Pretas<sup>55</sup>, a um time formado por imigrantes italianos como foi a Associação Atlética

---

<sup>55</sup> Liga fundada em 1910, no Rio Grande do Sul, formada por times de futebol com a maioria dos jogadores negros, impedidos de participar dos clubes de elite. A liga tem pouca documentação, porém acredita-se que tenha sido desfeita por volta de 1933, com o desenvolvimento do profissionalismo. (Milton Ribeiro).

Anhanguera, constituído por volta de 1928, o futebol passou a apresentar seu caráter aglutinador e de possibilidades democratizantes, na formação do futebol de várzea. Uma vez que o futebol, com origem elitista, se desenvolveu e se consagrou nacionalmente como prática de poucos privilegiados, aos poucos foi incorporando os demais seguimentos da sociedade masculina, a partir do advento da profissionalização<sup>56</sup> e da necessidade de vitórias.

No entanto, o futebol de várzea, que possui seus alicerces históricos paralelos ao futebol oficial, foi capaz desde as suas origens de incorporar segmentos apartados da prática esportiva e tal incorporação abriu caminho para elaboração de significados, formas distintas de apropriação do espaço urbano e consolidou ainda um estilo próprio de sociabilidade. Tais considerações vêm despertando interesse acadêmico, em diversas áreas do conhecimento, porém, segundo Damo, são ínfimos os trabalhos, se consideramos a vasta produção em torno do futebol. O autor aponta algumas hipóteses quanto a esta invisibilidade:

Afinal, não se está dando importância demasiada ao segmento profissional do futebol em detrimento da diversidade do fato social? Não estariam as ciências sociais deixando-se pautar pela grande mídia, ela própria um segmento integrante do futebol profissional? Boa parte dos trabalhos referidos por Toledo não estariam influenciados por uma visão de senso comum não esclarecido, colada ao simbolismo dos próprios pesquisadores, de tal modo que o interesse acadêmico reproduziria a inserção pessoal destes agentes no universo futebolístico, notadamente como torcedores? (DAMO, 2003 p.132)

Felizmente, a lacuna vem lentamente sendo preenchida e tem demonstrado a importância de visibilizar o futebol varzeano retirando-lhe a carga atribuída como atividade de baixo valor e/ou desprovida de significados. Os elementos que compõem o futebol de várzea e as tramas estabelecidas tornam-se terreno fértil para elaborações históricas de compreensão do futebol e das relações sociais que as conectam; a singularidade materializa e dá subsídios para a análise do universal.

A princípio, ao menos no que se refere à cidade de São Paulo, o jogo era praticado nas várzeas dos rios, principalmente do Rio Tietê e, por este motivo, o futebol que não era praticado nos clubes, passou a receber esta denominação mesmo que, em outros lugares. Havia em outros pontos da cidade a utilização de terrenos baldios, disponíveis em abundância, num período anterior à especulação imobiliária e ao aumento populacional migratório.

---

Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/a-incontornavel-liga-dos-canelas-pretas/>>. Acesso em: 7 jul. 2017.

<sup>56</sup> A profissionalização não foi aceita de pronto pelos times, contudo, desde a inclusão dos segmentos da classe trabalhadora, havia a necessidade de custeio dos jogadores, ora em dinheiro, ora em espécie. O “bicho”, por exemplo, tem origens neste período quando os jogadores, após as partidas, eram pagos com (galinhas, porcos etc.), o pagamento de salário era proibido, pois descaracterizava o esporte “amador”. A profissionalização fez com que os negros, que estavam excluídos do mercado formal de trabalho pudessem ter algum tipo “lícito” de rendimentos. Um dos motivos para o fim dos “Canelas Pretas” pode ter sido a inclusão dos jogadores em times profissionais.

Com a segregação socioespacial, ou seja, o deslocamento das populações com rendimentos baixos e sem possibilidade de pagar os altos aluguéis nos bairros centrais, os times localizados no centro foram paulatinamente deslocados para as periferias que ainda mantinham em quantidades abundantes os “terrões”. Um exemplo emblemático ocorreu na década de 1950: um grupo de cariocas passou a residir no bairro de Guaianazes, zona leste da cidade de São Paulo onde formou o tradicional Botafogo de Guaianazes, em atividade até os dias de hoje.

Contudo, tal explicação não dá conta de evidenciar as construções pejorativas que o conceito várzea adquiriu ao longo dos anos; a linguagem popular assumiu a várzea como algo ruim, desorganizado e desprovido de valor. Um primeiro raciocínio que pode nos dar pistas se refere a uma concepção em que o esporte deveria ser praticado por homens de “bem”, com boa formação, e de famílias tradicionais, pessoas inclusive que já praticavam outros esportes em seus clubes. Era comum por parte da imprensa esportiva que surgisse uma narrativa de exaltação do esporte, que reforçava a prática do futebol como exclusiva dos brancos de classe alta. Silva discorre com maestria as percepções deste período, fazendo um comparativo entre os jogadores negros e trabalhadores e os jogadores filhos da classe burguesa:

A suposta e difundida incapacidade dos primeiros em cumprir as regras de conduta do futebol sustentava a ideia de que os últimos seriam ilegítimos representantes do esporte trazido da Europa, uma vez que apenas os seus gestos estariam de acordo com uma alegada etiqueta, ou mesmo com as regras que o organizavam. (SILVA, 2013, p. 27).

Tais narrativas não se sustentariam, caso o real imanente não apresentasse condições sócio-históricas para sua efetivação. Dito de outra maneira, além da propagação ideológica, quanto à inabilidade dos trabalhadores, principalmente trabalhadores negros, em praticar esportes, havia uma separação físico-geográfica, dos territórios disponíveis para tanto, os diferentes membros objetivamente não podiam e não estavam nos mesmos espaços (SILVA, 2013). O espaço varzeano passa a ser considerado, portanto, locais da prática de segunda linha, ou do “pequeno futebol”. O binômio bom-ruim tomará corpo, fortalecendo a concepção de que o futebol praticado nos clubes e pela elite como o futebol organizado e reconhecido, e o futebol praticado por outros segmentos populacionais, considerado sem legitimidade, desorganizado e com pouca valoração.

Outra perspectiva de análise, que não está totalmente desvinculada da primeira assertiva, refere-se novamente às relações étnico-raciais estabelecidas à época, e em certa medida proporcionou as bases estruturantes do termo pejorativo dado à várzea.

A região da Barra Funda, anterior à execução das linhas férreas e a instalação das marginais, era povoada, quase em sua exclusividade por negros, recém-libertos, e tal constituição era favorecida pela oferta de trabalho, já que ali se concentrava grande parte das fazendas cafeeiras, e o trabalho “doméstico” manteve-se como principal atividade laborativa dos “recém-libertos”, visto que os postos disponíveis nas fábricas eram destinados aos imigrantes.<sup>57</sup> O local não contava com qualquer tipo de destinação de recursos públicos, e eram comuns as enchentes. As autoridades municipais reconheciam a região como algo destoante da cidade que se formava, portanto, as ações destinadas à várzea continham conotações higienistas e conservadoras. Consubstanciada no *medo* da contaminação, as ações eram formadas pela concepção da higiene e do controle.

O entendimento corrente repousava nas teorias em voga que considerava aquela população como um grupo perigoso, sujo e desprovido de racionalidade. As percepções de miscigenação estavam mais do que na moda, portanto, não havia constrangimentos em executar alternativas que dissipassem a concentração de negros e negras de qualquer tipo de atividade que os caracterizasse e/ou constituísse uma identidade racial, desde a prática religiosa até a prática de capoeira e depois o futebol, eram absolutamente proibidas e descaracterizadas como algo provido de valor, havia uma autorização moral-legal cotidiana para barrar os comportamentos e vivências populares:

Em conformidade com as práticas e concepções higienistas em voga desde o fim do século XIX, predominantemente a ideia de que tais regiões eram insalubres e sujas, algo patente no comentário do prefeito Washington Luís acerca da Várzea do Carmo, no centro da cidade: ‘uma vasta superfície chagosa, mal cicatrizada em alguns pontos, e ainda escalavrada, feia e suja repugnante e perigosa’ [...]. Durante seu governo, foram decretadas várias medidas que visavam ao controle de doenças relacionadas às imundices no perímetro urbano da capital, como a leptospirose e a febre amarela. (SILVA, 2013, p. 20).

Para a devida explicitação do pensamento, Silva apresenta parte do relatório elaborado em 1916, pelo referido prefeito, com uma retórica explícita de concepção racista, que alicerçou um pensamento que produz ressonância até os dias atuais. Hoje, talvez o discurso que dá base a ações higienistas e policiaeskas, apresente-se com uma narrativa eufemística e refinada, o que não altera, contudo, o fulcro da questão:

[...] a vasa da cidade, numa promiscuidade nojosa, composta de negros vagabundos, de negras emaciadas pela embriaguês habitual, de uma mestiçagem viciosa, de restos

---

<sup>57</sup> Construiu-se um mito, quanto à capacitação dos imigrantes para a atuação nas fábricas, em detrimento da ineficiência dos negros para o desenvolvimento das funções, contudo a experiência laboral desenvolvida pelos negros não só os capacitavam como lhes guardavam todas as características necessárias ao desempenho da função.

inomináveis e vencidos de todas as nacionalidades, em todas as idades, todos perigosos. [...]. Era aí que quando a polícia fazia expurgo da cidade encontrava a mais farta colheita. (SILVA, 2013 p. 21)

Expostos os argumentos, é possível afirmar que a (des)valorização do futebol de várzea encontra terreno apenas no campo ideológico e narrativo, destoando completamente das suas práticas e formas de organização mantidas até os dias atuais, e os grupos que deram continuidade ao futebol de várzea, assumiram o conceito enquanto identificação da prática realizada nos campos de terra.

Ao discutir os sentidos, interações e visibilidades da várzea, Pereira (2012) nos proporcionará um vasto material sobre a continuidade e descontinuidade dos times varzeanos, a partir de um estudo pormenorizado sobre o desenvolvimento acelerado da cidade de São Paulo. A autora demonstra como as migrações das populações de trabalhadores de um bairro para outro, contribuiu para o desmonte dos times, principalmente pela ausência de espaço físico, uma vez que os “terrões” localizados no centro de São Paulo eram destinados às construções de moradias, fábricas, escolas.

Entretanto, os loteamentos formalizados pelos conjuntos habitacionais, como as ocupações populares, cada vez mais afastados do centro, foram por sua vez um mantenedor e um facilitador na formação de novos times, já que havia muitos espaços e terrenos baldios.



Imagem 7 - CDC Alvorada 1979

Fonte: Acervo de Luiz Duarte.

As periferias foram estruturadas, portanto, distantes das várzeas dos rios centrais onde se iniciou o futebol popular, com isso, os terrenos vazios passaram a tomar forma e a se

tornar o local privilegiado do jogo de várzea. Eram os primeiros esboços da segregação socioespacial, como também as primeiras expressões da organização popular em torno de uma necessidade básica, como bem delimita (PEREIRA, 2012, p. 96):

O futebol varzeano, inicialmente praticado nos alagadiços terrenos centrais da Várzea do Carmo e nos campos ingleses da Luz e do Bom Retiro, foi cada vez mais ganhando adeptos e espaços na cidade.

[...]

O futebol varzeano, boca a boca, face a face, corpo a corpo, pé a pé ia socializando e contagiando aqueles sujeitos todos – sujeitos não só parte de um mesmo tempo-espaço que pregava a saúde dos corpos, mas também desejosos de partilhar dos mesmos valores que moviam ânimos e os sonhos citadinos, ou seja, que também queriam experimentar o lazer daquela elite, quem sabe sentindo-se um pouco outro si.

No caminho para o emprego, no final da rua, nos bairros em volta, os campos de várzea estão lá, firmes, com poucas modificações. Geralmente são construídos e organizados pelas comunidades, em poucas ocasiões contam com apoio público. A organização conta com a legitimidade dos moradores. Mesmo em quantidade infimamente reduzida, os campos ainda compõem a paisagem local de diversas periferias, é possível, inclusive, localizar-se no bairro tomando como referência o campo X, Y, Z. O reconhecimento deste espaço como legítimo é observado quando em uma ocupação popular, por exemplo, as casas são construídas em torno do campo, o local não é ocupado pelas casas, sendo que para acessá-lo é necessário cruzar esse ou aquele quintal.





Imagem 8 - Vista área de um campo de várzea, o fotografo produziu imagens dos “terrões” nos diversos Estados do país. “Serie Terrões de Cima”

Fonte: Acervo de Renato Stockler.

Neste contexto, o time Negritude F.C. teria, portanto, um espaço vasto e bem organizado para sua continuidade. Além dos times espalhados pela capital e região metropolitana, na década de 1980 já estavam consolidados tanto os campeonatos varzeanos, quanto a prática dos festivais de apenas um ou dois jogos, sendo que este último tem suas origens ligadas diretamente às festividades artísticas e culturais que ocorriam nos bairros, de forma aberta e gratuita:

Entre 1920 e 1930, ‘começam a surgir os festivais públicos’, ao ar livre, e os ‘festivais-espetáculos – em que se [destaca] o aspecto lúdico de entretenimento coletivo. A partir deste momento, eles passam a introduzir também o futebol em seus programas, o que revela não apenas o quanto o esporte era afeito a espaços amplos e aglomerações, mas também o fato de que os militantes começavam a se valer das formas de produção de novos entretenimentos na organização dos trabalhadores. (SILVA, 2013, p. 110).

Como marco decisivo da constituição do Negritude, o “Desafio ao Galo”, campeonato iniciado em 1970, foi fundamental para a divulgação e conhecimento do time. O campeonato era mantido e televisionado primeiramente pela TV Gazeta e depois pela Rede Record e foi extinto em 1990. Tinha a seguinte configuração: o time ganhador era desafiado, o “Galo” era desafiado, as partidas iam ocorrendo ao longo do ano e os times que acumulavam mais

“Galos”, disputavam o “Super Galo”. O fato de ser televisionado, e ocorrer em um local com características de estádio, dava uma certa valorização ao futebol varzeano, e segundo Pereira oferecia-se uma privilegiada forma de interação:

E interligação entre os sujeitos. Na tela dos aparelhos televisivos cada vez mais presentes nas casas, os cidadãos varzeanos podiam se ver e ver seus pares – e os paulistanos que não conheciam ou viviam aquele futebol sentiam-se frente a frente (eletronicamente) com ele. (PEREIRA, 2012, p. 140).

Para os times que participavam do certame, o sentimento de pertencimento e valorização fazia-se presente:

[...]aconteceu isso quanto a gente disputou, o ‘Galo’ e o ‘Super Galo’ que era num espaço do CMTC clube, que era um estádio, então pra nós ir para um estádio era uma novidade, você que é da periferia você tá acostumado com o campo no terraço, que não tem nem lugar pra sentar, quanto mais arquibancada, e você ir para um lugar que é um estádio, que é televisionado, é muito (né). É um *up* muito grande. Então, o Negritude, a construção da história do Negritude, ela passa por todas essas experiências, que foram agregando valores, o Negritude, do ‘Galo’, do ‘Super Galo’ entre 84, 86 e ter participado disso alavancou o Negritude, uma outra ordem. (ANGELA).

O fato do campeonato ser televisionado trazia visibilidade e, neste sentido, os times que disputavam tinham algumas responsabilidades, dentre elas, a necessidade de levar público. Para um time que estava começando, esta tarefa acarretava certa dificuldade: “o Galo era muito dispendioso porque você tinha que levar uma certa quantidade de público, era obrigatório, porque tinha televisão, você tinha que vender 500 ingressos por jogo, então você teria que levar 500 pessoas, lá no seu jogo”.<sup>58</sup>

---

<sup>58</sup> Relato colhido em entrevista com Reinaldo, atual presidente do Negritude F. C.



Imagem 9 - Time que disputou o “Desafio ao Galo de 1986”

Fonte: Acervo do Negritude F.C.

A consagração e definitiva estadia no futebol de várzea deu-se pelas constantes vitórias e pelos troféus apresentando o time manteve-se sempre atuante nos principais campeonatos da cidade, foi campeão da 1ª Copa Cohab, em 1980, campeão da Copa Vila Formosa, em 1983, vice-campeão da Copa Black, em 1989, campeão do Torneiro de Veteranos, organizado pelo Clube Paulistano, em 1990 e 3º lugar no Super Galo 1991, além de nunca ter saído da série A, da Copa Kaiser<sup>59</sup> durante todo o período de existência do campeonato.

Contudo, o time não possuía um campo, para chamar de “casa”; na ocasião, o campo utilizado se localizava numa praça intitulada pelos moradores de ‘Praça do Morcegão’. Os jogos de várzea apresentam, ainda hoje, algumas características que os diferenciam das partidas do futebol “oficial”, no que se refere à cidade de São Paulo.<sup>60</sup> São tambores,

<sup>59</sup> Campeonato Varzeano, patrocinado pela marca de cerveja Kaiser, reunia times de toda a capital e região metropolitana de São Paulo.

<sup>60</sup> Devido às constantes situações de violência entre as torcidas organizadas, nos estádios estão proibidos instrumentos musicais, sinalizadores e/ou qualquer tipo de fogos de artifício, bandeiras com mastro, utilização do uniforme que identifique a torcida organizada. A contradição destas proibições é que as brigas entre torcidas dificilmente ocorrem dentro dos estádios. Outra medida foi a proibição da torcida visitante em jogos considerados clássicos (Corinthians x Santos, São Paulo x Palmeiras e por aí vai). Tais medidas estão longe de garantir a segurança e interferem diretamente no espetáculo oferecido pelas torcidas. Não desconsideramos, contudo, que é urgente uma discussão e aplicação de medidas que impeçam a violência no futebol, uma vez que o Brasil está em primeiro lugar no número de mortes de torcedores. O que se questiona aqui é que as

sinalizadores, fogos de artifícios, faixas de identificação deste ou daquele time; desde logo cedo os organizadores preparam os locais de venda de bebidas e comidas, fazem a demarcação do campo com cal e, aos poucos, vão chegando as carreatas seja de carro seja de ônibus. Desde a formação do Negritude os jogos ocorriam aos finais de semana; atualmente algumas partidas ocorrem às sextas-feiras à noite. O pós-jogo configura-se como um espaço privilegiado de sociabilidade, principalmente entre os homens e, mesmo no período que os jogos eram realizados na praça, a prática era comum:

Era jogar bola, era se divertir, e depois da bola era melhor ainda, porque aí tinha as festas internas dentro da Cohab, né, tantos nas casinhas ou também nos prédios, aí depois tinha o matraca aquela quadra, tinha os bailes de final de semana, nossa, acabava o jogo, tomava um banho (risos), domingo depois do jogo era no matraca. (REINALDO).

As noções descritas na fala de Reinaldo contêm uma das chaves de compreensão para diferenciar definitivamente o futebol profissional do futebol de várzea. A importância das relações entre amigos, conhecidos e praticantes, sobressai à vitória, a lucratividade e a prática esportiva complementam a prática do lazer. Damo ressalta que os conteúdos presentes neste tipo de interação extrapolam espaços delimitados entre o público e o privado, tal confluência é escopo delimitador do futebol varzeano:

A diversão e o consumo são realizados coletivamente, na interação face a face com outros indivíduos. O lazer no entono ou dentro do campo comunitário está a meio caminho entre a casa e a rua – ou entre o privado e o público, se preferirem – não propriamente aberto à presença de qualquer cidadão, mas igualmente distante da sociabilidade privada, seja ela realizada em espaço aberto ou fechado. Os valores individualistas, mais identificados com o estilo de sociabilidade das camadas altas, parecem avesso a estas configurações futebolísticas. Joga-se, bebe-se, come-se, discute-se e por vezes briga-se, mas raramente só ou em pequenos grupos. (DAMO, 2003, p.149).

Segundo Harvey (2005) a ocupação do espaço público representava, neste sentido, o direito à cidade, ou seja, as atividades realizadas no local urbano, organizadas e geridas pelos moradores (jovens) proporcionavam não só a transformação do espaço como a transformação dos próprios moradores que frequentavam as festividades. Contudo, tal assertiva não se configurava como unanimidade entre os moradores do conjunto, ao contrário, a agitação, barulho e muitas vezes desentendimentos entre os times ou por parte da torcida, fizeram com que um grupo de moradores organizasse um abaixo assinado com objetivo de impedir a

---

medidas ora aplicadas não atingem o fulcro da questão, trata-se, no limite, de uma resposta à sociedade sem qualquer tipo de efeito.

realização das partidas e das festas. O documento obteve sucesso e não só o Negritude F.C. mas todos os demais times ficaram impedidos de realizar atividades públicas no local.

A ausência de sede e campo fixo fez com que o time fosse mais conhecido fora dos arredores da Cohab I, pois a maioria dos jogos disputados teria que ser em outro campo. Autilização do CDC Alvorada<sup>61</sup> deu-se apenas em 1986, e aquisição da sede social em 2000.

Imperioso constatar que os times de várzea contribuem, inclusive, para que locais como os CDCs permaneçam em atividade. O CDC Alvorada conta com dois campos de futebol, uma arquibancada e uma quadra com tabelas e gols. Recentemente foi instalada uma estrutura de academia para terceira idade, com equipamentos fornecidos pela municipalidade. Dois bares compõem o clube, com mesas de concreto e cobertura improvisada. O vestiário fica ao lado do banheiro, sendo que o banheiro feminino permanece trancado, aberto apenas se solicitado ao responsável pelos vestiários. A sede encontra-se em construção, com duas salas em atividade. A circulação de pessoas (a pé, de bicicleta ou de motocicleta) é constante, independente do dia e horário. O clube serve como travessia entre as ruas dos prédios e a avenida principal da Cohab e, nesta estão localizados comércios, equipamentos públicos, pontos de ônibus etc. O clube é frequentado por crianças e adolescentes que se utilizam da quadra para outros esportes, e para *peladas* de futebol. Na arquibancada especificamente concentram-se adolescentes e jovens, para conversar, tocar músicas, transformando o espaço em área de convivência. Notou-se ainda em menor escala a frequência de pessoas em uso de substâncias psicoativas.

---

<sup>61</sup> O CDC – Clube da Comunidade é um espaço que utiliza terrenos públicos municipais, de administração indireta, geralmente gerenciados por organizações ligadas ao esporte e/ou eleitas pela comunidade de localização do clube; são destinados recursos públicos para manutenção do local.





Imagem 10 - CDC Alvorada – 2017

Fonte: Acervo de Roberta Pereira da Silva.

As configurações do clube vêm sendo paulatinamente modificadas. Um dos campos recebeu em dezembro 2016 gramado sintético, entretanto, as demais instalações do clube não foram reformadas. O espaço destinado aos reservas dos times, por exemplo, foi construído pelos organizadores do Negritude, ou seja, apesar do clube se constituir em espaço público, suas modificações e melhorias são de responsabilidade dos times e associações que gerenciam o espaço, dependendo, em algumas situações, das relações político-partidárias estabelecidas, do comércio local ou de financiamentos de grupos que atuam no mercado ilícito.



Imagem 11- CDC Alvorada - 2017

Fonte: Acervo de Roberta Pereira da Silva.

A capacidade organizativa do time mostrou-se externamente eficiente; seguindo a experiência do Black Power do Ipiranga, os jovens passaram a organizar festivais e campeonatos de curta duração e, com o sucesso dos certames em 1999, o Negritude F. C., realizou o campeonato, intitulado Copa Negritude, englobando times da capital e região metropolitana. O sucesso da Copa é inegável e tornou-se um campeonato tradicional da região. A 18ª edição ocorrida em maio/2017 teve seu lançamento na Câmara Municipal de Vereadores e contará com 80 times, divididos em quatro categorias: base, esporte, 40tão (referente aos jogadores com mais de 40 anos) e 50tão (referente a jogadores com mais de 50 anos; nesta categoria apenas o goleiro pode ter menos de 50 anos, porém, mais que 40). O lançamento teve o objetivo de sortear as chaves como também de discutir o regulamento.





Imagem 12- Lançamento da 18ª Copa Negritude 2017 Câmara dos Vereadores de São Paulo  
Fonte: Acervo de Roberta Pereira da Silva.

O ponto mais enfatizado da noite foi quanto à violência exercida por parte da comissão técnica e dos jogadores, em relação à arbitragem e às outras equipes. Para tanto, os organizadores vêm desenvolvendo algumas ações visando ao cerceamento da violência em campo e, neste sentido, foi apresentada uma novidade no campeonato que será a adoção do cartão branco para os jogadores que proporcionarem o “jogo-limpo”; a ação será registrada na súmula e possivelmente os jogadores serão premiados. Outro exemplo de organização é que no momento da inscrição dos times, muitas vezes chamados de “entidades”, o responsável recebia uma pasta com o regulamento da competição e uma planilha com os nomes dos times, técnicos e jogadores impedidos de participar do campeonato devido a punições na Copa Negritude passada, ou em outros campeonatos de Várzea nos anos 2016-2017. A planilha contava com o nome do jogador, do técnico, da equipe, o motivo da punição, o campeonato em que ocorreu a punição, e a duração da punição. No início da partida, todos os participantes sem exceção deverão apresentar documento com foto para identificação e anotação na súmula, impedindo que jogadores punidos entrem em campo, acarretando, caso contrário, a eliminação do time da competição.

O lançamento, como dito anteriormente, ocorreu na Câmara Municipal de São Paulo, local público denominado casa do povo, contudo, o povo passa cada vez mais longe, até de sua calçada, sim, há gradis e cercas de ferro que separam a entrada da calçada. É importante observar isso, pois é, no mínimo simbólico, um campeonato de várzea ser lançado em um



espaço que barra a presença da população periférica. Não por acaso a maioria dos participantes na plateia do lançamento era de negros, homens moradores da periferia que fazem o futebol respirar. A organização de um evento tão grandioso demonstra a capacidade de homens e mulheres se organizarem, mesmo sendo submetidos às mais perversas mazelas que o cotidiano apresenta, e mostra que a periferia pode e deve se organizar tanto para o lazer quanto para outras políticas públicas.

Um aspecto presente nos relatos dos dirigentes e organizadores do time é a referência familiar e afetiva. O futebol foi o principal aglutinador e contribuiu com a manutenção da “entidade”, porém, diversas formas de sociabilidade e relações interpessoais foram estabelecidas para além das quatro linhas, assim, quando questionado o que significava o Negritude F.C., os três entrevistados foram enfáticos em afirmar que representa uma família. Talvez a formatação de família, expressa nas falas, escape do modelo eurocêntrico de configuração familiar nuclear e se espelhe num modelo de família ampliada, com membros não necessariamente consanguíneos, que se identificam uns com os outros e proporcionam momentos de afetividade e pertencimento.

Mesmo com as características que imputam ao futebol de várzea uma possibilidade democratizante, as configurações do futebol oficial têm se inserido cada vez mais no universo varzeano. É frequente a presença de jogadores profissionais nas competições como forma de complementação de renda.<sup>62</sup> Os times com mais patrocínio ou vinculados a outras práticas lucrativas, contratam jogadores profissionais de várias localidades do país, para melhora da qualidade técnica e maior possibilidade de vitória:

Então, hoje já de um tempo para cá, eu estou falando hoje porque se consolidou isso, na Várzea, raramente se aceita jogar em campo de terra, todo mundo quer jogar em campo gramado, raramente se aceita jogar isso na categoria Sport, e até da base, raramente se aceita jogar onde não receba dinheiro, ou da condução ou pro lanche. (ANGELA).

Esta modalidade de subcontratação na visão de uma entrevistada vem contribuindo para a alteração da identidade dos jogadores com a formação e continuidade no time. Se, na ocasião da formação do Negritude, os jogadores eram os organizadores, na atualidade há uma separação entre quem joga e quem administra a equipe, dissociando identidades e pertencimentos. A vinculação de um jogador com outros times é tão comum que no

---

<sup>62</sup> Um estudo recente pormenorizou a situação dos jogadores atuantes nos times profissionais, porém não estão em evidência ou despontam para carreiras promissoras, e utilizam-se por muitas vezes dos times de várzea como forma rentável. DANTAS, Marina de Mattos. Cartografias de um campo invisível: os anônimos jogadores do futebol brasileiro. 2017. 252 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

regulamento apresentado na 18ª edição da Copa Negritude, existe um parágrafo proibindo a participação de um jogador em mais de uma equipe. Para a entrevistada, o que ainda mantém as características genuínas do futebol de várzea são os times veteranos.

Então o que acontece, até hoje eu faço parte do Negritude, acompanho o Master, o cinquentão, o Master é o que reúne aquele pessoal que começou né, não acompanho o Master só por isso, mas estou dizendo o seguinte, são meus amigos de longa data, mas também é o espaço que eu tenho como meu legítimo. Entendeu? (ANGELA)

Como eu te falei, lá no começo a gente tinha uma identidade regional, então todo mundo do Negritude era da Cohab I, mas o tempo foi passando, esses meninos que eram adolescentes foram tornando adultos, constituindo família e jogando no Master, e foram vindo outros meninos para o Esporte, que não eram necessariamente do bairro, porque aí o Negritude, já tinha uma posição, que se sentia na obrigação de ganhar campeonatos e para ganhar campeonatos, tem que pegar jogador bom, pra pegar jogador bom tem que pegar de qualquer lugar [...]. Ai vem gente de qualquer lugar, já não tem mais o compromisso de defender o bairro, o nome do bairro, tem o compromisso de defender o time enquanto estiver jogando lá, se mudar de time [...]. Como acontece no profissional, então a Várzea foi se profissionalizando por conta dessas questões. (ANGELA).

As alterações atingiram diretamente o Negritude F.C.; a visibilidade da agremiação potencializa a vinda de jogadores aspirantes ao profissionalismo, na esperança de uma oportunidade. Inclusive, em uma das entrevistas realizadas, estava presente um jovem de 17 anos recém-chegado de Pernambuco para compor o time do Esporte. O jovem afirmou que as dificuldades em seu Estado são infinitamente maiores do que em São Paulo, por este motivo mudou-se para casa de familiares, para tentar uma oportunidade.

O que chama atenção em relação à diversidade de jogadores que vêm se utilizando do futebol de várzea como forma de emprego e rendimentos, é o fato do Negritude ter recebido solicitações de países do continente africano, para acolhida de jogadores. Caso o time autorize a “contratação”, o jogador tem facilidades para entrada no país. Em 2008, o time da categoria esporte contava com quatro jogadores camaroneses; em 2014, com um jogador. Durante todo o período da pesquisa, não presenciamos a participação de atletas ou organizadores homossexuais. E a participação das mulheres, por sua vez, levou aos questionamentos a serem expostos a seguir.

## 2.1 Mulheres à beira do campo, tensões, barreiras e acessos: entre a roupa lavada e a paixão pelo time

*A pele preta e a minha voz  
Na avenida deixei lá  
A minha fala, minha opinião  
A minha casa, minha solidão  
Joguei do alto do terceiro andar  
Quebrei a cara  
e me livre  
Do resto dessa vida,  
Na avenida, dura até o fim  
Mulher do fim do mundo  
Eu sou e vou até o fim cantar.  
Elza Soares, 2016*

Como referido anteriormente, um dos motivos para a escolha do lócus de pesquisa foi saber da participação ativa de mulheres no Negritude F.C. e, no caminhar do estudo, foram localizados relatos escritos e gravados revelando que as mulheres do time ocupavam papel de destaque nas variadas atividades. Angela, protagonista desde a fundação do time, explicita as determinações, para sua estadia no futebol de várzea:

Então você tinha duas possibilidades de lazer, a religião ou o esporte, nada mais dentro da Cohab. Não é como no interior que tem uma praça com o coreto que todo mundo vai lá. Nesse lugar, no conjunto habitacional, que nós começamos a integrar, todo mundo ia ou para o campo ou para igreja, no meu caso eu fui para o campo.  
(ANGELA)

Escolher o campo aparenta ser uma decisão trivial, desprovida de significados, baseada apenas numa ação de elencar entre as alternativas a melhor atividade. Optar entre esta ou aquela ação é a característica mais comum do cotidiano, pensamos em poucos segundos se vamos comer em casa ou no restaurante, se assistimos um filme ou tomamos um sorvete, e se elaborássemos muitas questões quanto às ações triviais, dificilmente as executaríamos. Angela fez a sua escolha ancorada nas determinações presentes, mas ao escolher o campo, tencionou e criou fissuras no rígido calcário masculino. Sua posição se reconfigurava a cada novo passo dado pelo time, postulando configurações próprias, que diferenciariam o Negritude F.C. dos demais times da cidade.

O segmento feminino sempre esteve alijado dos diversos espaços proporcionados pelo futebol, são raríssimas as mulheres que assumiram cargos de diretoria nos clubes, sejam amadores ou profissionais, são poucas as mulheres que atuam como árbitras ou assistentes. No que tange ao jornalismo esportivo, são comuns as situações de assédio moral e sexual; nos

programas de televisão dedicados ao futebol, não raro, sua presença é objetificada, trata-se de uma assistente de palco e suas opiniões não são reconhecidas ou são banalizadas, Situação semelhante ocorre com as jogadoras em relação à objetificação do corpo feminino. A conceituação em torno da objetivação é recente se consideramos a situação vivida pelas mulheres; a transformação do humano em um objeto relaciona-se diretamente com a utilização do corpo de forma desumanizada, desprovida de valor; o corpo objetificado é um corpo exposto passível da permissão do outro sem que haja concessão. Segundo HeldmanapudLourenço (2014)<sup>63</sup>, as formas de objetificação são variadas:

Pode-se dizer que está presente em construções simbólicas como as seguintes: a imagem só mostra parte ou partes do corpo da pessoa; quando é coberta a sua cabeça para aparecer apenas partes do corpo; a pessoa é usada como apoio para objetos; uma imagem sensual de uma pessoa é utilizada sem propósito (para vender um relógio, por exemplo); a imagem passa a ideia da violação da integridade física de uma pessoa sem seu consentimento ou de outro tipo de violência, denotando alguém vulnerável; a imagem sugere que a disponibilidade sexual é uma característica que define a pessoa; a imagem mostra uma pessoa sendo exibida como mercadoria; o corpo da pessoa é usado como tela para passar alguma mensagem. (LOURENÇO, 2014, p.5).

A manutenção e o fomento dos times profissionais femininos estão longe de ser prioridade para os clubes, cujos argumentos se retroalimentam, ou seja, a baixa rentabilidade se daria pela suposta baixa qualidade do espetáculo apresentado, o que justificaria o não investimento na categoria. Portanto o (re)surgimento das equipes femininas nos principais times profissionais do país em 2016-2017 se deu em razão da obrigatoriedade da lei.<sup>64</sup> O futebol, independente da sua modalidade, ostenta a marca masculina.

Se em relação aos homens negros e pobres seu acesso apresentava a ambiguidade da permissão e proibição, aportada nas conveniências e interesses, no caso das mulheres, as barreiras fundadas no machismo propiciaram proibições legais, simbólicas e físicas. Cabe estabelecer que desde as primeiras partidas de futebol no Brasil, as mulheres participavam como espectadoras privilegiadas: após as missas, a partida de futebol tinha seu lugar

---

<sup>63</sup> LOURENÇO, Ana Carolina Silva; ARTEMENKO, Natália Pereira; BRAGAGLIA, Ana Paulo. A “objetificação” feminina na publicidade: uma discussão sob a ótica dos estereótipos. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação: XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Vila Velha – ES, 2014.

<sup>64</sup> As obrigatoriedades se dão a partir de duas circunstâncias. A primeira, parte do governo brasileiro, a partir da adesão dos clubes ao Programa de Modernização da Gestão e de Responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro (Profut), que impõe tal investimento como uma das condições para que o clube tenha direito a uma renegociação de dívida fiscal com a União. A segunda advém das entidades esportivas, e é parte do regulamento de licenciamento de clubes da CBF, estando entre os requisitos que deverão ser cumpridos pelos clubes interessados em participar de competições da CBF, da Conmebol e da Fifa. A norma prevê que o ano de 2017 sirva para adaptação dos clubes, que deverão cumprir a regra já em 2018. ANJOS, Luiza Aguiar; DANTAS, Marina de Mattos. Ludopédio: [s.n.], 2017. Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/o-problema-futebol-jogado-por-mulheres/>>. Acesso em: 28 maio 2017.

reservado no rol de atividades, a participação era tão frequente que os jogadores faziam homenagens às torcedoras, levando uma fita na lapela das camisas. Os debates sobre o jogo transcendiam as partidas, nos trens, feiras e outros espaços urbanos as mulheres discutiam futebol. Infelizmente no que se refere à formação de times femininos, são poucos os documentos historiográficos. Segundo Franzini, existem dois momentos históricos quanto a times formados por mulheres:

A primeira delas apareceu em 1950, na pioneira *História do Futebol no Brasil*, obra do jornalista Thomaz Mazzoni, e é taxativa: ao mencionar o primeiro confronto entre paulistas e cariocas no Pacaembu, disputado por São Paulo F. C. e América F. C. em 1940, o autor diz que ‘nesse jogo, como preliminar, foi lançado o futebol feminino, cujo interesse se limitou a esse único jogo. Morreu logo o futebol de moças’. Mais recentemente, na década de 1990, o historiador José Sebastião Witter afirma, em nota de rodapé ao texto de sua *Breve História do Futebol Brasileiro*, que ‘no Brasil, o primeiro jogo de futebol feminino de que se tem notícia foi disputado em 1913, entre times dos bairros da Cantareira e do Tremembé, de São Paulo. Cercado de preconceitos, o esporte não chegou a se firmar entre as mulheres’ (FRANZINI, 2009, p. 315).

A representação da masculinidade no ato de jogar e as catarses instituídas no torcer moldavam o esporte, e aos poucos iam apartando as mulheres de cena. Se no início as mulheres tinham destaque nas tribunas, com a alteração da classe social e cor dos jogadores e da torcida, com o advento da popularização do esporte, famílias de elite e suas filhas foram paulatinamente se distanciando do futebol. Os privilégios e o status em torcer para o clube transmutavam-se em novas representações destoantes dos padrões seguidos pela elite.

É salutar observar que o futebol se afirma como identidade masculina num momento de construções e (re)afirmações da inferioridade feminina, as teorias em voga, de caráter também eugenista formatavam um ideal feminino, determinando ideais e padrões de comportamento. A cientificidade de reforço da inferioridade feminina fundamentaria o famoso decreto n. 3.199 de 14 de abril de 1941: “Art. 54. Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. O instrumento legal ficou vigente de 1941 a 1979. A construção do ideal feminino e o estabelecimento de leis proibitivas contribuíam para o estigma em relação às mulheres que jogavam futebol, torciam ou participavam de qualquer atividade associada ao futebol, por destoar do padrão preestabelecido.

A (re)afirmação da masculinidade mediada pelo esporte cristalizava-se em dois times em campo que exibiam suas habilidades e sua virilidade; a força, a dedicação e a “luta” destoavam do feminino e, num movimento de autoafirmação da superioridade, a torcida se

espelhava nos “guerreiros” e se não podiam chutar ou participar em campo, extravasavam nos gritos, urros, e em situações de extremo descontentamento na violência física. Naturalizando o futebol como espaço masculino, sem que houvesse questionamento quanto ao desejo da mulher de participar ou não do esporte, e para que o homem participasse ativamente, seja como jogador, seja como torcedor, isso requeria que a mulher realizasse as atividades que o liberassem para o esporte. Neste sentido, o público se caracteriza como espaço masculino, enquanto que o cuidado com os filhos, a casa e a demais tarefas domésticas, ou seja, o privado, destina-se às mulheres.

Cabe aqui uma problematização importante quanto à participação das mulheres negras neste contexto: se é fato que havia mulheres nas tribunas e algumas experiências quanto à formação de times femininos, importante notar que as mulheres negras, não participaram deste processo. Se a luta pelo voto e pela liberação no mercado de trabalho eram bandeiras dos movimentos feministas, tais bandeiras não reverberavam entre as mulheres negras, visto que estas sempre estiveram no mercado de trabalho mais precarizado e degradante, e para a participação política da mulher branca foi fundamental que as tarefas<sup>65</sup> fossem realizadas pela mulher negra. A esfera pública sempre esteve plasmada nas relações femininas negras, para conservação de suas famílias e para a sobrevivência<sup>66</sup> no pós-escravidão. Foram necessárias estratégias para a manutenção da vida, seja no que se refere à alimentação, seja na própria defesa do corpo frente às violências naturalizadas contra a mulher negra. Num estudo pormenorizado, Davis aprofunda sobre as relações e condições sócio-ocupacionais das mulheres negras pós-escravidão e reforça que a constituição do racismo e do sexismo se expressa nas funções que serão desempenhadas por estas mulheres no espaço doméstico e agrícola que se resumirão nos únicos locais para o trabalho:

Depois de um quarto de século de ‘liberdade’, um grande número de mulheres negras ainda trabalhava no campo. Aquelas que conseguiram ir para a casa-grande encontraram a porta trancada para novas oportunidades a menos que preferissem,

---

<sup>65</sup>Os estudos realizados por Davis (2016) são pautados na situação da mulher negra estadunidense. No entanto, as condições são muito semelhantes às das mulheres negras brasileiras: mais de dois terços das mulheres negras de sua cidade foram forçadas a encontrar emprego como cozinheiras, babás, lavadeiras, camareiras, vendedoras ambulantes ou zeladoras e se viram em condições “tão ruins, se não piores do que as do período da escravidão”.

<sup>66</sup>Segundo Botelho (2014), as mulheres negras, seja em solo africano, responsável pelas trocas e possibilidades nos mercados, seja, já, em solo brasileiro, quando lhe eram impedidos os afetos maternos para desempenhar função de ama de leite, quando não tinha como matar a fome das suas próprias crias, mas cozinhou grandes banquetes para os senhores e sinhás ou ainda no espaço doméstico ou nas ruas como as quitandeiras, lavadeiras, as negras, negrinhas ou neguinhas estão submetidas a uma lógica de trabalho intenso e baixa afetividade, ainda, que no imaginário nacional a “mulata que seja a tal!!”, na verdade as mulheres negras sempre trabalharam e “[...] não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar” (CARNEIRO, 2003, p. 50).

por exemplo, lavar roupa em casa de diversas famílias brancas em vez de realizar serviços domésticos variados para uma única família branca. Apenas um número infinitesimal de mulheres negras conseguiu escapar do campo, da cozinha ou da lavanderia. De acordo com o censo de 1890, havia 2,7 milhões de meninas e mulheres negras com idade acima dos dez anos. Mais de 1 milhão delas eram trabalhadoras assalariadas: 38,7% na agricultura, 30,8% nos serviços domésticos, 15,6% em lavanderias e infimos 2,8% em manufaturas. (DAVIS, 2016, p. 95).

Retomando o caráter masculino que assumiu o futebol, compreendemos que a sociabilidade tende, em menor ou maior grau, dependendo da região, classe social e relações étnico-raciais, a ser mediada pelo futebol. Na escola, durante o intervalo, os meninos jogam bola, colam figurinhas em seus álbuns, discutem quem foi melhor em campo. Desde a primeira infância, a bola é o presente mais comum, e com frequência os bebês saem da maternidade uniformizados com o time do pai. Os meninos são levados a chutar qualquer objeto que simule a bola e dependendo do envolvimento familiar, com o futebol, sua presença nas arquibancadas dar-se-á de forma automática.<sup>67</sup>

Obviamente, que nem todos os meninos vão se interessar por futebol, entretanto, em algum momento o garoto fará a escolha de ficar fora deste universo. A ação será necessária na medida em que, no senso comum e no entrelaçar das relações sociais, é estabelecido que “ser” menino o insere por si só no campo de jogo. Na vida adulta a relação homem-futebol se consolida e as atividades masculinas estarão mediadas pelo futebol. Quantas conversas não se iniciam a partir da identificação do time ou de grupos de amigos que formam times para jogar uma vez por semana, ou na inserção nas torcidas organizadas, e por que não dizer o constrangimento de ir trabalhar após a eliminação para o time rival, *ad infinitum* são os exemplos que corroboram a sociabilidade masculina via o futebol.

A sociabilidade por intermédio do futebol, no caso feminino, não ocorre. As relações sociais estabelecidas irão se ajustar em outros critérios e parâmetros. Se o menino opta por não estar no futebol, com a menina ocorre o inverso, pois o universo futebolístico não está inscrito na formação feminina, as mulheres deverão fazer a escolha de inserção e, ao fazê-la, deverão assumir o peso de ocupar o “não lugar”, e seu pertencimento será posto à prova, seu conhecimento sobre o futebol será testado e sua paixão será questionada a todo momento.

Se no caso masculino há uma contemplação a figura do pai como via de acesso à paixão, no caso feminino a assertiva aparece como decodificador, ou seja, se uma mulher gosta de futebol é por conta do seu marido, namorado, companheiro, irmão ou do seu pai, como se houvesse uma incapacidade de autonomia e intelecto para gostar de futebol. Se a

---

<sup>67</sup> Na trajetória da pesquisa, ao ler as introduções das teses e livros sobre futebol desenvolvidas por homens, foram comuns relatos que a paixão pelo futebol foi mediada pela paixão do pai e são descritas memórias em relação à primeira ida ao estádio e contato com a torcida.

sociabilidade masculina está envolvida pelo futebol é líquido e certo que o menino adquirirá habilidades e conhecimentos referentes ao esporte, pois este é componente da sua constituição histórica.<sup>68</sup> No caso feminino, como lembrar-se do gol de fulano ou ciclano, na partida ocorrida em 1974, se seu cotidiano não passa pelo futebol? O exemplo jocoso é apenas para ilustrar e desmontar a ideia da incapacidade intelectual das mulheres em compreender o futebol, que é falaciosa e discriminatória. As barreiras para a mulher acessar o futebol estão imbricadas, portanto, nas relações de diferenciação entre os gêneros estabelecidas nas sociedades capitalistas.

Outrossim, ocupar as arquibancadas à beira do campo, assumir a diretoria de um clube, incide em romper condicionantes estabelecidos em todos os espaços sociais. Nesta condição há uma desvalorização quando estes espaços são tensionados, e a mulher tenta retomar o que lhe foi retirado. O ano em que Angela optou pelo campo é concomitante com o período de retomada do futebol feminino profissional. Os meios de comunicação prontamente passaram a retratar a modalidade construindo narrativas que reforçavam estigmas e discriminações; a retomada do futebol feminino representava em certo sentido a ruptura de “ordem”, o que significava a perda de privilégios, portanto, era necessário delimitar novamente em quais parâmetros se daria esta “inclusão”. A objetificação do corpo feminino é um caminho encontrado como forma de desqualificação na atividade esportiva. A capa da Revista *Placar* de 1984, destaca a quantidade de mulheres na prática do futebol, porém, a imagem de destaque é de um “corpo” objetificado:

---

<sup>68</sup> Souza (1996) realiza um amplo debate sobre as relações raciais e gênero estabelecidas no Brasil em relação ao futebol, contrapondo os estudos e elaborações que ao caracterizarem o futebol como identidade nacional desconsideram parte importante da população, uma vez que o caráter machista e racista impregnado nas relações futebolísticas o impedem de pronto de representar uma “nação”.





Imagem 13- Mulheres na prática do futebol, destaque para o “corpo” objetificado.  
Fonte: Revista Placar, 13 jul. 1984

Em outra reportagem, a articulação entre objeto, desvalorização e racismo estará evidente nas imagens e na escrita.



Imagem 14- Mulheres no futebol: objeto, desvalorização e racismo  
Fonte: Revista Placar, 28 out. 1983.

A bela mulher, no caso uma adolescente branca de 17 anos, recebe destaque principal para relatar as partidas em que o time feminino do Internacional Futebol Clube estava disputando. No decorrer da matéria não há referências sobre o campeonato que se disputa, as táticas empregadas, tampouco informações quanto às demais jogadoras do time. No entanto, os atributos físicos da jogadora são expostos nas imagens e no corpo do texto. Seus movimentos são relacionados a práticas sexuais, despertando o interesse dos homens em assistir as partidas, transformando a prática do futebol feminino em entretenimento masculino, não colaborando e até impedindo o acesso das mulheres como torcedoras.

**E**la balançou os quadris num movimento obrigatoriamente sensual para deslocar as duas adversárias à sua frente e fuzilou contra o gol do Internacional de Santa Maria. Depois, com a mesma graça, deu um soco vitorioso no ar. “Mata o velho, mata”, gritou das gerais “seu” Ambrósio, 60 anos, folclórico torcedor colorado.

Com medidas de Miss — 1,67 m de altura, 87 cm de busto, 62 de cintura, 93 de quadris e 58 de coxas —, não é por acaso que Bel se transformou na alegria da torcida durante as partidas preliminares do Inter no Beira-Rio. Seu amor à bola começou, com o apoio da mãe, dona Ercília, aos 11 anos. “A bola era mais atraente do que a chata e passiva boneca”, diz com convicção. Já marcou oito gols nesta temporada e pretende terminar o ano como artilheira do time. E tem uma qualidade que faz toda a galeira delirar: a garra. Chora e briga se joga mal ou perde o jogo.



O futebol feminino, neste contexto, deveria assumir a forma delicada, sensual e se caracterizar como uma atração masculina, desvinculando a prática de uma possibilidade de igualdade e competição com o futebol masculino. A hegemonia do futebol não poderia ser alterada, o futebol feminino, portanto, poderia ser um componente inferior, ligado mais ao entretenimento do que propriamente a uma prática esportiva. Na continuidade da matéria, o racismo será exposto de maneira violenta e secular: em contraposição à jovem moça branca, serão apresentadas as jogadoras fora do padrão social estabelecido de beleza e de comportamento:

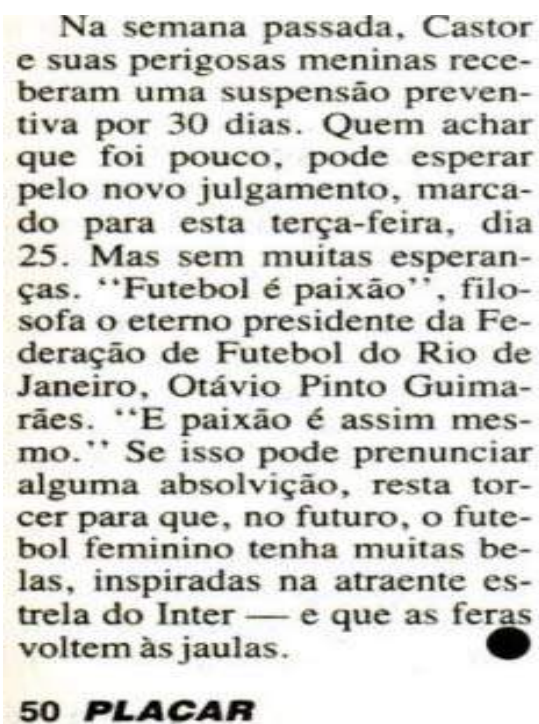


Imagem 16—Sobre as jogadoras negras

Fonte: Revista *Placar*, 28 out. 1983.

Ao relatar a partida ocorrida no Rio de Janeiro, a revista classifica as jogadoras como “feras”; a foto de destaque é de uma mulher negra com feições masculinas e a revista desenvolve uma narrativa no sentido de desqualificar tais jogadoras e seu comportamento, pois

as atitudes narradas destoam do ideal feminino e branco. O brigar, relatado como atributo saudável pela jogadora branca do Internacional, aparece agora como selvageria quando protagonizado por mulheres negras, e ao relacioná-las a “feras” lhes tiram a capacidade de sujeitos históricos e de humanidade. Nesse contexto, nem seu corpo é reconhecido, mas é passível de objetificação. Fazia-se necessário o rechaço de posturas “agressivas” na tentativa de desvincular do futebol feminino a ideia de masculinização, brutalidade e homossexualidade de suas praticantes; tais atributos deveriam se manter no futebol masculino e oficial, pois uma das tarefas era tornar o futebol feminino um produto rentável. Assim, a suavidade, a sensualidade e a feminilidade deveriam estar presentes.<sup>69</sup> Se no futebol masculino a luta, a exacerbação da violência e a virilidade eram enaltecidas, no caso do futebol feminino este padrão deveria ser veementemente combatido. A conclusão da matéria é reveladora neste sentido:



Na semana passada, Castor e suas perigosas meninas receberam uma suspensão preventiva por 30 dias. Quem achar que foi pouco, pode esperar pelo novo julgamento, marcado para esta terça-feira, dia 25. Mas sem muitas esperanças. “Futebol é paixão”, filosofa o eterno presidente da Federação de Futebol do Rio de Janeiro, Otávio Pinto Guimarães. “E paixão é assim mesmo.” Se isso pode prenunciar alguma absolvição, resta torcer para que, no futuro, o futebol feminino tenha muitas belas, inspiradas na atraente estrela do Inter — e que as feras voltem às jaulas.

**50 PLACAR**

Imagem 17—Conclusão da matéria  
Fonte: Revista *Placar*, 28 out. 1983.

O futebol de várzea, neste contexto, não permaneceria alheio às determinações machistas estabelecidas, porém, os contornos assumidos na modalidade teriam diferenciações, que não significariam necessariamente uma ruptura com o lugar de inserção da mulher no

<sup>69</sup> Ver artigo de SALVANI, Leila e MARCHI, Wanderley Júnior. “Uma história do futebol feminino nas páginas da revista *Placar* entre os anos de 1980-1990”, revista *Movimento*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 95-115, jan./mar. de 2013.

futebol, as tendências seriam reforçadas e reproduzidas.

Podemos considerar que os homens integrantes da várzea têm naquele espaço a possibilidade de realização barrada nos grandes clubes, que tem os torcedores “comuns” apenas como torcedores “comuns”. O fato da organização da várzea ocorrer coletivamente por trabalhadores inseridos no processo de marginalização não impediu, nem os eximiu de reproduzir as relações machistas. As mulheres, neste sentido, presentes no futebol de várzea, configuram-se como minoria e, se no esporte oficial, sua presença é barrada, no futebol de várzea, que se apresenta como local marginalizado, o pertencimento pode estigmatizar e reduzir a imagem feminina. A várzea constitui-se, portanto, com mais um lugar a ser ocupado e onde o sujeito feminino é compreendido como não ser. Durante o estudo realizado não foi possível localizar times exclusivamente femininos, mas a presença das mulheres na torcida é fator comum e, em algumas agremiações, são as mulheres responsáveis inclusive pelos instrumentos musicais.

No Negritude F.C., a presença feminina desenvolveu-se em momentos diferentes e atividades diversificadas, a primeira função referia-se à lavagem dos uniformes, Caju expõe com entusiasmo o auxílio da mãe: “na época minha mãe que lavava o fardamento” (risos). A função de lavagem do fardamento por mulheres pertencentes a famílias dos jogadores era e é bem comum na várzea e, no caso do Negritude, havia uma contribuição para custear a lavagem, repassada à mãe do dirigente.

As tarefas administrativas do clube foram, desde o começo, organizadas pelas mulheres. Angela informa que sua capacidade técnico-operativa foi fundamental para o convite; outra motivação foi a sua presença constante no time; a requisição deu-se desvinculada de um reconhecimento da mulher enquanto sujeito, e sim, pela tarefa administrativa relacionada à organização e ao cuidado. Os homens que a escolheram não aceitavam que suas filhas atuassem no clube, e associadas à tarefa administrativa estavam tarefas de realização de festas, produção de alimentos para os jogos e limpeza da sede:

Eu fui convidada para ser secretária do Negritude porque eu era mulher, porém, quem me convidou pra...ser secretária do Negritude, jamais permitiria que as filhas dele ou a mulher dele, fosse. Como eu já acompanhava o time, já era uma pessoa que fazia parte do grupo, tinha eu a Miriam, fui convidada para ser secretária. Eu era secretária, eu que limpava a sede por ser mulher, e eu tinha um grupo de meninas, que também acompanhavam e a gente combinava, eu trago isso, você traz aquilo, por ser mulher, para eles comerem, eles esperavam de nós isso. (ANGELA).

Angela reconhece, em sua descrição, que as funções estabelecidas no Negritude F.C. eram reflexo direto das relações sociais estabelecidas nos demais espaços da sociedade, e sua

participação na diretoria reforçava estes papéis. O “poder” presente estava no monopólio das informações quanto à formatação administrativa e jurídica do clube, sua funcionalidade era reconhecida, porém não havia uma reflexão sobre como um espaço democrático de organização popular poderia contribuir para a ruptura da opressão machista:

Então essa divisão por gênero era da própria sociedade machista. Que era uma coisa marcante lá também. Eu fui secretária, durante muitos anos no Negritude, em várias composições de diretoria, porque? Porque quando você começa organizando a documentação, na próxima já te chamam porque você já sabe, e aí vira uma coisa da tua experiência, é como uma secretária em uma empresa. Durante muito tempo, a secretária teve um papel de destaque porquê? Porque era ela tinha o controle burocrático de tudo e no time não era diferente, então, em várias composições de diretoria mudava o presidente, o vice, o tesoureiro, mas a secretária era eu. (ANGELA).

Durante o relato dos integrantes do clube os destaques às mulheres referiam sempre às funções desempenhadas, tarefas estas ligadas à formatação do modelo feminino, além de haver uma evidente diferenciação entre as mulheres que estavam no campo e as mulheres que compunham seus vínculos afetivos:

A mulheres participavam, iam junto para o jogo, quando tinha uma condição de festa, que a gente queria fazer, elas corriam atrás do espaço, se organizavam, faziam as festas, elas faziam isso aí. Mas mulheres para o clube, agora as nossas mulheres na época, não vinham, porque não gostavam e não gostam até hoje (risos), só quando tem uma festa, geralmente a gente faz aqui, como está em reforma, não tá dando para fazer mais. Mas para participar do futebol, para ficar na beira de campo, não. (CAJU).

Em outra passagem, a participação de familiares é “permitida” e exaltada, contudo, a valorização recebe aporte nos papéis femininos preestabelecidos. O entrevistado busca nos arquivos uma publicação da Copa Negritude com fotos das mulheres:

A Fabíola aqui trabalhando nas barracas para angariar fundos para o Negritude, aqui é minha filha, minha sobrinha, né, aqui é um repórter da Globo, que estava fazendo uma entrevista com a Angela, então as mulheres sempre foram muito atuantes, se você ver aqui na revista também, tem a Fabíola, é nessa aqui. Elas sempre foram muito atuantes. (REINALDO).





Imagem 18 - Mulheres que compõe a organização do time Copa Negritude 2009  
Fonte: Acervo Negritude F.C.



Imagem 19 - Torcida Organizada Negritude F.C.  
Fonte: Acervo do Negritude F.C.

Em 2012, Angela assumiu a função de diretora do clube, única atividade ocupada que destoava das outras funções desenvolvidas, entretanto, a ocupação do cargo não foi capaz de romper com a lógica sexista presente. Angela reforça que a eleição para presidente deu-se principalmente por sua formação técnica e ressalta as dificuldades enfrentadas por ser mulher:

[...] chega um momento que a experiência, o fato de você estar lá dentro, você ser mulher, ainda é marcante, até hoje, mas o tempo que você está lá te habilita para algumas coisas, então, por exemplo, eu fiz Serviço Social, e depois eu fiz faculdade de Direito, e eu acumulei alguns conhecimentos que me permitiram fazer coisas,

dentro do Negritude, pedir convênio, organizar documentação, fui atrás de pessoas que me deram prestígio pra depois ser presidente.

[...] Eu só fui presidente, porque o Reinaldo e o Caju, não podiam naquele momento, porque não era minha pretensão, mas eu fui e quando eu fui, aí a parte de gênero, é.... ressaltou entendeu? Então, teve uma rejeição por parte de uma ou duas pessoas, por conta da questão de gênero. Eu acredito que essas pessoas, não admitirão isso nunca, foi muito gritante sabe? Tipo é..... (pausa) pra mim pelo menos foi muito evidente. Que quando eu ... se eu sou mulher e você é mulher as outras pessoas reagem de uma forma, mas se eu sou mulher e você é homem e o universo é masculino as contradições aparecem. (ANGELA).

Por mais que o real demonstrasse a atuação das mulheres como sujeitos históricos as funções realizadas pela dirigente e demais participantes do clube não reverberaram numa reflexão crítica sobre as relações de gênero. Se pensarmos o espaço físico do Negritude F.C., a sede encontra-se no alto do terreno, impedindo a visualização do campo, ou seja, as mulheres que preparam o alimento e organizam as festas estão fisicamente apartadas do jogo.

A possibilidade de atuação assemelhada à igualdade aparece na hora do torcer, as mulheres presentes no Negritude F.C., como em outros times de várzea, compõem a torcida organizada, utilizam uniformes específicos para a torcida, e tensionam os campos para que possuam estrutura para sua participação, entretanto, esta atividade esbarra novamente nos estereótipos e discriminações:

O espaço esportivo do futebol era um espaço predominantemente masculino, onde as mulheres não iam porque ficavam mal vistas, porque ela tinha que viver com essa coisa do palavrão, do “xixi” na beirada do campo, porque eram poucos campos que tinham banheiro. (ANGELA).

Como pontuado anteriormente, as fissuras e alterações do cotidiano se darão no momento em que o grupo oprimido assume o protagonismo e exige alterações. Nessa correlação de força, que Angela revela, a mudança de comportamento dos homens do Negritude F.C., se deu após a consolidação da presença das mulheres na organização e na torcida, quando os jogadores passaram a não aceitar jogos em campos que não possuíam banheiro feminino, ou um espaço destinado às crianças. Apesar disso, tal comportamento não representava a unanimidade dos homens do time, e as relações foram estabelecidas entre tensões e enfrentamentos, pois frequentar um espaço majoritariamente masculino requerer estratégias e posturas contestatórias:

Dessas coisas de ter menos, menos acesso, esses rapazes (componentes do Negritude F.C.) tinha homem que tinha preconceito com a presença de mulher, e que até tornava o ambiente mais deturpado, hostil, para inibir a nossa presença, mas a gente sempre ia e também a gente dava a contrapartida que era preparar a comida para levar pra eles, então a gente cuidava deles, eles cuidavam da gente, e era muito



bacana tudo, sabe? Porque depois que a gente voltava do jogo, a gente se reunia ou na padaria ou na nossa sede que a gente tinha uma salinha né, para beber, para comer, para falar sobre o jogo, ou para falar sobre a semana e, então tudo se desdobrava num convívio social, onde o futebol era uma das atividades. (ANGELA).

O futebol de várzea, encontra-se muito distante de proporcionar um espaço de reflexão e participação das mulheres que ultrapasse os estereótipos definidos e a presença de Angela, e das demais mulheres no Negritude F.C. ainda está plasmada nas configurações sociais estabelecidas, as alterações são ínfimas. Entretanto, é necessário considerar que a frequência de mulheres, seja na lavagem de roupa, seja na torcida, seja na administração do time configura tensionamento e pode possibilitar ruptura. Angela conclui que há mudanças nas relações entre homens e mulheres no espaço da várzea, porém os papéis estão intactos:

A mulher continua minoria nos campos; eu penso que a presença da gente já é mais aceita, melhor aceita, porque antes era um lugar proibido, hoje não, a presença da mulher não só é permitida como muitas vezes ela é respeitada; antes a gente não era respeitada, antes para ser respeitada, nós tínhamos que ficar com nosso grupo para não correr o risco de sofrer algum tipo de retaliação. Hoje não, você está num campo de futebol, as pessoas te respeitam como se você tivesse em um restaurante, como se você tivesse em um outro ambiente, porém, ainda é tido como um ambiente masculino. [...] A mulher tem o papel ou de torcedora, ou de lavadora do uniforme. Eu fui a primeira diretora e não conheço outra ainda presidente de futebol de Várzea. (ANGELA).

Importante destacar a criticidade apresentada na fala de Angela e sua lucidez quanto aos avanços e recuos desde sua inserção no time, contudo, é salutar evidenciar que as relações de sociabilidade estabelecidas entre homens e mulheres no Negritude está presente desde a formação do time, propiciando um espaço de convivência e estabelecimento de vínculos. Se não foi possível considerar rupturas com a lógica rígida do machismo no interior do clube, podemos considerar nas falas das mulheres presentes nas suas atividades e na minha convivência nos jogos, festas e entrevistas, que o espaço do Negritude F.C. se apresenta como local de convívio e respeito mútuo. E a identidade do time é ancorada fortemente na participação das mulheres.

Para concluir, admitamos agora a possibilidade da arte em liberar a reflexão, e deixemos que Elizandra Souza<sup>70</sup>, em sua descrição poética, defina as representações de como

---

<sup>70</sup> Elizandra Souza é poeta, jornalista formada pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, foi editora da Agenda Cultural da Periferia, na Ação Educativa; locutora da Rádio Comunitária Heliópolis FM; integrante do coletivo Sarau das Pretas, de São Paulo. É fundadora do Coletivo Mjiba – Jovem Mulher Revolucionária, que desenvolve ações focadas no protagonismo das mulheres negras e periféricas. É também ativista cultural, com um trabalho consolidado há 16 anos na cultura de periferia e na literatura negra. Coautora de *Punga*, com o poeta AkinsKinte, Edições Toró (2007), autora do livro de poesias *Águas da cabaça* (2012) e organizadora da antologia *Pretextos de Mulheres Negras* (2013) e *Terra Fértil*, de Jenyffer Nascimento (2014).

se configura o feminino na várzea. Campo de disputa, pertencimento e resistência das mulheres negras e periféricas:

A bola vai, a vida vem  
As mulheres na várzea  
Com o time tatuado no peito  
Driblam a segunda, a primeira e a terceira

Dançam no meio do campo e na beira  
Trocam o vestido pelo calção  
O salto pela chuteira, a meia de seda pelo meião  
Bebe pelos pés a força ancestral

Frágil é apenas a grama que não sobreviveu no lamaçal  
Mulheres que costuram histórias  
Na medida que a bola vai, a vida vem  
Sábado abre alas, domingo se cala, chega segunda,

Seus avessos contêm pratos e patroas,  
Crianças nas costas e nos seios  
Suas mãos perfumadas de cheiros  
Mulheres na várzea dão vazão ao infinito

De um universo mais bonito  
Uma sinestesia de alegria e dor  
Um sopro de vida um suspiro de gol  
Risadas ritimadas aos gritos, fogos que estrelam o céu

A bateria que cala os olhos quando a bola rola  
A mulher que espera, o samba, o abraço, o batuque  
O coração que berra emudece e insulta  
A bola vai e a vida vem

Dribla, corre, desvia  
Vestida de terra gira e gira  
Segura a bandeira e firma o passo  
Recebe a força do barro

Rola, rola mas a chuteira crava suas garras no chão  
Mulheres na várzea mantêm o olhar de rebeldia  
Lustram o emblema do time que aprecia  
Em volta do campo? Enquanto eles jogam?

Elas cultuam seus rituais  
Torce pelo gol,  
Retorce a água no enxague do uniforme  
Torce para que o jogador não retorça o pé

Contorce o frio no abdômen  
Vibra com o destroce do adversário  
A poeira entre o pé, a bola e o chão  
A bola vai e a vida vem....<sup>71</sup>

---

<sup>71</sup> Poema declamado por Elizandra Souza no documentário “Várzea – a bola rolada na beira do coração”.  
Direção: Akins Kinte. Brasil: 2010. 35 mm.

### CAPÍTULO III

#### 3 CONTINUIDADE? A CATEGORIA DE BASE E OS POSSÍVEIS IMPACTOS SOBRE A INFÂNCIA

*Deixa ele beber  
Deixa ele fumar  
É melhor do que ele sacar de uma arma  
Pra nos matar  
Deixa ele gemer  
Deixa ele gozar  
Deixa ele voar  
É melhor do que ele sacar de uma arma  
Pra nos matar...  
Leci Brandão, 1999*

A ambiguidade expressa na epígrafe reflete a ambiguidade em meio ao debate sobre a prática do futebol por crianças e adolescentes. Diariamente milhares de meninos a partir de 6 ou 7 anos, em sua maioria pobres e negros, apresentarão como objetivo de vida se tornarem jogadores de futebol e irão se inserir em escolas de futebol particulares, comunitárias, serão contratados por times profissionais, ou irão participar das categorias de base dos times de várzea. As crianças e adolescentes que “desejam” exercer a carreira de jogador são contratados pelos times para compor seu quadro de jogadores em “formação”, caso morem em outro município, Estado e/ou país, passam a residir em alojamentos localizados no clube ou em casas de familiares de meninos que também compõem o time. É expedido um contrato pelo qual o time adquire os direitos federativos da criança e/ou adolescente.

O que não ocorre nas categorias de base dos clubes de várzea, uma vez que os meninos não residem nos clubes, mas nas proximidades destes, podendo os pequenos jogadores comparecer aos treinos e aos campeonatos, sem alterar sua residência. Não há formalização de contrato e as crianças e/ou adolescentes são tão somente praticantes do esporte. Isso não significa necessariamente que, nestes espaços, não ocorram situações que violam os direitos humanos. A expectativa de se tornar um jogador está tão presente quanto nas categorias de base dos clubes profissionais. Os garotos que treinam na várzea querem estar nos times profissionais, os que estão na base dos times profissionais querem estar no

time principal, o “desejo” em se tornar um jogador profissional fará com que todo o “esforço” seja pouco para o alcance desse objetivo.

Desde 1992, o Negritude F.C. conta com uma categoria de base em razão da organização da equipe e da necessidade de formação de novos quadros para ocupar a categoria Esporte, e por isso a entidade assumiu a tarefa de manter a categoria. As primeiras categorias foram sub12, sub13 e sub15. Somente nos anos 2000, constituiu-se a categoria sub17. A entidade possuía uma quantidade grande de meninos interessados em compor o time, e para manter o interesse, a diretoria incluiu desde a primeira edição da Copa Negritude a categoria de base.

O objetivo principal, nas palavras do coordenador em exercício (Barbosa), é a manutenção da categoria Esporte, contudo, dependendo do empenho e das capacidades técnicas do adolescente é possível sua transferência para um time profissional. Atualmente o time conta com cerca de 95 meninos ativos no clube e os treinos são realizados todas as quintas-feiras no período noturno. Frequentei os treinamentos e os jogos de disputa de campeonato e amistosos. E não importava o tempo, em dias frios com neblina, estavam lá os garotos, com uniformes improvisados, toucas e blusas para enganar o frio. Aos sábados, a alegria de ganhar um jogo e como recompensa poder tomar um refrigerante ao final da partida, era suficiente para os garotos, mesmo que o campo não possuísse qualquer estrutura e o jogo fosse realizado sob o sol do meio dia.



Imagem 20 - Categoria de base sub 17 Negritude Futebol Clube  
Fonte: Acervo de Roberta Pereira da Silva.

Após várias idas ao campo, a maioria já me conhecia e me cumprimentava afetosamente, alguns me identificavam como repórter, e se sentiam orgulhosos em me dar entrevistas. Em uma delas, dois adolescentes “fingiram” ser jogadores de futebol profissional utilizando alguns chavões comuns nas entrevistas pós-jogo: –“Graças a Deus, a partida foi boa, seguimos a orientação do professor e saímos com a vitória”. Salientamos que apesar da várzea apresentar características mais flexíveis em relação às categorias de base dos times oficiais, as aspirações em se tornar jogador profissional estão presentes para os adolescentes que compõem a base do Negritude F.C.. Os meninos reconhecem que participar da categoria de base os qualifica para acessar os times profissionais, portanto, ao questioná-los sobre o motivo de participarem da categoria de base do Negritude F.C. todos os entrevistados responderam “tornar-se um jogador de futebol”:

É meu objetivo desde pequeno, desde quando eu tinha 7 anos, eu tinha hobby não era um hobby, era um sonho, um desejo de ser jogador de futebol. Jogava brincando, já joguei em escolinha, já joguei em time e tudo mais. (NEYMAR).

É um sonho que eu quero realizar mais, é uma carreira difícil de chegar ao topo mas eu espero que eu consiga. (DAVID LUIZ).

Assim, muitos anos atrás, eu tinha, na minha cabeça, que se eu não virasse jogador, eu ia virar um cara depressivo assim, mas hoje é um sonho, que eu corro atrás ainda mais, tenho outros meios, tem o plano B, só que hoje está muito ruim de virar jogador de futebol por questão de dinheiro, porque antigamente era questão do amor, hoje é mais questão do dinheiro. Entendeu? Hoje eu tenho o plano B. Mas sonho, sim, corro atrás ainda. (ROBERTO CARLOS).

Quero, estou decidido! (MESSI).

Os adolescentes mais velhos, de 16-17 anos, apresentaram mais facilidade para se expressar e desenvolver melhor suas pretensões; os meninos entre 14-15 anos responderam de forma monossilábica, às vezes com gestos, entretanto, as falas apresentavam muita semelhança quando ao desejo de se tornarem jogadores e quanto aos esforços necessários para conquistarem o objetivo. Em algumas explicações, foram evidenciadas críticas ao caráter mercadológico, em detrimento da qualidade técnica do jogador; pelo menos três entrevistados ao mesmo tempo que afirmavam que fariam todo o esforço necessário para se tornarem jogador de futebol apontam as barreiras relacionadas ao tráfico de influências, compra de posição e necessidade de empresários:

Hoje em dia, assim, é complicado né, muitas pessoas dizem que envolve dinheiro, muitas pessoas dizem que envolve empresário, conhecimento, sorte, tem gente que está no lugar certo, na hora certa, fazendo a coisa certa, e tem coisas, tem pessoas que não dão a sorte ou não tem aquela pessoa para investir nele, isso daí é complicado. (NEYMAR).

Porque hoje, você vê muito cara ruim jogando bola, só que é filho de empresário entendeu, e tem muito moleque na vila que joga muita bola mas não tem condições de estar lá. Hoje é muito dinheiro que rola na verdade. (ROBERTO CARLOS).

Então, foi todos naquele quase [familiares que tentaram a carreira de jogador], esse exemplo que eu uso do meu tio, por causa que ele chegou lá, só que por conta de não ter o dinheiro, o cara mais ruim que ele passou para o Corinthians e ele não passou. Aí entrou uma decepção muito grande pra ele. E eu levo isso para mim, não se decepcionar mais para frente, né. (ROBERTO CARLOS).

É fundamental ressaltar que os locais onde se desenvolvem as categorias de base sempre serão apresentados como espaços de proteção, livres de situações que prejudicariam o desenvolvimento “saúdável” de crianças e adolescentes, bastando ao menino as seguintes pré-condições: esforço, dedicação, talento. A afirmação está evidenciada nos discursos do senso comum, na fala dos jogadores profissionais e na grande mídia, seja direta seja indiretamente. O que entrelaça perfeitamente com o discurso dominante, que reconhece as conquistas, econômicas e/ou sociais, como resultado de características individuais e trabalho duro, desvinculando qualquer tipo de relação com as condições objetivas históricas e sociais.

No futebol ainda aparece outro elemento que é o “dom”<sup>72</sup> natural do brasileiro em jogar bola, que ao longo da história foi deslocado para uma habilidade nata do jogador negro. Como qualquer outra atividade profissional, as características individuais são valoradas em detrimento das reais condições postas para o “sucesso” na profissão. No caso do futebol, a ideologia é acirrada, pois não só quem pratica o futebol defende este discurso, mas também os veículos de comunicação reforçam cotidianamente o discurso do esforço e da superação.

Os meios de comunicação financiados por empresas nacionais e multinacionais reproduzem uma narrativa de valorização do seu produto (o futebol). Os clubes, por sua vez, necessitam de “pé de obra” para se manterem, portanto, a reprodução da ideologia da ascensão social via futebol, e de que esta ascensão requer esforço e dedicação desde a primeira infância, cumpre uma função social bem delimitada. Se aprofundarmos o discurso em tela para além das aparências, apreendendo criticamente seus fundamentos, será possível encontrar vários indicadores ocultos na relação infância e adolescência e futebol.

Um primeiro indicador é a negação das características que compõem a infância e adolescência. É-lhes exigido esforço, responsabilidade, dedicação, cumprimento de várias horas de treino, cumprimento de contrato de trabalho, entre outras condicionalidades

---

<sup>72</sup> Giglio Sergio Settani aprofunda em sua dissertação de mestrado “Futebol: Mitos, Ídolos e Heróis” questões relacionadas ao mito do dom de jogar futebol ser nato ao brasileiro. Explicitando a contradição entre dom e esforço. GIGLIO, Sérgio S. Futebol: mitos, ídolos e heróis. 2007. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

incompatíveis com sua condição de sujeito de direitos e pessoa em situação peculiar de desenvolvimento. O sucesso e a profissionalização estariam, portanto, diametralmente ligados aos esforços individuais.

O Brasil conta com uma história um tanto significativa no que se refere aos direitos da criança e do adolescente. Somente na década de 1990, a partir da mobilização de diversos segmentos da sociedade, foi promulgada a lei 8069, de 1990, a partir daí denominada Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Anterior ao estatuto, a infância era regida pelo Código de Menores “Melo Mattos”, instituído em 1927, com reformulações em 1979. O instrumento legal considerava a criança e o adolescente (pobres) como “menores” passíveis de ação do Estado, representado pela força pública (polícia) e pelo Juizado de Menores. Ancorados na filosofia higienista e eugênica, os “menores” deveriam estar apartados da sociedade, ou seja, a política de atendimento, instaurada a partir da década de 1940, resumia-se à institucionalização.

Em 1942 foi criado o Serviço de Atendimento ao Menor (SAM), primeira política pública no trato da infância, e em 1964, a Fundação Nacional de Bem-Estar do Menor (Funabem). Em São Paulo, a responsável pelo atendimento dos “menores” era a Fundação do Bem-Estar do Menor (Febem), que em seus complexos abrigava todos os tipos de situações que envolvessem a infância/adolescência. Os “menores” eram considerados pessoas em “situação irregular”, ou seja, a sociedade, Estado e família não eram responsabilizados pela situação em que se encontrava esta população, uma vez que a lógica desenvolvida era considerar os “menores” como desviantes. Movimentos sociais, profissionais de diversas áreas, pastorais do menor, e principalmente, crianças e adolescentes sem direitos básicos garantidos, alheios a qualquer tipo de proteção, formaram movimentos sociais, entre eles o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMRR), e iniciaram ações que problematizavam a situação dessa população. Reuniões eram realizadas nas diversas regiões do país com o intuito de problematizar e fazer pensar a situação da criança e do adolescente no país o que culminou:

Na Assembleia Constituinte organizou-se um grupo de trabalho comprometido com o tema da criança e do adolescente, cujo resultado concretizou-se no artigo 227, que introduz conteúdo e enfoque próprios da Doutrina de Proteção Integral da Organização das Nações Unidas, trazendo os avanços da normativa internacional para a população infanto-juvenil brasileira. Este artigo garantia às crianças e adolescentes os direitos fundamentais de sobrevivência, desenvolvimento pessoal, social, integridade física, psicológica e moral, além de protegê-los de forma especial,

ou seja, através de dispositivos legais diferenciados, contra negligência, maus tratos, violência, exploração, crueldade e opressão.<sup>73</sup>

A inclusão do artigo na Constituição abriu espaço para o documento elaborado pelo movimento social da infância. Juristas, principalmente do Ministério Público, e profissionais de diversas áreas, contribuíram, portanto, para a criação de um arcabouço legal que garantisse os direitos da criança e do adolescente. No bojo desta movimentação, em 1989, o Brasil passou a ser signatário da Convenção Internacional dos Direitos da Criança.

Em 13 de julho de 1990 foi promulgado o Estatuto da Criança e do Adolescente. A trajetória, brevemente apresentada, explicita que é extremamente recente a forma como compreendemos a infância. O que não quer dizer necessariamente que as práticas exercidas ao longo de quase 68 anos foram abolidas, seja no âmbito da elaboração das políticas públicas seja no ideário da sociedade.

O futebol é um exemplo secular de como opera a continuidade da lógica da “situação irregular”, em que as determinações postas no Estatuto da Criança e do Adolescente, não se inter-relacionam com as práticas desenvolvidas e o resultado disto é o não reconhecimento destas práticas como violações de direitos. Peguemos como exemplo as relações de trabalho. A lei 8069/90 determina que somente poderão trabalhar os adolescentes com mais de 16 anos, salvo na condição de aprendiz aos 14 anos, pois bem, não é raro ouvir que é melhor estar trabalhando do que estar nas ruas. Lembrando que o adolescente que deve estar no trabalho, não é o adolescente branco, de classe média, e sim, os filhos e filhas da classe trabalhadora.

Pensando estritamente neste ponto, como questionar a inserção da criança/adolescente nos times profissionais a partir de contratos de trabalho? E com idades inferiores a 14 anos? Possuímos um arcabouço jurídico que não se efetiva quando pensamos em futebol, uma vez que além da reprodução da ideologia de ascensão via trabalho duro, consolidada na heterogeneidade da vida cotidiana, os órgãos que regem o futebol nacional (CBF) e internacional (FIFA), compreendem a criança/adolescente como uma das partes presentes na relação contratual necessária ao esporte de alto rendimento, o que destoa, no caso brasileiro, da doutrina de proteção integral. No ano que antecedeu a “Copa das Copas” o Centro de Defesa de Direitos da Criança e do Adolescente (Cedeca–BA), em parceria com a Unicef,

---

<sup>73</sup>LORENZI, Gisella Werneck. **Uma breve história da criança e do adolescente no Brasil**. Disponível em: <<http://www.promenino.org.br/noticias/arquivo/uma-breve-historia-dos-direitos-da-crianca-e-do-adolescente-no-brasil-14251>>. Acesso em: 2 out. 2016.



produziu um relatório sobre as crianças/adolescentes que estão inseridos na prática do futebol e a conclusão é que esta população está sujeita a, pelo menos, quatro riscos principais: 1) afastamento do ensino regular e profissionalização precoce; 2) exploração e abuso sexual; 3) ameaça à integridade física; 4) distanciamento da convivência familiar.

Assim, ao analisar a legislação disponível hoje, é possível afirmar que a manutenção das categorias de base e as constantes convocatórias para testes e prática nos centros de treinamento evidenciam a modalidade desporto de rendimento. Desse modo, contar com crianças – isto é, pessoas com até 12 anos incompletos – e adolescentes menores de 14 anos em categorias de base implica exploração do trabalho infantil. (CEDECA, 2013, p. 60).

Os impactos na infância e adolescência, neste sentido, são destruidores, pautar o trabalho infantil no futebol é urgente e nos coloca na condição de responsáveis para o enfrentamento desta demanda. A mercantilização da infância e as possibilidades lucrativas que um garoto pode apresentar a um clube são tão evidentes que foi apresentado em março/2017 um relatório assinado pelos deputados Andrés Sanchez (PT) e Rogério Marinho (PSDB), o primeiro ex-presidente do Corinthians, o segundo relator da “reforma” trabalhista, propondo a redução da idade mínima de 14 para 12 anos para a contratação de jogadores.

Os clubes, centros de treinamentos, e escolinhas são considerados, pelas instituições oficiais que regem o futebol, como espaços formadores. Nesse sentido, é perceptível o deslocamento da caracterização do trabalho para o caráter educacional, como uma estratégia de burlar a legislação e/ou atenuar os impactos presentes nas categorias de base:

Em 2012, a CBF se dispôs a fiscalizar as equipes e dar um selo às que atendem a uma série de requisitos. A Confederação, porém, não possui um registro do número de jogadores nas categorias de base e, dos 650 times profissionais do país, apenas seis conquistaram o título de Clube Formador. (CEDECA, 2013, p. 42).

Para ter acesso ao selo, o clube deve cumprir as seguintes determinações:

1. apresentar a relação dos técnicos e preparadores físicos responsáveis pela orientação e pelo monitoramento das respectivas categorias de base, com habilitação para o exercício da função;
2. comprovar a participação em competição oficial da categoria;
3. apresentar programa de treinamento, detalhando responsáveis, objetivos, horários e atividades, compatíveis com a faixa etária, atividade escolar dos atletas e período de competição;
4. proporcionar assistência educacional que permita ao atleta frequentar curso em horários compatíveis com as atividades de formação, em qualquer nível (alfabetização, ensino

fundamental, médio, superior, ou ainda curso técnico, profissionalizante, de capacitação ou de idiomas) mediante matrícula em estabelecimento de ensino regular ou através de professores contratados, mantendo controle sobre a frequência e o aproveitamento escolar do atleta;

5. proporcionar assistência médica aos atletas, através de profissional especializado contratado, terceirizado ou mediante celebração comprovada de convênio com instituições públicas ou privadas.

Mesmo representando um engodo, a titulação de “formador”, nem os requisitos mínimos apresentados são cumpridos, uma vez que dos 650 times profissionais do país apenas seis conseguiram o selo.<sup>74</sup> O Estado e os clubes entendidos neste trabalho como empresas, se desresponsabilizam, no que se refere ao trato com a infância e à adolescência.

A (des)responsabilização funciona como um dos fundamentos da reprodução da ideologia da ascensão, ideologia que, por sua vez, opera no sentido de esconder e/ou travestir, a real situação da classe operária e de seus filhos. O fato destes “meninos” estarem alheios a qualquer direito fundamental básico, não se faz presente quando discutimos o “desejo” de ser jogador de futebol. Os garotos entrevistados foram enfáticos ao considerar que o futebol lhes traria fama e dinheiro suficiente para a manutenção de suas famílias e a possibilidade de ajudar a comunidade onde moram:

Ajudar minha família... é... eu gosto de jogar futebol por causa que me espelho nos jogadores. Quero ajudar financeiramente, e ajudar meus avós, meus pais e minha família também. (CRISTIANO RONALDO).

Eu espero ajudar minha família financeiramente, com as dívidas que eu tenho, é ajudar as crianças que tem o meu, o mesmo sonho que o meu, por exemplo, é criar um campinho para elas, com muitos recursos bons, não que isso seja ruim, eu aprendo várias coisas, mas um gramadinho legal, iluminação e tudo, banheiro limpo, esses negócios. (POGBA).

Vou poder ajudar minha mãe financeiramente e eu pretendo abrir uma ONG. (NEYMAR).

O que eu espero? Eu vou ajudar as pessoas, e pagar as coisas da minha mãe, aluguel, criar uma ONG e ajudar as pessoas com câncer. (MESSI).

Ser um jogador famoso, ter uma carreira de sucesso que as pessoas na rua tenham conhecimento, da gente falar: – Caramba você fez tal gol, lembrança tudo mais. (NEYMAR).

Ó, eu espero ter sucesso, só isso, ter sucesso, jogar um grande time e se Deus quiser, alcançar a seleção brasileira que é o sonho de qualquer jogador. É o sonho de jogar pela seleção. (DAVID LUIZ).

---

<sup>74</sup>CENTRO DE DEFESA DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (CEDECA) YVES DE ROUSSAN. **A infância entra em campo: riscos e oportunidades para crianças e adolescentes no futebol**. Salvador, 2013

Quando um garoto justifica sua ida ao futebol para o pagamento do aluguel de sua casa, o que se deve ter como centralidade da análise é condição histórica/social em que está submetido este garoto. Ele poderia desejar ser médico, engenheiro, assistente social, músico, as possibilidades deveriam estar necessariamente a sua disposição, além do futebol, é obvio. A garantia de moradia, em tese, ou se nos balizarmos nos direitos fundamentais instituídos no Brasil, também deveria estar resolvida. Quando se pergunta sobre o futebol, dever-se-ia perguntar, portanto, sobre a condição socioeconômica dos pequenos jogadores, perguntar-se sobre a condição de pertença à classe trabalhadora, ou seja, alheia aos meios de produção da vida.

Destacamos que, no ideário das famílias, as crianças e adolescentes praticantes do futebol estão protegidos, em comparação à situação de não ocuparem as ruas praticando atividades ilícitas e/ou pensando nessas práticas. Consubstanciado a isto, há o vislumbre de que o menino irá se tornar um jogador de futebol profissional e que essa profissionalização poderá garantir o sustento da família, pondo fim à “vida dura”.

Característica da cotidianidade, Barroco (2007, p. 38) elabora com precisão sobre as relações espontâneas, pragmáticas e heterogêneas que se desenvolvem entre indivíduo e sociedade, e conclui que “o indivíduo responde às necessidades de sua reprodução sem apreender as mediações nelas presentes; por isso, é característico do modo de ser cotidiano o vínculo imediato entre pensamento e ação, a repetição automática de modos de comportamento”.

Nestes termos, há uma reprodução ideológica<sup>75</sup> que compreende o futebol como ferramenta de superação e resolução da ausência de garantias fundamentais básicas para a sobrevivência, ou seja, a criança e sua família percebem a sua condição de miserabilidade, mas a solução se daria via futebol. Não há, contudo, total passividade frente às expressões da questão social posta, mas os diversos instrumentos de reprodução ideológica impedem, pelo menos em curto prazo, uma reflexão de organização coletiva, assim sendo, a resposta para as mazelas vividas chegaria pela profissionalização da criança como jogador de futebol. A responsabilidade recai, deste modo, sobre a criança que assume nesse momento a difícil tarefa a partir de suas habilidades futebolísticas de melhorar sua vida e consequentemente a de sua

---

<sup>75</sup>A categoria ideologia está ancorada na concepção de Lukács (2012), elaborada em *Para uma ontologia do ser social II*. Não há, desde a alimentação e a sexualidade até a exteriorização mais abstrata de uma ideia, (*gedankenauoberungen*), nenhum componente do ser social cujo ser propriamente –assim concreto – não seja essencialmente codeterminado pelas circunstâncias sociais de seu nascimento. É só isso que significa a mais geral das determinações da ideologia. (LUKÁCS, 2013, p. 463).

família. Em entrevista realizada no bairro Jardim Sinhá, localizado na zona leste da cidade de São Paulo, uma criança pertencente ao time de várzea Jd. Sinhá faz a seguinte afirmação: “Nóis mora aqui, não tem como pagar as contas direito, não tem como comprar comida. Futebol é minha vida”<sup>76</sup>, e a fala é interrompida pelo choro.

As mazelas a que os adultos estão expostos refletem diretamente no cotidiano de seus filhos, portanto, o sonho de ser jogador, se relaciona não somente a um desejo individual, e pode aparecer muitas vezes como uma responsabilidade que a criança e o adolescente assumem em tirar sua família da condição de miserabilidade. Em consequência sua própria condição, outro ponto a ser observado é a realização do sonho do pai/irmão/primo que não se concluiu.

Neste ponto específico, chamou-nos a atenção o fato de a figura masculina, geralmente pai e avô, aparecer como central no despertar para o futebol. Ou a figura familiar masculina incentivou e o apresentou ao futebol ou então, teve sua carreira, como jogador, frustrada:

Desde pequeno, tive a influência do meu pai, de ver ele jogando, de ver meu primo jogando, ele jogando demais, acompanhava ele direto. E era um gosto de eu olhar ele dentro do campo e meu olho brilhar, e pensar eu quero tá ali, quero fazer diferente, quero mostrar o que eu sei, e eu vou conseguir. É uma coisa que eu não pretendo desistir não. Meu primo não joga mais como profissional, meu pai quase, mas só que ele teve um problema no joelho e acabou não jogando como profissional (NEYMAR).

É que desde pequeno, eu acompanho o futebol com meus pais (com meu pai), meus tios, e eu fui me apegando ao futebol, até que um dia eu decidi... eu decidi treinar, eu tinha 10 anos, quando eu comecei a treinar (DAVID LUIZ).

Da minha família. Todos os homens da minha família, 99% são todos ex-jogadores ou jogadores (ROBERTO CARLOS).

Eu quero ser jogador por conta do meu pai, ele ia ser profissional, mas o pai dele não deixou ele assinar o contrato com a Portuguesa. (RONALDINHO GAÚCHO)

Ah! Por causa que... meu vô sempre me falava, me levava nos estádios, e ficava mostrando o jogador, e queria ficar igual eles. Eu ia no lá de Santos (CRISTIANO RONALDO).

Podemos observar, portanto, o quanto a “escolha” está ancorada nas codeterminações históricas/sociais e ideológicas. O mesmo referencial deve ser considerado quando nos é apresentada a ausência da família ou a submissão da criança e do adolescente a situações de violência e vexatórias.

---

<sup>76</sup> Documentário exibido pela Sport TV – Brasil, intitulado Pelada Futebol na Favela, exibido em 24/12/2014.

Isso posto, consideramos que uma criança/adolescente com suas garantias básicas resolvidas pode escolher ser um jogador de futebol, porém, este escolhe dentre várias possibilidades, ser jogador de futebol é só uma das várias possibilidades. Assim como uma criança/adolescente que não possui sequer a alimentação em quantidade e qualidade garantida fará escolhas guiadas por sua condição objetiva. É comum o discurso de que a carreira e a chegada à profissionalização não são tarefas fáceis. O jogador Neymar Jr. que atua no Barcelona F.C. time de ponta da Espanha, fez a seguinte postagem em sua conta do Instagram<sup>77</sup>:



Imagem 21 – Postagem do jogador Neymar Jr. no Instagram

Fonte:Instagram

A imagem em questão veio acompanhada da seguinte afirmação: “Obrigado, Deus, por me dar saúde e com o fruto do meu trabalho poder realizar mais um sonho de criança”, a postagem teve mais um milhão de curtidas. O veículo em questão tem um custo estimado de 2,5 milhões. Neymar Jr. considera que a partir do seu trabalho, e da saúde que Deus lhe proporcionou, foi possível comprar seu sonho. Importante ressaltar que Neymar Jr. é agenciado pela empresa Nine,

<sup>77</sup> Rede Social onde é possível postar fotos e vídeos, em um perfil. O Instagram funciona com o relacionamento de vários perfis que se seguem mutuamente; é possível comentar e “curtir” as fotos e vídeos por meio de ferramentas eletrônicas.

de propriedade de outro jogador, Ronaldo Nazário. Tal informação é necessária, pois as postagens de Neymar Jr. não são aleatórias, mas mediada por quem cuida da sua imagem. A divulgação da imagem não ficou apenas na conta “pessoal” de Neymar Jr., mas foi veiculada em inúmeros meios de comunicação, o que só reforça a disseminação da ideologia de ascensão social. Questionamos um dos adolescentes entrevistados, que escolheu o Neymar como jogador a ser seguido, se a decisão se dava pelas características técnicas ou havia outros fatores que justificassem a escolha:

Ah! Tudo né, superação, ele começou num time fraco, passou para um time bom, ganhou tudo que ele tinha que ganhar no Santos e hoje ele está no auge. No topo e ele, tem merecimento disso porque ele correu atrás para conseguir isso. (NEYMAR).

Apresentar este extrato revela, portanto, o quanto reverbera este tipo de publicidade e divulgação, e que a ideia de se torna um jogador, presente no cotidiano das famílias e de seus filhos, não aparece da pura imaginação, mas sim, de determinações concretas e objetivas.

Aos sábados, Vânia Maria da Silva não precisava se levantar tão cedo como de costume para preparar o café da manhã. Denílson, o caçula da família, de 13 anos, se encarregava de lhe servir o banquete na cama. O ritual de mãe e filho terminou no último dia 9 de março. Denílson sofreu abusos sexuais de seu treinador de futebol e, ao tentar resistir, acabou brutalmente assassinado. O menino foi morto na periferia de São Lourenço da Mata, a menos de oito quilômetros da Arena Pernambuco, erguida para a Copa do Mundo. “Um filho num caixão. Esse é o legado que a Copa me deixou”.<sup>78</sup>

O assassinato de Denílson não obteve a mesma divulgação que a postagem de Neymar, e infelizmente a condição a que Denílson era submetido não é uma exceção. Se pensarmos especificamente quanto à exploração e abuso sexual, foi realizado em 2013, pelo jornalista Breiller Pires<sup>79</sup>, um levantamento dos casos cometidos contra crianças e adolescentes inseridos no futebol. O artigo publicado na revista *Placar* proporcionou a abertura de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que, segundo o jornalista, em artigo publicado em setembro de 2017, não avançou no que se refere à criminalização dos abusadores, tampouco no que se refere à fiscalização dos órgãos competentes, as escolinhas, clubes, centros esportivos etc.

---

<sup>78</sup>Breiller Pires publicou em set/2016 a matéria “Abuso Sexual e tráfico de crianças ainda assombram o futebol brasileiro”, que apresenta os desdobramentos do artigo de 2013, e lista os recentes casos de abuso sexual e tráfico de crianças. Disponível em: [https://www.vice.com/pt\\_br/article/bmgknd/abuso-sexual-e-trafico-de-criancas-ainda-assombram-o-futebol-brasileiro](https://www.vice.com/pt_br/article/bmgknd/abuso-sexual-e-trafico-de-criancas-ainda-assombram-o-futebol-brasileiro). Acesso em: 7 jul. 2017.

<sup>79</sup>O jornalista Breiller Pires publicou na revista *Placar* em abril de 2013, um dossiê sobre abusos sexuais contra crianças e adolescentes, ocorridos nas categorias de base. O ponto central da matéria refere-se às condições precárias oferecidas pelos clubes. No Clube Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, por exemplo, o alojamento continha camas sem colchão e abrigava cerca de 50 garotos. Um desses garotos faleceu no treino, não houve identificação dos responsáveis pelo crime e o time não sofreu qualquer tipo de punição. Disponível em: <http://revistaplacar.uol.com.br/static/revista/index.php?edicao=1377#.V4k907grLIU>. Acesso em: 15 jul. 2016.

Durante o decorrer da pesquisa, realizamos uma busca na internet quanto às notícias sobre situações que caracterizassem violações de direitos fundamentais relacionados ao futebol. Foram encontradas treze reportagens, entre abusos sexuais e maus tratos, além de uma morte<sup>80</sup> e um acidente ocorrido com o ônibus que levava adolescentes entre 16-17 anos, componentes da base do Clube Regatas Vasco da Gama.<sup>81</sup>No ano de 2016, ex-jogadores ingleses relataram abusos sexuais sofridos no período em que pertenciam às categorias de base. Como medida de combate aos abusos a Sociedade Nacional para a Prevenção da Crueldade às Crianças(NSPCC), com apoio financeiro da Federação Inglesa de Futebol(FA), ativou um canal de teleatendimento 24h para denúncias de abusos sexuais no futebol e, em uma semana, foram recebidas cerca de 900 chamadas<sup>82</sup>.Revelador pensar que as condições de violência sofrida por crianças e adolescentes que atuam no futebol não é exclusividade brasileira, entretanto, o número ínfimo de reportagens encontradas e a ausência de estudos sobre a situação da infância no futebol demonstram que os interesses rentáveis são superiores ao desenvolvimento pleno das crianças e adolescentes.

Os abusos sexuais têm ligação direta com as condições sociais vividas pelos garotos. Se, em suas famílias são escassos os recursos básicos, acredita-se que nos clubes tais necessidades serão supridas, não raro tal afirmação não se confirma e, em troca de alimentação e alojamentos mais confortáveis, adolescentes se submetem a situações de abuso sexual. Muitos alojamentos: locais onde residem as crianças/adolescentes que têm suas residências em outros Estados, municípios e/ou países, não apresentam condições mínimas de salubridade, são camas sem colchão, número de garotos excedente à capacidade do quarto, ausência de alimentação em quantidade e qualidade adequadas:

Em 2012, um atleta de 14 anos morreu em campo durante peneira na base vascaína, em Itaguaí. Seis meses depois, a Justiça interditou o alojamento em São Januário, que abrigava cerca de 50 adolescentes e tinha até camas sem colchão. O clube não foi condenado pela morte do garoto.

Atlético Mineiro e Portuguesa Santista: os dois times foram sentenciados pela Justiça em 2012 por manterem jovens em pensões com más condições de higiene e sem comida. O Galo chegou a abrigar menores de 14 anos, o que é vedado pelo

---

<sup>80</sup> Adolescente de 16 anos, componente da base da Portuguesa é encontrado morto na piscina do clube. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/portuguesa/noticia/2016/10/garoto-da-base-da-lusa-e-encontrado-morto-em-piscina-do-caninde.html>>. Acesso em: 11 jun. 2017.

<sup>81</sup> Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/vasco/noticia/onibus-do-sub-17-do-vasco-sofre-acidente-e-deixa-jogadores-feridos.ghtml>>. Acesso em: 11 jun. 2017.

<sup>82</sup> Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/linha-para-denunciar-abusos-no-futebol-ingles-recebe-860-ligacoes/>>. Acesso em: 11 jun. 2017.

Ministério Público do Trabalho, enquanto a Portuguesa confinava meninos de outros estados. (PIRES, 2013).<sup>83</sup>

Os clubes não possuem alojamentos que permitam a presença integral dos familiares, como também não custeiam qualquer despesa no que se refere a visitas dos responsáveis. Configurando-se violação grave, prevista no Capítulo III: “Do direito à convivência familiar e comunitária”, da lei n. 8069/90 já citada. A ausência de familiares torna as crianças/adolescentes completamente vulneráveis aos abusadores que se utilizam desta “ausência” e do fornecimento de “regalias”, para consumir o abuso. São camas, alimentação, chuteiras, folgas nos treinos, entre outras ofertas. Na reportagem de 2013, foram listados 103 casos de violações de direitos, envolvendo crianças e adolescentes, sendo 34 casos de abusos sexuais.

Infelizmente esta prática não é a única no que se refere aos abusos sexuais e tráfico de seres humanos. É comum aparecerem pessoas, autodenominadas empresários/ agenciadores, que levam os adolescentes para outros municípios e/ou Estados com a promessa de inseri-los em clubes profissionais e a família, por sua vez, paga em média R\$ 900,00, para a manutenção dos filhos. Os adolescentes permanecem em cárcere privado, e são constantemente submetidos a todo tipo de abuso. A reportagem realizada por (PIRES, 2016) apresenta novos números em relação aos abusos sexuais:

Nos últimos cinco anos, foram 82 registros, sendo que 41 deles aconteceram depois do pacto entre CBF e Congresso – 11 na primeira metade de 2016. A maioria das vítimas tem entre 8 e 15 anos e sofreu abusos de treinadores, preparadores físicos, dirigentes, empresários, olheiros e até árbitros. Como o apanhado da reportagem considera somente ocorrências que resultaram em inquérito policial ou processos judiciais, o número de abusos sexuais em clubes e escolinhas no Brasil pode ser bem maior.<sup>84</sup>

Portanto, além de estar presente a reificação que transforma a infância em mercadoria descartável, que por si só já significaria a violação direitos, o futebol está imerso numa série de situações perversas que submetem diariamente crianças e adolescentes à condição de subalternidade e violência.

Durante as conversas informais e as entrevistas realizadas com os adolescentes, não foi identificado qualquer tipo de violação de direitos, contudo, ao questionarmos o que significava o futebol, as expressões mais recorrentes foram: “minha vida”, “uma paixão” “arte” “tudo pra mim”. Quando a pergunta se referia a se transferirem para outro time fora do

---

<sup>83</sup>Revista Placar, abril 2013.

<sup>84</sup>Ibid.



Estado e/ou país, todos os entrevistados responderam positivamente e a principal dificuldade seria estar longe da família, o que pode significar uma vulnerabilidade e exposição aos diversos riscos.

A subalternidade e a violência, por sua vez, acompanharão a trajetória profissional e estarão presentes nas categorias profissionais. Os jogadores estão submetidos a diversas violações direitos, as mais comuns se referem aos direitos trabalhistas e ao preconceito, discriminação e racismo, como já desenvolvido anteriormente.

Estima-se que existam entre 10 e 15 mil postos de trabalho para jogadores de futebol no Brasil e que boa parte dessas vagas sejam sazonais – na terceira ou quarta divisão, por exemplo, é possível contratar jogadores por apenas alguns meses. Considerando que 20 clubes – dos 800 credenciados às subsidiárias da Fifa em 2007 – detêm 90% dos torcedores e que cada clube conta com cerca de 26 jogadores em sua equipe principal, são apenas 520 postos de trabalho nas principais ‘empresas’ desse mercado. Em 2009, segundo dados da CBF (Confederação Brasileira de Futebol), 84% dos jogadores, de todas as divisões do futebol profissional no Brasil, recebiam salários de até R\$ 1.000,00, 13% recebiam entre mil e nove mil reais, 3% recebiam acima de nove mil por mês. Dez anos antes, informações da mesma CBF indicavam que 51,6% dos jogadores recebiam até um salário mínimo e 33,2% até dois salários mínimos. Apenas 5,2% recebiam mais de dez salários mínimos. Esses dados, somados à estimativa de que menos de 1% dos candidatos passam pelas peneiras das divisões de base dos clubes, deveriam ser suficientes para demonstrar que a carreira no futebol não é uma aposta segura. (CEDECA, 2013 p. 31)

Isso nos permite dizer que a ascensão social está longe de ser para todos. Haja vista que uma das estratégias do modelo capitalista é a mistificação dos vitoriosos, vitória esta alcançada como mérito individual e, no caso do futebol (esforço e talento), o discurso é: tornar-te jogador, que rico serás. Redundante falar que tal afirmação é falsa, uma vez que excluindo um seleto grupo de jogadores pertencentes aos principais clubes das grandes capitais são raros os jogadores que têm os salários considerados astronômicos frente à massa que vive do seu trabalho. Confirmando-se, portanto, que a profissionalização não necessariamente irá garantir a ascensão financeira e o fim das violações.

Torna-se importante compreender que o atleta nada mais é que um trabalhador inserido em um mercado formal e/ou informal, muitas vezes precarizado. As condições de trabalho a que são submetidos os atletas, não diferem das de um trabalhador fabril, como bem define Melani:

Com algumas reservas, pode-se comparar o atleta profissional contemporâneo ao trabalhador fabril. A este, impõe-se uma série de ações e de comportamentos, visando à obtenção da maior produtividade possível, o que significa maior ritmo de produção e de fabricação de mercadorias. O trabalhador diretamente vinculado ao processo de produção executa movimentos que se ajustam ao ritmo das máquinas planejado pela direção da fábrica. (MELANI, 2013, p. 16).

Na condição de atleta, o praticante:

Subordina seus movimentos e seu corpo a propósitos estabelecidos por outros, visando à melhoria de seu desempenho esportivo. Subordina-se a um disciplinamento rigoroso, prescrito por profissionais de diversas áreas científicas que atuam no meio esportivo, biomecânica, fisiologia, educação física, nutrição, psicologia etc. (MELANI, 2013, p. 17).

Mesmo com salários altos, seu gol não lhe pertence, trata-se de um trabalho alienado já que sua ação (jogar bola) mesmo que traga no seu bojo, inventividade, improviso, certa plástica artística, às vezes, um inesperado “mágico”, está diretamente voltado ao acúmulo de capital, mesmo que por alguns momentos se reconheça o drible como seu, esse não o é. Até porque quando o jogador é extremamente talentoso sua habilidade é considerada como algo externo ao humano<sup>85</sup>, não se reconhece ali uma a genericidade humana. A vitória será tão somente apropriada para o fim específico, qual seja o lucro do time que, com a vitória, terá tanto rendimentos diretos (prêmios oferecidos pelas federações), como também rendimentos “indiretos”, publicidade, venda de artigos esportivos, cota de televisão entre outras.

Ou seja, as crianças e adolescentes, com apoio da ideologia da ascensão social via o futebol, são reificados e transformados em mercadoria. O trabalho explorado e alienado, quanto mais enriquece as equipes oficiais, as empresas patrocinadoras, as emissoras de TV, rádio e internet, mais tornam o jogador (trabalhador) uma mercadoria barata:

A realização do trabalho aparece a tal ponto como desrealização que o operário é desrealizado até a morte pela fome. A objetivação aparece a tal ponto como perda do objeto que o operário é privado dos objetos mais necessários não só da vida como também dos objetos de trabalho...A apropriação do objeto aparece a tal ponto como alienação que quanto mais objetos o operário produz tanto menos pode possuir e tanto mais cai sob a dominação do seu produto, do capital. (MARX, *in* NETTO, 2012, p. 95).

Portanto, o fato de pertencer a uma equipe, ser destaque, receber altos rendimentos não significa necessariamente que estão superadas as situações de racismo, tampouco a relação de exploração e alienação presentes no trabalho. Uma vez que o futebol não é capaz de “neutralizar” as relações presentes no cotidiano, o futebol é feito por homens vivos e ativos, e não por frases poéticas que só fazem sentido na consciência de alguns autores. Infelizmente, o que é mais recorrente no futebol é os inúmeros jogadores terem o mesmo destino de Fausto.<sup>86</sup> Ou seja, a ascensão social não se realiza e sua reprodução converte-se em ideologia.

---

<sup>85</sup> O jogador argentino Lionel Messi, eleito quatro vezes como melhor jogador do mundo, é considerado “extraterrestre”.

<sup>86</sup> “Ele (Fausto) se submetendo a tudo, jogando até de reserva para não deixar de jogar – botando sangue pela boca. Morreu esquecido num sanatório de Palmira. Foi enterrado lá mesmo, numa cova rasa. Um jornal lançou

Contudo, não se trata aqui de considerar a ideologia como falsa consciência, ou constituída pelo binômio mentira/verdade. A ideologia opera no cotidiano e está presente na resolução do o que fazer? dos homens e mulheres vivos e ativos. A ideologia supõe um antagonismo social que deve ser resolvido. Portanto, não necessariamente a ideologia representará algo sem valor. A constituição de uma ideologia supõe, assim, uma função social, para a resolução do conflito. A transformação de uma ideia em ideologia:

Se dá pelo efeito que ela exerce sobre esse mesmo *hic et nunc*; esse efeito pode ser diretamente intencionado, mas não precisa sê-lo; a passagem de uma ideia para o plano ideológico pode dar-se no trajeto percorrido através de múltiplas mediações, inclusive de tal maneira que só no processo de mediação essa transformação torne fato. (LUKÁCS, 2012, p. 465)

Não é redundante reforçar a importância de trazer à baila as relações étnico-raciais neste processo de constituição da ascensão social. Discutida nos capítulos anteriores, as relações étnico-raciais, podem ser a chave para compreensão da transformação e reprodução da ideia de que, via futebol, seria possível a ascensão social. No momento em que o negro passa a “integrar” os times enquanto jogador profissional, ele passa a receber salários e não mais bichos<sup>87</sup>, passa a integrar equipes internacionais e a compor os selecionados brasileiros, e passa na mesma medida a representar a ascensão do negro, o que consubstancia o discurso da “democracia racial”. Nas décadas que iniciaram a profissionalização no Brasil, a população negra estava alijada do processo de trabalho, principalmente dos processos fabris, uma vez que estes postos eram ocupados pelos de mão de obra especializada, vinda da Europa. O discurso à época se utilizava da suposta inexperiência do negro nos processos fabris, no entanto, sua fundamentação estava na política de branqueamento, que consubstanciava o racismo e obstaculizava o acesso da população negra aos postos de trabalho, e a “exclusão” posta era duramente questionada pelos movimentos sociais negros:

Questionava o projeto de ‘embranquecimento’ da população, com relação à discriminação que decorria em torno da preferência de trabalhadores de cor da pele branca. A falta de acesso dos negros, que se mostrava em torno das obstruções racistas no mercado de trabalho foi o foco das movimentações da organização dos negros ao longo das décadas de 20, 30 e 40. (SANTOS, 2015, p 123).

O futebol apresentava-se, neste contexto, objetivamente como uma possibilidade:

---

a ideia de um mausoléu para o Fausto, nada feito, o Flamengo nem quis contribuir com a metade das despesas para trazer o corpo da Maravilha Negra. Coisa de um conto e quinhentos”. (FILHO, 2010, p. 253).

<sup>87</sup> Quantidade em dinheiro ou animal (galinha, porco etc.) ofertado ao jogador que ganhasse a partida e/ou campeonato. Estas práticas se mantêm nos dias atuais como incentivo aos jogadores, nas partidas finais dos campeonatos.

Como seria de se esperar em sociedades crescentemente mercantilizadas, o futebol de jogo estudantil foi se tornando atividade profissional. Ele passa a ser mais um produto e seus produtores mais um tipo de operário. (FRANCO, 2007, p. 43).

Acrescidas às condições objetivas em que o futebol se apresentou, as imagens veiculadas, ontem e hoje, dos jogadores “bem-sucedidos”, tanto nas capas de jornais, quanto nas crônicas de rádio, além da utilização dos jogadores como garotos propaganda, desvincularam a imagem do atleta e o atrelaram a uma imagem de sucesso, lhe conferindo algum tipo de status social. Este tipo de ideologia é capaz de mascarar a movimentação dos negros e negras em relação a sua condição de subalternidade, exploração e violência. O conflito apresenta um esvaziamento e a marca que fica é da possibilidade individual. Repetido este processo mistificador, as crianças/adolescentes e suas famílias projetam, portanto, suas dificuldades cotidianas no futebol como solucionador. Tudo isso para dizer que a ideologia da ascensão social no seu reproduzir proporciona em certa medida o apaziguamento dos conflitos de raça-etnia e de classe.

A discussão a ser feita, portanto, quanto à inclusão da criança/adolescente na prática do futebol requer a reflexão de sua subalternização e reificação presentes tanto nas categorias de base, quanto na profissionalização. É necessário problematizar que o futebol está longe de ser um espaço protegido, e mesmo que o garoto se torne um jogador profissional, as garantias sonhadas dificilmente serão acessadas. Cabe, sim, compreender a infância e a adolescência como prioridade absoluta, passível do conjunto de garantias de direitos, sujeitos de sua história e em condição peculiar de desenvolvimento.

As reflexões estabelecidas podem e devem ser direcionadas ao futebol varzeano, contudo, algumas problematizações precisam ser destacadas e podem representar possibilidades de atuação e referências para o trato com a infância e juventude. O primeiro destaque refere-se à identidade que o time de várzea pode proporcionar aos adolescentes. Uma das perguntas feita foi: Qual a sua cor? Os adolescentes responderam prontamente, “sou negro” ou “minha cor é morena, mas sou negro”, “sou preto” e dois entrevistados responderam que eram brancos; os times da categoria de base seguem a mesma tendência das outras categorias, a maioria dos jogadores é negra. Não foram utilizados subterfúgios, substantivações e variações de cores. Compor um time que exalta a identidade étnico-racial pode apontar uma das chaves explicativas das respostas.

Os critérios para inclusão na base do time é apenas a vontade de jogar e cumprir a responsabilidade de horários dos treinos. Segundo (Barbosa) o único critério de acesso ao

time é a “boa índole” e, questionado como seria possível tirar a medida, a resposta foi a seguinte:

Espera, boa índole quando se constitui e a formação do cidadão. Se por exemplo você vem despreparado aqui no Negritude, qualquer atleta você vê tem quase 50 aí né, desses 50, todos eles eu conheço por nome, então, eu preciso, sabe, quem é que está chegando não é basicamente chegar aí e falar: eu vou jogar, por isso que há essa pré seleção, pra jogar no nosso time. Tanto é que um time são onze pessoas e tem idades ali dentro de sub 13, sub 15 e sub 17 que dá para fazer dois times, mas só joga um, o outro tem que ter a hombridade de esperar a sua vez, e é só isso entendeu? Coisa que nós, que tomamos responsabilidade do clube, prezamos muito para que seja feito assim. Tem que ter educação. O resto a gente procura compartilhar com eles, as necessidades deles são as mesmas que as nossas, as dificuldades são iguais, porém, tem que ter aquela pessoa da turma que manda e da turma que obedece, não se trata de ditadura, é uma questão que se chama hierarquia. Dentro de um conjunto de pessoas, precisa ter alguém que determine senão, não existe controle. (BARBOSA).

Quanto à participação das mulheres, como explicitado no ponto anterior, a inclusão deste segmento na atividade está longe de obter avanços. A categoria de base do Negritude F.C. não conta com a participação das meninas, a justificativa refere-se ao objetivo da categoria, de formar jogadores para compor a categoria Esporte, portanto, as meninas que desejem jogar futebol podem participar da “escolinha de futebol” administrada pelo time. O objetivo é a prática do esporte e não possui relação direta com a formação das equipes do Negritude F.C. Há um custo simbólico e a atividade é coordenada por um professor de educação física.

No que se refere à participação dos responsáveis, a presença é contínua, estes desempenham algumas funções e auxiliam no funcionamento da categoria. É notório que a presença dos familiares à beira do campo diminui os riscos a que estão expostos os adolescentes, e participar da categoria de base sem ter a necessidade de se distanciar da família é fator importante ao desenvolvimento e às melhores escolhas. Por fim, identificamos na fala de Barbosa a importância da categoria de base para a continuidade do Negritude, porém, o mesmo repertório não aparece no discurso dos adolescentes, garotos que compõem a base e são sistemicamente incluídos na categoria Esporte. A princípio isto não significa a continuidade do time enquanto entidade, seriam necessários aprofundamentos dos estudos e novas estratégias metodológicas para inferir a incidência de adolescentes que iniciaram na base e hoje ocupam cargos na diretoria, por exemplo.



Imagem 22 - Responsáveis pelos Adolescentes

Fonte: Acervo de Roberta Pereira da Silva.

Em suma, seja em espaços comunitários, escolinhas públicas, na quadra da escola, seja em times profissionais, os meninos estão embebidos do discurso ideológico cotidiano em se tornar jogador de futebol, em maior ou menor grau, e o que poderia ser uma atividade física toma contornos perversos no que se refere ao desenvolvimento da infância e juventude, transformando-a em mais uma mercadoria, que se valoriza e desvaloriza de acordo com sua demanda no mercado e, neste contexto, direitos fundamentais serão preteridos em função dos interesses particulares. O silêncio em torno das violências vivenciadas tem que se tornar ensurdecador e as rotundas escancaradas e, para tanto, além da ação dos instrumentos jurídicos legaisé preciso romper com a lógica de que a possibilidade de “ser” um jogador justifica as mazelas sofridas.



Imagem 23 - Time sub 17 Negritude Futebol Clube disputa de pênaltis  
Fonte: Acervo de Roberta Pereira da Silva.



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como uma bola que rola, vai ao ar e tem sua redenção entre as redes físicas ou imaginárias do gol, este estudo circulou por várias expressões cotidianas, com base na terra firme da várzea paulistana. Aparenta-se que estamos no final do segundo tempo de um jogo que ainda terá dois tempos de prorrogação e pênaltis.

As questões ora abordadas estão longe de ser conclusivas, na verdade, foi levantada a bola para que haja muitos chutes, em outras direções e por outros(as) jogadores(as). Foram necessárias algumas repetições no que se refere à temática futebol, e é certo que variadas produções acadêmicas já se debruçaram sobre questões aqui apontadas, no entanto, este estudo é pioneiro na área de Serviço Social. Por isso, fez-se prudente deixar permanecer no corpo do texto algumas definições e apontamentos sobre a origem do futebol, a participação dos negros e a discussão de alguns autores clássicos citados nos estudos sobre a temática, como Mario Filho e Lima Barreto.

A várzea como local privilegiado de estudo nos proporcionou um aprofundamento sobre as relações de resistência e organização popular dos trabalhadores que, em meio às expressões da questão social, conseguem a partir da apropriação do futebol, compor novas configurações sociais, além de ocupar espaços e (re)configurar o urbano. É perceptível como este tipo de organização popular pouco aparece nas discussões acadêmicas, nos debates dos movimentos sociais ou mesmo como estratégias de atuação das políticas públicas. Estas últimas perdem significativamente ao invisibilizar e/ou não reconhecer os campos de várzea como espaços de possibilidade.

A política pública de saúde, viabilizada pelo Sistema Único de Saúde (SUS), tem como base de ação primeira o território local onde as pessoas moram e transitam as Unidades Básicas de Saúde (UBSs), responsáveis pela atenção básica e prevenção em saúde são construídas a poucos metros de sua população, e esta é a ideia central. Realizar campanhas preventivas, formar grupos de acolhida e educativos, entre outras ações nos dias de jogo ou nas atividades realizadas nos campos de várzea, atingiriam um público que pouco frequenta os equipamentos de saúde. Este é apenas um exemplo dos vários que poderíamos elencar.

O futebol de várzea também se apresenta como alternativa frente às críticas e reflexões feitas acerca do futebol moderno, institucionalizado e cada vez mais regrado, ao contrário da troca de papéis contínua e permanenteno futebol varzeano, em que os torcedores se misturam aos jogadores e aos organizadores.As bandeiras, fogos, sinalizadores estão mais do que



presentes, e a rentabilidade econômica ainda caminha longe, frente ao espetáculo e confraternização.

Para desenvolver o estudo sobre o Negritude Futebol Clube e o futebol de várzea foi necessário abandonar compreensões cristalizadas e assumir que não se trata de “ofutebol”, mas de uma prática esportiva, praticada por indivíduos históricos, pertencentes ao real, e componentes do cotidiano. Portanto, a sua composição pode conter múltiplos valores, sejam eles positivos ou negativos, estabelecidos na sociedade, com as características de cada época. A multiplicidade de sentimentos que o futebol desperta, só o aproxima das determinações econômicas, políticas e sociais, e não o contrário. E o futebol de várzea insere-se neste contexto como uma alternativa de organização popular, sendo a sociabilidade e a possibilidade de ruptura com formas desumanizantes centrais na sua formação mediadas pela atividade esportiva.

O estudo possibilitou uma análise para além das expressões fenomênicas, pois a partir do resgate histórico do Negritude F.C., podemos coligar a história de um time com a história de uma comunidade, destacando principalmente a organização do lazer e do esporte que se desenvolveu alheia à intervenção do Estado, aportada na organização de negros e negras frente à opressão e racismo cotidianos.

O caráter ontológico, perpassado pela temática étnico-racial, possibilitou a compreensão das expressões cotidianas apresentadas. Foi discutido como o racismo incidiu e se reflete nos diversos campos da vida. Debates como a segregação social está diretamente ligada a um grupo específico da população e não é à toa que a maioria dos pertencentes ao Negritude F.C. são negros e negras. A identidade étnico-racial fez-se presente na constituição e manutenção deste time.

O nome e as demais referências às lideranças negras, por si só, apresentam uma contestação, pois afirmar-se enquanto Negritude F.C. traz à baila um debate encarado como resolvido, principalmente se pensarmos no início da década de 1980. A valoração enquanto negros e negras periféricos acarreta incômodos, pois os subjugados assumem papel de liderança e de sujeitos, destoando dos estereótipos divulgados da incapacidade e inferioridade. Escancara-se o que está escamoteado.

O silêncio do racismo no futebol cumpre uma função social específica de mistificar o racismo presente em toda a sociedade brasileira e divulgar a falsa ideia que o futebol é representação máxima do mito da democracia racial. Tal mito impede o debate sobre a ruptura dos privilégios presentes na modalidade, mantendo intactos os papéis sociais estabelecidos. Os

jogadores negros, além de sofrerem a violência do racismo e da discriminação mantêm-se como mão de obra e base da pirâmide organizacional do futebol. Identificamos, portanto, que o racismo não está só na arquibancada, mas sedimentado em todas as relações que perpassam o esporte.

A participação das mulheres no futebol de várzea apresenta-se como desafio. Se, por um lado, sua presença ainda carrega marcas do machismo e algumas funções não sofreram alterações, por outro lado, o modo que se formata o futebol de várzea permite uma maior mobilidade das mulheres entre os espaços e atribuições. Além disso, por se tratar de um espaço genuinamente público as barreiras sociais ainda incidem na maior presença de mulheres. Os clubes de várzea não contam com equipes femininas, não diferente dos clubes profissionais, que somente após a obrigatoriedade passaram a contar com a categoria feminina.

Entre a bola rolando, a incidência do racismo e a resistência feminina, encontramos um grupo sonhador, crianças e adolescentes que mesclam o brincar com o se divertir e o sonho de se tornar jogador de futebol. O Negritude F.C., assim como os demais times de várzea, mantém ativas as categorias de base, que ora aparecem como escolas de futebol, ora como continuidade e reposição para a categoria principal. É certo que não se trata de novidade o desejo de ser jogador, porém, o que se evidenciou como urgente de estudos e, porque não dizer, de denúncia é a vulnerabilidade a que estão sujeitos os garotos, frente às diversas violações de direitos presentes no futebol. A lógica de mercantilização da infância se entrelaça ao sonho, justificando as mazelas e violações diárias. As violências vestem a máscara do esforço e da superação e o produto final apresentado (um jogador de sucesso) é mais que suficiente para apagar as marcas desumanas. Como afirmado anteriormente, não identificamos violações de direitos humanos em relação aos adolescentes que estão na várzea, contudo, as vulnerabilidades foram expostas, e os adolescentes entrevistados estão disponíveis para o próximo passo da carreira, que é atuar num time profissional.

Se houve avanços quanto o entendimento sobre a infância e a juventude, a participação deste segmento no futebol, ainda carrega marcas da ideologia cristalizada no código de menores e de como reconhecemos esta população ao longo da história. Máximas como “é melhor estar num time do que na rua”, ou “no time ele tem a possibilidade de morar bem e alimentar-se” ainda se fazem presentes. É preciso encarar a prática esportiva do futebol como trabalho, e não se trata de giro semântico, as legislações brasileiras referentes às crianças e adolescentes, permitem o trabalho somente da pessoa com mais de 16 anos, e seguir o

preceito legal já evitaria uma série de violações. Por outro lado, esta pesquisa compreende os clubes profissionais como empresas e, nesse sentido, é impensável a manutenção de categorias de base, pois independentemente da estrutura dos alojamentos, dos profissionais envolvidos, da alimentação etc., trata-se de institucionalização, caso contrário, não seria necessária a autorização judicial para a permanência.

Privá-los da convivência familiar e comunitária, não permitir o acesso à formação escolar básica, exigir treinamentos rígidos, esforços repetitivos, são extremamente danosos à formação, destoando inclusive da nomenclatura “clubes formadores”, dada a eles. É preciso romper com o entendimento de que nos clubes as crianças e adolescentes estão protegidos. Crianças e adolescentes não são mercadorias, são sujeitos de direitos, e pessoas em situação peculiar de desenvolvimento, e permitir as categorias de base nos clubes é permitir o aniquilamento da infância.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Sergio de. Vinte e dois anos de política de habitação popular (1964-86): Criação, trajetória e extinção do BNH. **Revista de Administração Pública**, volume 22, n.4, 1988, São Paulo, FGV.

BARRETO, Lima. **Feiras e Mafuás**. 1ª ed. São Paulo – Rio de Janeiro: Editora Mérito S. A. 1953.

\_\_\_\_\_. **Diário do Hospício e Cemitério dos Vivos** – São Paulo: Cosac Naify, 2015.

\_\_\_\_\_. **Um longo sonho do futuro: Diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas**. 2ª ed – Rio de Janeiro: Graphia. 1998.

\_\_\_\_\_. **Vidas Urbanas**. Biblioteca Nacional. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=2171](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2171)>. Acesso em: 7 ago. 2015.

BARROCO, M. L. S. **Ética e Serviço Social: fundamentos ontológicos**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

BEHRING, Elaine Rossetti; BOSCHETTI, Ivanete. **Política social: fundamentos e história**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

BOTELHO, Denise M. **Educação e Candomblé: Contribuições para a discussão de raça e gênero**. 18 Redor – Recife/PE, 2014.

BRASIL, Lei 8069 de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente.

BUARQUE, C. **Meus Caros Amigos**. Rio de Janeiro: Universal Music, 1976.

CAJAZEIRA, Danilo Heitor Vilarinho. A copa de 2014 e a olimpíada de 2016 enquanto projetos políticos para o espaço. **PUCVIVA**, 38. São Paulo: Apropuc, mai./ago., 2010.

CAMPOS, Flavio de. **A Copa da política em um país do futebol**. In: MARQUES, José Carlos, A copa das copas? Reflexões Sobre o Mundial de 2014 no Brasil, São Paulo: Edições Ludens, 2015.

CASTILHO, Edmilson Peres. A Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo (Cohab-SP): o principal agente da política de habitação popular da ditadura militar brasileira (1964-1985). **XXVII Simpósio Nacional de História: Lugares dos Historiadores Velhos e Novos Desafios**. 2005. Florianópolis, SC.

CENTRO DE DEFESA DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (CEDECA) YVES DE ROUSSAN. **A infância entra em campo: riscos e oportunidades para crianças e adolescentes no futebol**. Salvador, 2013.

CHALHOUB, Sidney; Pereira, Leonardo Afonso de Miranda (Orgs.). **A História Contada, Capítulos de História Social da Literatura Social da Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, v.16, p. 221-236, 2003.

CONSELHO REGIONAL DE SERVIÇO SOCIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO, 9ª Região. **Legislação Brasileira para o Serviço Social**. São Paulo: O Conselho, 2004.

CORRÊA, Lúcia Helena. **“Racismo no Futebol Brasileiro”**, in: DIEGUEZ, Gilda Korff (Org.). **Esporte e Poder**. Petrópolis: Vozes, 1985.

COSTA, Emília Viotti da. **Coroas de glória lágrima de sangue: a rebelião dos escravos de demerara em 1823**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DAMATTA, R. A antropologia do óbvio: Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n.22, p. 10-17, 1994.

DAMO, A. S. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 129-156, maio/ago., 2003.

DAOLIO, Jocimar. **Cultura: educação física e futebol**. 3ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 2006.

DAVIS, Angela. **Mulher, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

EURICO, M. C. **A percepção do assistente social acerca do racismo institucional**. São Paulo: Serviço Social e Sociedade, n. 114, abr./jun.2013.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. 5ª ed., 2010.

FLORENZANO, José Paulo. **A democracia corintiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro**. São Paulo: Fapesp; EDUC, 2010.

\_\_\_\_\_. **Futebol Racismo: O Mito da Democracia Racial em Campo**. Goethe Institute. 2012. Disponível em: <<http://www.goethe.de/ins/br/sap/prj/fus/ges/pt9657066.htm>>. Acesso em: 17 jul. 2016.

FORTES, Rafael. **O mundial de 2014 no imaginário popular brasileiro**. In: MARQUES, José Carlos, A copa das copas? Reflexões Sobre o Mundial de 2014 no Brasil. São Paulo: Edições Ludens, 2015.

FRANZINI, F. Futebol é "coisa para macho"? : pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

FRANCO Jr., Hilário. **A dança dos Deuses**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao Sol e à Sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

GIGLIO, S.; SPAGGIARI, E. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). **Revista de História**, São Paulo, n. 163, p.293-350, 2010.

\_\_\_\_\_. **A prática futebolística nos espaços populares e os 'vazios' estatais**. Há necessidade de ampliar-se o recorte de mapeamento dos projetos sociais esportivos existentes no Brasil. Disponível em: <<http://universidadedofutebol.com.br/a-pratica-futebolistica-nos-espacos-populares-e-os-vazios-estatais/>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

GUERRA, Y. **A dimensão investigativa no exercício profissional** Yolanda Guerra. Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

GUILIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol, dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandrina, 2002.

HAAG, Ribeiro Fernanda. Mario Filho e *o negro no futebol brasileiro*: uma análise histórica sobre a produção do livro. **Esporte e Sociedade**, ano 9, n. 23, março 2014.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 4ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1970.

HOBBSBAWM, Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1780, programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

IAMAMOTO, M. V. **Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

IANNI, Octávio. **A ideia de Brasil Moderno**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

\_\_\_\_\_. Octavio Ianni: O preconceito racial no Brasil. **Revista Estudos Avançados**, 18 (50), 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100002)>. Acesso em: 17 jul. 2016.

LESSA, Sergio. Alienação e Estranhamento, in: MARX, K. **Cadernos de Paris; Manuscritos econômicos-filosóficos**. Trad. José Paulo Netto e Maria Antonia Pacheco. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

LEVER, Janet. **A loucura do futebol**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1983.

LORENZI, Gisella Werneck. **Uma breve história da criança e do adolescente no Brasil**. Disponível em: <<http://www.promenino.org.br/noticias/arquivo/uma-breve-historia-dos-direitos-da-crianca-e-do-adolescente-no-brasil-14251>>. Acesso em: 2 out.2016.

LUKÁCS, Gyorgy. **Ensaios Sobre Literatura**. São Paulo: Civilização Brasileira.

\_\_\_\_\_. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo Editora, 2013.

\_\_\_\_\_. **As bases ontológicas do pensamento e a atividade do homem.** Disponível em: <[http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem\\_pedagogica/fev\\_2009/bases\\_ontologicas\\_pensamento\\_atividade\\_homem\\_lukacs.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/fev_2009/bases_ontologicas_pensamento_atividade_homem_lukacs.pdf)>. Acesso em: 9 out. 2016.

MARX, K. **Manuscritos Econômicos – Filosóficos de 1844.** Apresentação e notas Jesus Ranieri [quatro reimp.] São Paulo: Boitempo, 2010.

\_\_\_\_\_. **Sobre a questão judaica.** São Paulo: Boitempo, 2010.

\_\_\_\_\_; ENGELS F. **A ideologia alemã.** 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2007.

\_\_\_\_\_. **O Capital – Crítica a Economia Política.** v.1, livro primeiro, p 149-163. São Paulo: Abril, 1983.

MELANI, R. O significado do esporte. **PUCVIVA**, 38. São Paulo: Apropuc, mai./ago., 2010.

MENDEZ, Marcelo. **Contos da várzea e outros blues.** São Paulo: Córrego, 2015.

MÉZÁROS, István. **O Poder da Ideologia.** 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 29ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MOURA, Clovis. **A Sociologia do Negro Brasileiro.** 1ª ed. São Paulo: Atica, 1989.

\_\_\_\_\_. **Dialética Radical do Brasil Negro.** 2ª ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2014.

MOURA, Eriberto Lessa. “O futebol como área reservada masculina”. in: DAOLIO, Jocimar (Org.). **Futebol, cultura e sociedade.** Campinas: Autores Associados, 2005.

NASCIMENTO, Antônio Rodrigues do. **Futebol & relação de consumo.** 1ª ed. Barueri: Minha Editora, 2013.

NETO, Joaquim Francisco de Lira: O conceito marxiano de “ópio do povo” e a perspectiva brasileira do futebol. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – v. 11, n. 2, 2012, p. 26-37.

NETTO, J. P. **Crise do Capital e consequências societárias.** In: Revista Serviço Social e Sociedade n. 111. São Paulo: Cortez, jul./set., 2012.

\_\_\_\_\_. Para a crítica da vida cotidiana. In: NETTO, J. P.; FALCÃO, M. C. **Cotidiano: conhecimento e crítica.** São Paulo: Cortez, 1987.

\_\_\_\_\_. **O leitor de Marx.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

\_\_\_\_\_. **Capitalismo e Reificação.** São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1981.

\_\_\_\_\_. **Capitalismo Monopolista e Serviço Social.** 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

OLIVEIRA, Nelma Gusmão de. Jogo espetáculo, jogo negócio in: JENNINGS, Andrew et al. **Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas?** São Paulo : Boitempo: Carta Maior, 2014.

PEREIRA, Tatiana Rovina Castro. **Interação, Sentido e Visibilidade no Futebol de Várzea em São Paulo: sujeitos, comunidades, marcas e uma cidade em jogo: sujeitos,**

comunidades, marcas e uma cidade em jogo. 2012. 236 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

PIRES, Brellier. **O lado Sombrio da Bola.** Disponível em: <[https://issuu.com/breiller/docs/abuso\\_sexual\\_futebol\\_revista\\_placar/4](https://issuu.com/breiller/docs/abuso_sexual_futebol_revista_placar/4)>. Acesso em: 2 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **Abuso sexual e tráfico de criança ainda assombram o futebol brasileiro.** Disponível em: <[www.vice.com/pt\\_br/read/abuso-sexual-e-trafico-de-criancas-ainda-assombram-o-futebol-brasileiro](http://www.vice.com/pt_br/read/abuso-sexual-e-trafico-de-criancas-ainda-assombram-o-futebol-brasileiro)>. Acesso em: 2 out. 2016.

RACIONAIS, Mcs. **Raio X do Brasil.** São Paulo: Zimbábue Records, 1993.

RAMOS, Roberto. **Futebol: Ideologia do poder.** Petrópolis: Vozes.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, Macumba e Futebol.** São Paulo: Edusp, 1993.

SALUN, Alfredo Oscar. **Corinthians e Palestra Itália: Futebol em Terras Bandeirantes.** São Paulo: Todas as Musas, 2015.

SANTOS, Diogo Joaquim do. **Racismo e resistência à discriminação: uma contribuição ao estudo das lutas sociais das negras e dos negros da classe trabalhadora.** Dissertação de Mestrado. PUC – SP, 2016.

SARAIVA, A. **O Serviço Social na Formação do Atleta Cidadão.** 2007 (Trabalho de Conclusão de Curso), Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2007.

SILVA, Diana Mendes Machado da. **A Associação Atlética Anhanguera e o futebol de várzea na cidade de São Paulo (1928-1950).** 2013. 210 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SILVA, Martiniano J. **Racismo a Brasileira: raízes históricas: um novo nível de reflexão sobre a história social do Brasil.** 4ª ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2009.

SILVA, Uelber B. **Racismo e Alienação: uma aproximação à base ontológica da temática racial.** São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

SOUZA, Marcos Alves. **Gênero e Raça: A nação construída pelo futebol brasileiro.** Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1864>>. Acesso em: 7 ago. 2015.

SCHWARCZ, Lilia (Org.). **Contos Completos de Lima Barreto.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010..

\_\_\_\_\_. Moderna República velha: um outro ano de 1922. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 55, p.59-88, mar. 2012.

SPORTV. “Pelada -Futebol na Favela”, 2014. 1h16 min.

SUSSEKIND, Helio Carlos. **Futebol em dois tempos.** Rio de Janeiro: Relume.



TONINI, Marcel Diego. **Além dos Gramados:** História oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010). 2010. 432 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Depto.de História, USP, São Paulo, 2010.

VÁRZEA – A BOLA ROLADA NA BEIRA DO CORAÇÃO. Direção: Akins Kinte. Brasil: 2010. 35 mm.

YASBEK, M. **Classes Subalternas e assistência social.** 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.